



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO- PPG  
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM  
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS- ODEERE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADE -PPGREC**

**ISIS ASSIS CHABI**

**MULHERES VASSOUREIRAS DO KM 04 EM JEQUIÉ, BA:  
IDENTIDADES ÉTNICAS ENTRE A FAMÍLIA E O TRABALHO.**

Jequié - BA

2023

**ISIS ASSIS CHABI**

**MULHERES VASSOUREIRAS DO KM 04 EM JEQUIÉ, BA:  
IDENTIDADES ÉTNICAS ENTRE A FAMÍLIA E O TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

**Linha de Pesquisa 2:** Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

**Orientadora:** Dra. Maria de Fátima A. Di Gregorio.

**Coorientadora:** Dra. Claudia de Faria Barbosa

Jequié – BA  
2023

C427m Chabi, Isis Assis.

Mulheres vassouzeiras do km 04 em Jequié, Ba: identidades étnicas entre a família e o trabalho / Isis Assis Chabi.- Jequié, 2023. 128f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, sob orientação da Dra. Maria de Fátima A. Di Gregório e coorientação da Profa. Dra. Claudia de Faria Barbosa)

1.Mulheres 2.Identidade étnicas 3.Família 4.Trabalho I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 302.34082

**ISIS ASSIS CHABI**

**MULHERES VASSOUREIRAS DO KM 4, EM JEQUIÉ-BA. IDENTIDADES  
ÉTNICAS ENTRE A FAMÍLIA E O TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

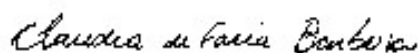
**Linha de Pesquisa 2:** Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

Aprovado em: 16 de fevereiro de 2023.

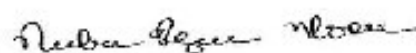
**BANCA EXAMINADORA**



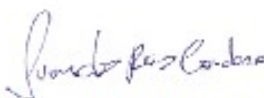
Profa. Dra. Maria de Fátima Araújo Di Gregorio (UESB)  
Presidente da Banca/Orientadora



Profa. Dra. Cláudia de Faria Barbosa (UESB)  
Co-orientadora



Profa. Dra. Nubia Regina Moreira (UESB)  
Examinadora Interna



Prof. Dr. Ivan dos Reis Cardoso (UNEB)  
Examinador Externo

**JEQUIÉ/BA  
2023**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho,  
especialmente, a todas as  
mulheres da minha família, com  
todo amor à minha mãe Maria  
do Carmo, minha maior fonte de  
inspiração e certeza.

A todas as mulheres que ousam  
sonhar e lutam para realizar  
seus sonhos. Tudo é possível!

## EPÍGRAFE

### DA CALMA AO SILÊNCIO

<sup>1</sup> Quando eu morder a palavra, por favor, não me apressem,  
quero mascar, rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o  
tutano do verbo, para assim versejar o âmago das coisas.

Quando os meus pés abrandarem na marcha, por favor, não  
me forcem.

Caminhar para que?

Deixem-me quedar, deixem-me quieta, na aparente inércia.

Nem todo viajante anda por estradas, há mundos submersos,  
que só o silêncio da poesia penetra.

Conceição Evaristo

## AGRADECIMENTOS

---

<sup>1</sup>Cf. Extraído de Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

Eu sou a soma daquelas que vieram antes de mim. Eu sou porque elas foram e são. Eu me constituo dos sonhos de muitas, eu sigo guiada pela fé, pelo amor e pela luta de todas as mulheres. A estas eu peço licença e busco honrá-las através desse escrito e em todos os dias da minha existência.

Antes de tudo agradeço a todas as mulheres da minha família, sou grata por ser e estar neste mundo através da existência de cada uma de vocês. Aqui agradeço especialmente às minhas avós.

Primeiro agradeço Tereza Maria de Jesus, a mulher que como em um encantamento, mesmo após tanto tempo depois de sua partida, me trouxe inspiração para essa pesquisa, esse tema nasce da sua vida vovó.

Agradeço a Benedita Chabi, minha avó Benel, a mulher mais forte e resiliente que já conheci, sua vida e fé são fontes eternas de inspiração. Não existe batalha perdida, ela me ensinou que tudo é possível.

Agradeço também à avó que ganhei de presente da vida e dos céus, D. Zenita Barbosa, obrigada por sua existência pela escuta, aconselhamento e incentivo contínuo, eu não poderia ter ganhado um presente melhor. A vocês três agradeço, em memória, por serem minhas fontes de vida e inspiração. É por vocês que hoje caminho. Eu sempre caminho com vocês, eu sinto.

Agradeço aquela que me revelou a face mais humana e possível de Deus, a minha mãe, Maria do Carmo Assis, meu primeiro lar, meu abrigo seguro e minha fonte diária de motivação, agradeço por sua vida, por seu incentivo, por todas as suas renúncias, por sua paciência e fé inabaláveis. Você é, mãe, a razão e o porquê de todas as coisas em minha vida!

Ao meu pai, Jorge Chabi e aos meus irmãos, Flávio, Gessé e Jhon, agradeço por serem minha fonte de segurança em meio ao caos da vida. A toda minha família, Assis e Chabi (y), agradeço por serem minha base e meus maiores incentivadores durante toda a jornada.

Agradeço, em memória, ao ser humano mais lindo que já existiu nesta terra, ao meu avô Manoel Feliciano de Assis, o meu coronel, vovô o senhor nos ensinou o que é amor, e como amar da maneira mais genuína possível, obrigada. Eu sigo realizando nossos sonhos.

Agradeço também a minha querida tia Aracy Assis, sem sua companhia diária e presença em todas as etapas essa pesquisa não seria possível, muito obrigada

por sempre me acompanhar, incentivar e por ser aquela que caminha sempre ao meu lado.

Agradeço aos professores do Programa e, em especial, à Profa. Dra. Marise de Santana, mentora da proposta PPGREC e ao Prof. Dr. Marcos Lopes pelo excelente trabalho na coordenação e por todo acolhimento e dedicação a nós discentes. Gratidão é pouco!

Agradeço também aos colegas da turma de 2021 pela caminhada que trilhamos juntos, mesmo em meio a uma pandemia mundial que tanto nos distanciou, conseguimos tecer nossas redes e nos conectar para além das telas, em especial a Graci Almeida e Ivanildes Moura, vocês são um presente do sagrado em minha vida.

Meu agradecimento ao Grupo de Estudos Hermenêuticos sobre Famílias, Territórios, Identidades e Memória - GEHFTIM/ UESB- CNPq, do qual me orgulho muito em ser membra desde 2015, obrigada por suscitaram em mim o desejo pela pesquisa e por todo conhecimento partilhado.

Com todo meu carinho e admiração agradeço à minha orientadora - Profa. Dra. Maria de Fátima Di Gregorio, por sempre acreditar no meu potencial e me incentivar a novos desafios, muito obrigada pelo respeito em todos os momentos dessa trajetória. Agradeço à minha coorientadora - Profa. Dra. Claudia de Faria Barbosa por todo apoio, acolhimento, sensibilidade e incentivo desde sempre.

Agradeço especialmente as colaboradoras desta pesquisa, as vassouzeiras do km 04, mulheres guerreiras que se disponibilizaram a compartilhar comigo suas histórias de vida, seus anseios e suas dores. Vocês são as protagonistas de tudo aqui.

Por fim, agradeço às amigas e amigos, aos de perto e aos de longe, aquelas e aqueles que entendem as minhas renúncias e apoiam os meus sonhos, aquelas e aqueles que não entendem e mesmo assim continuam ao meu lado. A vida é mais leve quando caminho com vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



CHABI, Isis Assis. **Mulheres Vassoueirias do km 04 em Jequié-BA**: Identidades Étnicas entre a família e o trabalho. Dissertação de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidades/ PPGREC/ ODEERE/ UESB. Jequié/BA, 2023.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira se constituem as Identidades Étnicas das mulheres vassoueirias do bairro km 04, localizado no município de Jequié, estado da Bahia, tendo como parâmetro suas relações familiares e de trabalho. Essas mulheres exercem ou exerceram em algum momento das suas vidas, a atividade de ser vassoureira, atividade de confecção de vassouras artesanais de palha tendo como uma das matérias primas a folha de Ouricuri, um dos principais tipos de palmeira encontrado na região. Esta investigação constitui uma pesquisa social, empírica, de natureza qualitativa, se aportando em uma metodologia com base na História Oral (HO), sob a perspectiva de Meyihy (1996; 2013) e Alberti (2004), desenvolvida através do gênero História Oral de Vida . A investigação é estruturada através de observações, registro em diário de campo e entrevistas semi estruturadas utilizadas com o intuito de descrever e analisar as histórias de vida de oito mulheres vassoueirias moradoras da comunidade. Parte-se do princípio da importância dessas mulheres na construção e formação histórico e cultural de suas famílias e de sua comunidade a partir de Del Priore (2000); Perrot (2001); Beauvoir (2016); Louro (2004); Biroli (2018); Sarti (2004); Samara (2002); Pateman (1993); Saffioti (1986); Rowbothan (1983); Davis (2016); Mendes (2002); Gonzalez(1984); Akotirene (2021); Carneiro (2020); Crenshaw (2002). O percurso de construção desta pesquisa e sua articulação entre as discussões teóricas e as análises das histórias de vida dessas mulheres revela as particularidades que envolvem a constituição das identidades étnicas, dessa maneira podemos entender que as identidades étnicas das mulheres vassoueirias do km 04 se constituem em um jogo relacional que traz como ênfase os seus contextos de vida, suas particularidades e as suas interações sociais.

**Palavras-Chave:** Mulheres. Identidade Étnica. Família. Trabalho

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze how the Ethnic Identities of the broom women in the km 04 neighborhood, located in the municipality of Jequié, state of Bahia, are constituted, having as a parameter their family and work relationships. These women exercise or have exercised at some point in their lives, the activity of being a broom, an activity of making handcrafted straw brooms using the Ouricuri leaf as one of the raw materials, one of the main types of palm tree found in the region. This investigation constitutes a social, empirical, qualitative research, based on a methodology based on Oral History (HO), from the perspective of Meyihy (1996; 2013) and Alberti (2004), developed through the genre Oral History of Life. The investigation is structured through observations, recording in a field diary and semi-structured interviews used in order to describe and analyze the life stories of eight female brooms living in the community. It starts from the principle of the importance of these women in the construction and historical and cultural formation of their families and their community from Del Priore (2000); Perrot (2001); Beauvoir (2016); Blonde (2004); Biroli (2018); Sarti (2004); Samara (2002); Pateman (1993); Saffioti (1986); Rowbothan (1983); Davis (2016); Mendes (2002); Gonzalez (1984); Akotirene (2021); Aries (2020); Crenshaw (2002). The course of construction of this research and its articulation between the theoretical discussions and the analysis of the life stories of these women reveals the particularities that involve the constitution of ethnic identities, in this way we can understand that the ethnic identities of the broom women of km 04 are constituted in a relational game that emphasizes their life contexts, their particularities and their social interactions.

**Keywords:** Women. Ethnic Identity. Family. Work

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Palha estendida na rua para secar	73
<b>Imagem 2</b> - Feixe de palha	74
<b>Imagem 3</b> - Vassoureira trabalhando lascando a palha em seu quintal	74
<b>Imagem 4</b> - Vassoureira destalando a palha sentada na porta de casa	75
<b>Imagem 5</b> - Mulheres vassoureiras trabalhando juntas na porta de casa	76
<b>Imagem 6</b> - Vassoureira trabalhando na fabrica de vassouras em seu quintal	77
<b>Imagem 7</b> - Palha estendida na rua para secar sendo recolhida no fim do dia	78
<b>Imagem 8</b> - Vassoureira amarrando a palha e vassaouras já prontas ao lado	78

## LISTA DE SIGLAS

CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível Superior
GEHFTIM -	Grupo de Estudos Hermenêuticos em Família, Território, Identidades e Cultura
HO -	História Oral
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
KM 4 -	Sigla Utilizada na nomenclatura do bairro representando a medida em Quilômetros
OMS -	Organização Mundial da Saúde
PPG -	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação
PPGREC-	Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidades
UESB -	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO 1 –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

## **LISTA DE APÊNDICES**

APÊNDICE 1 – ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

## Sumário

RESUMO.....	10
LISTA DE IMAGENS.....	12
LISTA DE SIGLAS.....	13
LISTA DE ANEXOS.....	14
LISTA DE APÊNDICES.....	16
TESSITURAS INICIAIS.....	14
CAPÍTULO I.....	25
A CONSTRUÇÃO SOCIAL "DO SER" MULHER.....	25
1.1 Lugares e representações das mulheres em tempos históricos	27
1.2 As mulheres e as/nas famílias	30
1.3. O trabalho no mundo das mulheres	36
1.4 Trata-se de quais mulheres? Interseccionalidades	43
CAPÍTULO II.....	47
ETNICIDADE, CULTURA, FRONTEIRAS E IDENTIDADES.....	47
2. Etnicidade, cultura, fronteiras e identidades	48
2.1 Etnicidade, cultura e identidades	48
2.2 A construção da identidade étnica de mulheres vassouzeiras	49
CAPÍTULO III.....	58
3. OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	59
3.1 O contexto da pesquisa e suas particularidades	59
3.2 Participantes - quem são as mulheres vassouzeiras?	61
3.3 Metodologia	65
3.4 Os desafios do caminhar da pesquisa	68
CAPÍTULO IV.....	79
4. O TECER DA PALHA E O ENTRELAÇAR DAS HISTÓRIAS.....	80
4.1 Histórias de vida e famílias.....	80
4.2 Relações De Trabalho	95
4.3 Identidades Étnicas.....	106
TESSITURAS FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	115
ANEXOS.....	122
ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	122
APÊNDICES.....	125
APÊNDICE 1- ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS	125

## TESSITURAS INICIAIS

A constituição identitária e étnica das mulheres é um fenômeno multidimensional que envolve uma gama de fatores e perpassa o campo das relações sociais, culturais e históricas sendo diretamente influenciada por estes, pois essa é o reflexo das interações estabelecidas por essas e seus contextos de vida.

Nesse sentido, sua formação, conservação e/ou transformação tendem a integrar também os interesses condicionados pelas estruturas dominantes e a responder aos desígnios e interesses estabelecidos socialmente.

Pensando nessa multiplicidade de fatores e em suas interações, esta pesquisa tem como objeto de estudo a análise de como se constituem as identidades étnicas das mulheres vassoureiras do bairro do km 04 no município de Jequié - BA, entre a família e o trabalho. Mulheres essas que exercem ou exerceram em algum momento das suas vidas a atividade de vassoureiras, com a produção de vassouras artesanais de palha feitas com a folha de Ouricuri, um dos principais tipos de palmeira encontrado na região e utilizado nessa produção.

Essa pesquisa nasce através da experiência vivida e compartilhada. O exercício diário da escrita normalmente é permeado de desafios, angústias e medos, mas esse foi intensificado, sobretudo, quando ao tratar de outras histórias, a pesquisadora reconhece-se enquanto parte e todo dessa mesma história, tratando assim de um processo contínuo de reflexão sobre si e sobre o outro, que se soma a responsabilidade e ao anseio de respeitar e honrar às histórias experimentadas e narradas.

Entender quem sou e de onde venho tem sido um aspecto fundamental na construção da escrita. A experiência de escrever uma dissertação contando a história de mulheres que produzem vassouras artesanais de palha no bairro do km 04, na comunidade conhecida como Rua da palha, me trouxe de volta a mim. Essa escrita é também uma busca da criação de uma nova perspectiva, de um novo diálogo a respeito de mim e de nós.

Eu sou Isis Assis Chabi, tenho 30 anos, nasci e fui criada na cidade de Jequié no bairro do km 03, morando durante toda a vida exatamente na parte do território que faz a divisão entre os bairros km 03 e km 04. Por intermédio da minha avó



materna tive o primeiro contato com a vassoura de palha, minha avó confeccionava suas próprias vassouras e as utilizava nas tarefas do seu cotidiano.

Eu sou moradora do bairro, nasci e fui criada circulando entre às ruas e às histórias que constituem este lugar, sou mulher, negra, filha, neta, vizinha, pedagoga, sobrinha, professora, amiga, parente e conhecida. Eu pude estudar, viajar, seguir estudando, investir em livros, não trabalhar, eu escolhi não casar e não ter filhos ainda, continuar estudando e estar em um mestrado, eu pude escolher!

Entender quem sou e de onde venho tem sido um aspecto fundamental na construção da minha escrita. A experiência de escrever uma dissertação, problematizar e contar a história de mulheres que produzem vassouras artesanais de palha no bairro do km 4, na comunidade conhecida como Rua da palha, me trouxe de volta a mim.

A confecção e venda de vassouras de palha é uma atividade comum nesse bairro e em outros próximos desde sempre, cresci vendo de perto inúmeras mulheres desenvolverem essa atividade e manterem assim a sobrevivência de seus lares. Sendo essas, em sua maioria, vizinhas da minha avó materna, que quase todas as tardes, depois de cumprirem as tarefas do lar, reuniam-se em passeios ou áreas abertas como quintais, para destalar a palha e colocar para secar, um procedimento importante para a confecção de vassouras.

Seguidamente, no outro dia, a palha recolhida depois de seca, começava a ser transformada em vassouras artesanais em um longo e cuidadoso processo artesanal que abrange diversas etapas, sendo posteriormente comercializadas em vários pontos da cidade, e amplamente utilizadas cotidianamente pela população jequeense.

Assim, a maior parte dessas mulheres se constitui como figura presente no cotidiano do bairro do Km 04, que revela memórias principalmente dos tempos de infância, quando houve o primeiro contato com esse grupo de mulheres de várias idades.

Às vassoureiras, como são nomeadas na comunidade e como se auto intitulam e se reconhecem, são mulheres que trabalham cotidianamente na produção de vassouras artesanais de palha e desenvolvem as mais diversas atribuições tais como: buscar a palha no mato, destalar, lascar, secar, bater, amarrar, estacar, cortar, pregar e vender, dentre outros procedimentos.

A escolha deste objeto de estudo emerge do confronto entre questionamentos pessoais, que me traziam inquietações sobre os lugares destinados às mulheres que convivi e convivo, porque sua escolaridade era baixa e suas funções de trabalho quase sempre eram desprivilegiadas e sem reconhecimento da sociedade, questionamentos esses vivenciados por mim antes mesmo da inserção na graduação em pedagogia.

E de diversas reflexões suscitadas na minha trajetória acadêmica sobre quais histórias são contadas nas narrativas oficiais, quais mulheres podem ter suas histórias e trajetórias reconhecidas e contadas, sobre quais conhecimentos são levados ao debate acadêmico e sobre a necessidade de falar sobre as histórias outras que ainda não foram contadas.

Histórias essas de muitas mulheres do meu cotidiano, tidas como mulheres comuns, que são por vezes invisibilizadas e silenciadas pela sociedade, mas que em um movimento subversivo na luta pela sobrevivência vêm resistindo, criando e produzindo saberes e conhecimentos.

Sendo assim, aprender mais sobre a história das mulheres é, desde sempre, o desejo principal de minha trajetória acadêmica, porém pensar sobre quais deveria falar e por que investigar sobre a atuação das vassouzeiras em suas casas, famílias, trabalho e comunidade, me levou a uma intensa reflexão de quem sou, onde estou e para onde desejo ir, enquanto mulher, pessoa e pesquisadora.

Esta pesquisa nasce então da inquietação de uma mulher que cresceu vendo inúmeras outras exercerem diversos papéis sociais dentro e fora de suas casas e percebeu que esses papéis assumem diferentes sentidos a partir dos seus contextos de vida, das suas relações familiares, atividades de trabalho, condições socioeconômicas, reconhecimentos identitários e consciência étnica.

Este tema emerge diante da necessidade de se refletir sobre a complexidade dos processos identitários vivenciados por essas mulheres em seus percursos de vida, para compreender como esses processos refletem em consciência étnica, na condição de ser mulher.

Tomando corpo e força por meio de uma trajetória de vivências no bairro de residência e do convívio com o trabalho das vassouzeiras, assim a proposta é de reconstruir suas trajetórias de vida e lutas pela sobrevivência, por meio da escuta de seus anseios mais pessoais, como condição para buscar compreender seus papéis

sociais e suas conquistas ao longo dos anos, de extrema importância na comunidade.

Neste sentido, essas inquietações pessoais sobre o papel das mulheres na sociedade, o confronto entre os questionamentos teóricos e a observação em campo empírico de vivências impulsionaram a produção de saberes que contribuirão não somente para compreender a questão, mas para apresentar elementos que envolvam a história dessas mulheres, suas reais necessidades para o cumprimento de papéis entre o espaço público e privado e atribuições na sociedade.

Inicialmente, essas vassouras eram comercializadas nas feiras livres da cidade ou de porta em porta, pelos homens da família, em sua maioria os maridos ou companheiros das mulheres que faziam as vassouras e que desempenhavam também outros trabalhos fora de casa.

Por ser a venda das vassouras geralmente uma atividade desenvolvida pelos homens das famílias construiu-se, como consequência, no imaginário social a representação das vassouras como fruto de um trabalho dos homens, desconsiderando a atividade feminina amplamente realizada nesse processo ou desvalorizando-a, empregando um sentido secundarizado.

Essa prática estigmatizada vem sendo construída sócio e historicamente entre grupos, permanecendo no imaginário social e se perpetuando dentro da comunidade, o que chega a atingir a auto estima de algumas mulheres que fazem essa confecção.

Parte-se do pressuposto de que a história dessas mulheres é também a história patriarcal que apresenta muitas dificuldades em relação ao seu papel na família e, sendo assim, essas histórias nem sempre são escritas ou contadas e, por vezes, são invisíveis aos olhos da sociedade.

Contrastando a história dessas mulheres, suas perspectivas como vassoureiras na comunidade do km 04 se institui com a identidade étnica que necessita ser valorizada, analisadas suas práticas e reflexos dos processos de dominação, subordinação e sujeição social que influenciam na construção de suas identidades.

Entendendo que estas entrelaçam-se com a estrutura histórica, cultural e patriarcal que vem por séculos se instituindo no meio social, escrever sobre elas é reavivar o seu papel dentro desse contexto, valorizar suas histórias, produções e meios de trabalho.

Portanto, esta pesquisa tem como questão norteadora compreender de que maneira as identidades étnicas das mulheres vassouzeiras do km 04, em Jequié – BA, vêm sendo construídas entre as relações familiares e de trabalho? Partindo desta questão, estabelece-se o objetivo central desta pesquisa: analisar de que maneira se constituem as identidades étnicas das mulheres vassouzeiras do km 04 em Jequié - BA, tendo como parâmetro suas relações familiares e de trabalho.

Especificamente, busca-se compreender a trajetória das mulheres e suas relações familiares e de trabalho; identificar na comunidade do km 04 o espaço feminino na produção de vassouras; analisar de que forma as identidades étnicas se constituem no trabalho e contexto das vassouzeiras.

Para início da construção dessa pesquisa um estudo de levantamento de informações, do tipo estado da arte foi realizado, com o objetivo de entender como as pesquisas que envolvem essa temática se apresentam no cenário atual e quais abordagens e perspectivas sobre o tema existem.

A análise do estado da arte do tema de pesquisa é importante, pois colabora na construção de uma investigação minuciosa do tema, proporciona a pesquisadora conhecer e entender como o conteúdo pesquisado vem sendo desenvolvido, proporcionando assim uma comparação com seu estudo e o que é investigado desse assunto, quais os aspectos mais debatidos ajudando a identificar possíveis lacunas existentes. O estado da arte aponta como o tema está se mostrando a cada um de nós em um cenário geral, lançando a luz de forma direta o foco deste estudo.

Este estudo apresenta os resultados de uma investigação realizada a respeito da temática: Identidade Étnica e as relações familiares e de trabalho das mulheres vassouzeiras do km 04 em Jequié - BA. Tem como critérios de inclusão a área de estudo das ciências humanas e sociais, o país de publicação e estudos realizados nos últimos dez anos.

Para dimensionar o estudo foi desenhado um caminho metodológico a ser percorrido, sendo este desenvolvido entre junho e julho de 2021, como uma busca livre sobre o tema, visando entender como este se mostra no cenário geral. O trabalho apoiou-se em uma abordagem qualitativa, com base em leituras de cunho acadêmico, que abordaram e problematizaram o tema Identidades Étnicas e as relações familiares e de trabalho das mulheres vassouzeiras.

As palavras-chave foram pautadas nas seguintes categorias: Identidade, Etnicidade, Famílias, Trabalho e Vassouras de Palha. Para tanto, realizou-se um

levantamento bibliográfico das obras e sua seleção, a junção de informações, a organização e a classificação dos resultados.

Com base nessa metodologia, a pesquisa teve como universo de análise teses, dissertações e artigos publicados em periódicos na área da educação, sendo estes Scielo, portal de periódicos da Capes, Google Acadêmico e o portal de revistas da USP, com a intenção de identificar as principais publicações das revistas e periódicos acadêmicos brasileiros referentes à temática. Dessa maneira, na construção deste estudo foi possível avaliar as continuidades e discontinuidades teóricas quanto aos estudos sobre a temática.

Primeiro foi feita uma leitura dinâmica dos textos escolhidos de maneira a identificar os aspectos aderentes a temática e depois disso uma leitura exploratória, mais detalhada, identificando e destacando os pontos de abordagem. Para a sistematização e análise consideramos os seguintes aspectos: objetivos, metodologia, resultados e conclusões. Dessa maneira, optou-se pelos seguintes procedimentos metodológicos: coleta de dados; agrupamento; revisão bibliográfica; mapeamento bibliográfico e dos dados; definição de categorias e análise descritiva dos dados.

Às investigações sobre a construção das identidades étnicas e as relações de trabalho das mulheres perpassa por diversos campos do conhecimento e revela a complexidade que envolve a constituição da identidade das mulheres na sociedade.

Dessa forma, as pesquisas do tipo estado da arte representam também um esforço de ordenação e quantificação de certa produção de conhecimento que permite observar crescimento, ampliação, redução, ausências e entrecruzamentos de dados e sua utilização para produção de outras leituras sobre as identidades étnicas e as relações de trabalho das mulheres no mundo contemporâneo perpassam diversos aspectos da própria constituição da sociedade e de como as relações de gênero e etnicidade são produzidas, reproduzidas e refletidas no cotidiano.

Os debates sobre a constituição da identidade das mulheres perpassam por questões complexas, tais como apontam Monteiro (2011), Vieira (2014) e Borges (2013), quando discutem a construção social da identidade e as diferentes ordens de discurso que atuam diretamente nesse processo.

Nesse sentido, Caixeta e Barbato (2009) ajudam a identificar os significados que compõem o conceito complexo sobre a identidade feminina, dão ênfase aos

papéis e definições sociais atribuídos às mulheres e apontam que estes ganham diferentes sentidos e proporções quando desempenhados no âmbito dos espaços públicos e privados.

No que diz respeito à constituição da identidade étnica das mulheres, as discussões de Pereira (2012), Santana e Oliveira (2019), Antonello e NoreMBERG (2016) e Moura (2014) abordam as questões da identidade étnica atreladas aos contextos. A identidade étnica se constrói e reconstrói, por meio de diversos processos de reconhecimento, de maneira dialética entre o indivíduo, seu contexto e a sociedade.

Pensando sobre as relações de trabalho das mulheres, Coutinho (2009) e Santos (2011) apresentam as principais características da inserção e formação das mulheres no mercado de trabalho. Dupont (2017) discute a constituição dos espaços de trabalho e ressalta as diferenciações entre os espaços público e privado. Lodi (2006), Pinto *et al* (2011) e Azeredo (2010) trazem à tona a condição das mulheres chefes de famílias em situação de vulnerabilidade social e discutem o lugar delas nas famílias pobres.

Favaro (2013) trata de uma análise entre o prover, trabalhar e cuidar das mulheres, compara aos homens e como esse prover se estrutura dentro das famílias. Chies (2010) apresenta uma reflexão sobre algumas teorias de gênero, evidencia as principais questões referentes às mulheres no mercado de trabalho e as limitações de gênero que elas enfrentam.

Popinigis (2015) analisa as relações entre gênero e etnicidade no mercado de trabalho, evidencia como essas questões influenciam diretamente na posição das mulheres e destaca que estas não podem ser pensadas separadamente. Silva; Amazonas e Vieira (2010) discutem a representação de identidade feminina, o lugar atribuído às mulheres na família e no trabalho, as relações de gênero e de poder contidas nesses processos, explicita que a noção de identidade de gênero é contingencial e histórica, sendo produzida e reproduzida cultural e socialmente.

Souto (2014) aborda a atividade de confecção de vassouras na perspectiva do extrativismo, à luz das etnociências, como fonte de renda das famílias, discute o perigo de sua extinção, bem como reflete os conhecimentos culturais transmitidos através de gerações por meio dessa atividade. Flores e Lima (2020) apresentam a confecção das vassouras como artesanato que gera renda e analisam as principais espécies utilizadas. Sangaleti; Leonello e Rodrigues (2015) retratam a produção das

vassouras como uma tradição, quase exclusiva da agricultura familiar, dando ênfase a essa cultura como uma alternativa para geração de renda.

Ao final dos estudos, ao analisar todas as publicações selecionadas, buscou-se analisar como as identidades étnicas e as relações familiares e de trabalho das mulheres vassouzeiras se apresentam em um cenário geral. Nas discussões sobre identidade observou-se que diferentes aspectos culturais e sociais influenciam diretamente nesse processo. Refletindo como estes indicadores fazem com que as mulheres ainda fiquem presas a papéis sociais ditos femininos, estabelecidos culturalmente, sendo que nos ambientes desfavorecidos economicamente estes ganham contornos ainda mais fortes.

No que diz respeito às relações de trabalho destacam-se os estudos sobre inserção e posição das mulheres no mercado de trabalho e os obstáculos encontrados diariamente. As relações de trabalho evidenciam como as relações de gênero se desenvolvem na sociedade.

Podemos afirmar que essas discussões se fazem cada vez mais presentes nos ambientes acadêmicos, bem como a discussões sobre identidades étnicas têm ganhado cada vez mais força. No entanto, constata-se que, poucas discussões sobre a constituição das identidades étnicas e as relações de trabalho das mulheres foram encontradas.

A partir das discussões, observações e análises realizadas neste estudo, algumas lacunas foram encontradas a respeito da construção das identidades étnicas das mulheres vassouzeiras e suas relações familiares e de trabalho, portanto, o estudo sobre a temática escolhida mostrou-se pertinente e necessário.

As mulheres vassouzeiras carregam consigo diversos embates, sendo estas por vezes sequer reconhecidas como agentes sociais ativas, até mesmo em suas comunidades, a atividade de confecção de vassouras é socialmente sub categorizada, por vezes invisibilizada, ou tratada como função de menor valor.

Neste sentido, esta investigação constitui uma pesquisa social, empírica, de natureza qualitativa e se apóia em uma metodologia com base na História Oral (HO). Segue-se os pressupostos da pesquisa qualitativa que, conforme Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A principal preocupação desta investigação é entender aspectos da vida social que não podem ser quantificados. É neste nível mais profundo dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana que se encontra o objeto da abordagem qualitativa (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 245).

Trata-se de uma pesquisa de campo, que tem a finalidade de observar e analisar os fenômenos em seu ambiente real, da maneira como ocorrem, respeitando sua diversidade e se atentando a cada particularidade, e, posteriormente, analisá-los e interpretá-los, com base em uma fundamentação teórica sólida e fundamentada, com o objetivo de compreender e explicar o problema que é objeto de estudo da pesquisa.

A partir da realização de um levantamento bibliográfico para definição das categorias optou-se pela base metodológica da História Oral, sob a perspectiva de Meihy (2013) e Alberti (2004). A História Oral permite investigar experiências de pessoas ou grupos, através de um processo sistematizado de entrevistas, depoimentos gravados, que transformam o oral em documentos escritos e amplia as alternativas da pesquisa.

Meihy (1996) categoriza a história oral em três tipos principais: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. O gênero história oral de vida, incluso na história oral é o principal método utilizado e permite, segundo Meihy (1996), pensar a sociedade em seus aspectos mais íntimos e pessoais através das narrativas, dos relatos e fragmentos de vida de uma única pessoa, seu conjunto de experiências pessoais e intransferíveis. Nessa perspectiva, a história de vida, a partir da história oral, permite uma interação aberta entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa.

O cenário desta pesquisa é a cidade de Jequié, localizada na região sudoeste da Bahia, a 365 km da capital, Salvador. Município que possui uma área territorial de 2.969,39 km<sup>2</sup> e população estimada em 156,277 pessoas (IBGE,2021). As atividades econômicas estão concentradas em sua maioria no comércio, indústria e agropecuária com a criação de bovinos e caprinos. Nos arredores do município e nos distritos, são cultivados vários produtos agrícolas, como por exemplo, o cacau, café, legumes, verduras e hortaliças, que servem de sustentação para a economia local.

O ambiente da pesquisa é o bairro do km 04, situado na zona urbana periférica da cidade, que tem esse nome por se situar a exatos quatro quilômetros



da igreja matriz, ponto central da cidade. O bairro cresceu e se desenvolveu às margens do rio de contas, este servia para navegação e movimentava o comércio na cidade, foi constituído inicialmente por tropeiros, pescadores e comerciantes que tiravam do rio seu sustento, com o fim da navegação esses trabalhadores foram relocados socialmente e passaram a integrar um bairro que sofre, até os dias atuais com a falta de estrutura e recursos básicos.

Com a escassez de recursos e a falta de atividades formais de renda, os moradores tiveram que buscar outros meios de sobrevivência, atividades formais e informais de trabalho surgiram e muitos desses trabalhadores e trabalhadoras acabam recorrendo a atividade de confecção de vassouras como fonte de renda, antes sendo executada culturalmente somente para uso doméstico, nesse novo contexto de vida as vassouras passam então a ser principal atividade comercial dessa comunidade.

Inicialmente, a localização do bairro contribuiu muito na busca pela principal matéria prima, a palha de Ouricuri, dentre outras palhas também utilizadas, um tipo de palmeira que antes era muito encontrado na região. Devido a expansão da atividade e a procura, o bairro ficou conhecido na cidade como produtor de vassouras e área que mantinha maior produção recebeu o nome popular de “rua das Palhas”, forma de identificar que ali se produziam vassouras de palha todos os dias.

Com o passar dos anos, devido à expansão comercial e as novas fontes de renda, essa atividade deixou de ser a principal atividade econômica do bairro, contudo ainda sobrevive tradicionalmente e garante o sustento de muitas famílias na comunidade. Sendo executada em sua maioria por mulheres, que aprenderam dentro de suas casas com suas mães e familiares, uma atividade repassada culturalmente e que, atualmente, vem sendo retomada pelas novas gerações.

Pretende-se constituir essa observação com uma população e amostra de 08 (oito) participantes, sendo constituída por três diferentes gerações de mulheres que desenvolvem ou já desenvolveram a atividade de vassoureiras, contudo será avaliada a saturação dos dados a qual compreende-se que este pode sofrer variação.

Busca-se construir uma relação de colaboração e, por isso, adota-se o termo colaboradora em substituição a entrevistada ou informante, as quais deixam de ser consideradas objetos de conhecimento para conduzir conjuntamente, em parceria com a pesquisadora, o registro de suas histórias, nessa visão as pessoas que

narram sua trajetória são interlocutoras com que se estabelece um regime singular de colaborações.

Dentro dessa perspectiva de colaboração e em respeito à ética da pesquisa, respeitando o sigilo sobre suas identidades, essas mulheres são identificadas aqui por meio dos nomes de pedras preciosas brasileiras, sendo elas: 1. Ametista, 2. Turmalina, 3. Água-Marinha, 4. Ágata, 5. Safira, 6. Esmeralda, 7. Opala, 8. Alexandrita, 9. Topazio, 10. Jaspe. A escolha dessa forma de identificação busca ressaltar a importância da valorização dessas mulheres, que por vezes são silenciadas e secundarizadas, até mesmo dentro de sua comunidade, sendo aqui tratadas e reconhecidas com todo seu valor e merecimento.

A coleta de dados constituiu-se uma etapa importante do estudo, pois contribuiu para a definição da metodologia da pesquisa. Toda análise realizada posteriormente foi fundamentada nos dados coletados. De acordo com Yin (2014), negligenciar a importância dessa etapa é aumentar os riscos de fracasso da pesquisa. Dessa maneira, utiliza-se como instrumentos de coleta de dados o diário de campo, a observação participante e a entrevista

O diário de campo, uma técnica bastante utilizada por quem faz uma abordagem de tipo etnográfica, onde constitui um espaço de escrita da observação direta e contínua do campo pesquisado. Dessa maneira esse instrumento, dentro desse processo, permitirá não somente trazer a descrição e análise dos ambientes observados, mas será de extrema relevância na compreensão dos fenômenos subjetivos relacionados à compreensão dos ambientes relacionados pelo observador às atitudes e interações dos sujeitos observados.

A observação participante se configura como um meio de contato direto de quem investiga com o fenômeno pesquisado, no intuito de obter informações dos sujeitos em seus próprios contextos. Essa observação se torna de extrema relevância dentro deste cenário pois tende a ajudar a captar aspectos da pesquisa que não podem ser coletados por meio da entrevista, sendo estes em sua maioria aspectos subjetivos que compõem o ambiente, observando dentro da sua própria realidade.

Como mencionado anteriormente, a História Oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista, técnica programada que responde à existência de projetos que a justificam.

Ao recorrer à entrevista, acontece os momentos de interação que apresenta esta característica que, conforme Lüdke e André (1986), é um diferencial em relação a outros instrumentos de pesquisa como a observação unidirecional ou aplicação de questionários que, em geral, estabelecem uma certa hierarquia entre a pesquisadora e as pesquisadas.

A entrevista, na perspectiva do processo em História Oral, deve ser encarada e organizada de maneira a acontecer da forma mais confortável possível para os envolvidos, pois as colaboradoras devem ser avisadas com antecedência e os horários agendados em ambiente agradável e familiar para que cada mulher colaboradora possa contar suas histórias sem constrangimentos.

Essas entrevistas são realizadas de maneira individual, e ao iniciá-las são expostos às participantes os objetivos e as perspectivas da pesquisa, deixando-as à vontade para falar.

O procedimento de tratamento das entrevistas compreende, como sugere Meihy (2005), três procedimentos: transcrição, textualização e transcrição - etapas complementares que se referem respectivamente a: transcrição: processo rigoroso, longo e exaustivo de passagem inicial do oral ao escrito. Para alguns pesquisadores, trata-se de operação de caráter puramente técnico, por vezes relegado a outros.

Na segunda etapa ocorre a textualização: etapa na qual as perguntas da pesquisadora são retiradas ou adaptadas às falas das colaboradoras. E em seguida parte-se para a transcrição, etapa que refere-se à incorporação de elementos extratextuais na composição das narrativas das colaboradoras. Procura-se recriar o contexto da entrevista no documento escrito. O texto encontra-se estruturado em quatro capítulos além da introdução. No primeiro capítulo primeiro busca-se compreender a construção social do “ser mulher” dentro da história das mulheres, seus papéis, representações e funções sociais, analisando como se constituem suas relações familiares e de trabalho.

Em seguida, no segundo capítulo, discute-se a constituição das identidades das mulheres, debate sobre a complexidade dos processos identitários vivenciados pelas mulheres em seus percursos de vida e reflete sobre como esses processos influenciam diretamente na constituição de suas etnicidades. No capítulo seguinte os caminhos percorridos na pesquisa são detalhados bem como a construção metodológica e as estratégias adotadas em todo processo.

No quarto e último capítulo analisa-se as falas das vassouzeiras, em sua integralidade, e toda a análise e articulação com o objetivo proposto nesta pesquisa. Por fim, aborda-se, nas tessituras finais a reflexão sobre as particularidades que envolvem a constituição das identidades étnicas das mulheres vassouzeiras do km 04.

## **CAPÍTULO I**

### **A CONSTRUÇÃO SOCIAL 'DO SER' MULHER**

## 1. A CONSTRUÇÃO SOCIAL 'DO SER' MULHER

### 1.1 Lugares e representações das mulheres em tempos históricos

Nas mais diferentes práticas sociais, homens e mulheres não se constituem apenas através de mecanismos de repressão ou submissão, mas também através de relações de poder que ensinam os modos de ser e estar no mundo, as formas de falar, agir, compreender a si e aos outros. Condicionamento de funções, desígnios e lugares marcados através do exercício da reprodução.

À mulher e ao homem, histórica e culturalmente, é dado o dever de exercer papéis sociais ligados intrinsecamente às identidades de gênero exercidas por cada uma/um. De acordo com Scott (2012, p. 337), “indiscutivelmente, é a própria identidade das mulheres que está em jogo nos debates sobre gênero”. Dessa maneira, o gênero apresenta-se como um aparato social no qual se produzem e se normalizam as noções de masculino e feminino.

Assim, a constituição da identidade feminina, de suas representações e funções surgem a partir dos preceitos e conceitos estabelecidos culturalmente pelas sociedades.

A história das mulheres caminha lado a lado com a história da própria humanidade em sua complexidade, porém ao longo do tempo nota-se que suas histórias foram quase sempre contadas por outras vozes, seus retratos, faces e corpos são reflexos dos desígnios determinados culturalmente pela sociedade. Nesse sentido, de acordo com Del Priore (2000) pode-se refletir que,

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos (p. 7).

E oportunizar que suas histórias sejam contadas e que suas vozes sejam ouvidas respeitosamente é também tentar reconstituir a história em suas perspectivas.

De acordo com Perrot (2001), as mulheres foram, por muito tempo, excluídas da história oficial, ao passo em que as narrativas, se não registradas, podem entrar em um silenciamento ou em imagens estereotipadas. Seus papéis e representações

foram designados a partir de um sistema de dominação masculina que destina às mulheres, diferentes funções e representações.

Do mesmo modo, a constituição da identidade feminina, suas representações e funções surgem a partir dos preceitos e conceitos estabelecidos culturalmente pela sociedade em seu modelo colonizador. De acordo com Connell e Messerschmidt “a dominação dos homens e a subordinação das mulheres constituem um processo histórico, não é um sistema auto reprodutor” (2013, p. 260).

Neste sentido, as representações são construídas, configuradas e transformadas a partir das necessidades de cada sociedade, se tornando um padrão de práticas e costumes que possibilitam a manutenção do sistema de dominação de homens sobre mulheres.

A mulher, nesse sentido, é representada como objeto de “dominação masculina” (BOURDIEU, 1999), assim em quaisquer que sejam as relações é vista na perspectiva do “outro”, é sempre tida como submetida à vontade dos homens. Tendo sempre em suas atribuições papéis e representações secundarizadas, dessa maneira tende sempre a ser destinada a situações de inferioridade pela própria natureza do papel social que lhe é atribuído.

Diante disso, de acordo com Beauvoir (2016), a mulher é considerada como o negativo, enquanto o homem é o positivo e o neutro e nisso está a chave de sua mistificação e opressão, na qual a mulher sempre ocupou uma posição de inferioridade, daí porque se falar em “segundo sexo”. Esta categoria negativa se revela ambivalente, pois ao mesmo tempo que é tida como inferior, é vista como fundamentalmente necessária ao equilíbrio das bases da sociedade patriarcal.

Contudo, esses mesmos papéis e funções possuem representações secundárias e inferiorizadas, estando sempre abaixo do papel masculino, ou seja, demonstra-se com isso que para o sucesso e equilíbrio da manutenção das relações de poder na sociedade, a dominação da mulher é imprescindível.

As representações acerca dos papéis sociais definidos como femininos sofrem impactos diretos dos mecanismos de poder que agem na sociedade respeitando sempre seus interesses. Aprender a ser homem e a ser mulher, diferente da condição biológica é uma construção identitária social que envolve processos culturais, históricos, psicológicos e políticos que se dão desde o nascimento dos sujeitos através de múltiplos embates, estratégias e práticas pré-

estabelecidas nas sociedades e exercitadas ao longo da vida pelas mais diferentes instâncias.

Conforme Rosemberg (2001), as relações de gênero estão imbricadas nas relações de poder, as quais hierarquizam homens e mulheres ao longo da história. As ditas funções femininas que lhes são atribuídas desde seu nascimento definem suas obrigações e sua utilidade dentro do seu contexto cultural e social de cada sociedade. Isto é, as pessoas não nascem prontas a executar funções sociais pré-programadas em seu organismo, mas essas lhes são atribuídas desde o nascimento tradicionalmente em virtude do sexo.

Contudo, essas definições de funções não são etiquetadas explicitamente em seus corpos, são ensinadas em um processo intrínseco e silencioso, de condicionamento através do repasse de valores, crenças, ritos e símbolos de determinadas culturas e, principalmente, pelos mecanismos de educação

As diferenças sociais, comportamentais, de tratamento e de oportunidades sempre existiram entre homens e mulheres e, historicamente, isto tem proporcionado aos homens uma supremacia social solidificada e difícil de ser combatida, contudo, somente depois da desnaturalização desses conceitos, através de reflexões profundas e atentas que se começa a repensar a condição destas enquanto seres sociais, ativos e necessários.

Sob este aspecto Louro (2004) afirma que,

Evita-se aqui referir à mulher no singular porque entende-se que não existe uma identidade universalizada, mas que existem várias e diferentes mulheres, que não são idênticas entre si, que aprenderam a ser de determinado jeito, a apresentar e a valorizar determinadas características no interior de um grupo social, características que em outro grupo podem ser totalmente insignificantes (p. 31).

Existem diferenças e diferenciações dentro de um mesmo grupo social que precisam ser tornadas visíveis e reconhecidas, assim as funções e destinações variam de acordo com a posição destas na sociedade e nos grupos. Não se trata de um ser estático e imutável, mas de diferentes seres com percepções que comungam ou não do mesmo contexto, mas que representam a diversidade em sua complexidade.

As mulheres e os homens aprendem e reproduzem, desde muito cedo a ocupar e reconhecer seus lugares na sociedade e, para tanto, um investimento social significativo é posto em ação, uma vez que a família, a escola, a mídia, entre

outras instituições sociais atuam nesse processo e desempenham importantes papéis nessa complexa rede que forma, produz e reproduz os desígnios estabelecidos socialmente nos indivíduos. De acordo com Louro (2001),

Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas e contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e permanente (p. 25).

Dessa maneira, compreende-se que o processo de construção do ser homem ou mulher, abrange questões sociais, culturais, psicológicas e políticas. Sendo executado desde o nascimento dos sujeitos, através de múltiplos processos, estratégias e práticas culturais estabelecidas pelas diversas instituições com as quais existe interação.

Compreende-se assim que as representações são construídas, configuradas, reproduzidas e/ou transformadas a partir das necessidades de cada sociedade, se tornando um padrão de práticas e costumes que, por vezes, possibilitam a manutenção do sistema de dominação de homens sobre mulheres.

Scott (1990) propõe que, no seu uso apenas descritivo, gênero é somente um conceito associado ao estudo de coisas relativas às mulheres, mas não dispõe de força de análise suficiente para propor mudanças nos paradigmas históricos postos. Dessa maneira compreende-se que tratar das identidades das mulheres apenas sob a ótica do gênero é uma maneira de reduzir e operacionalizar um debate que vai muito além.

No que diz respeito às mulheres pertencentes às classes sociais mais baixas percebe-se que estas têm funções e representações definidas de maneira taxativa dentro das famílias desde seu nascimento. Saffioti (1992, p. 90), enfatiza que tanto o gênero quanto o sexo são inteiramente culturais. O gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas.

Assim, às construções sociais e culturais que incidem sobre as mulheres negras e pobres são resultantes de diversos cruzamentos das forças de poder que atuam em suas vidas de maneira direta ou indireta, sendo a família um dos principais lugares dessa operacionalização.



## 1.2 As mulheres e as/nas famílias

A concepção de família, durante séculos, esteve ligada diretamente ao comando da figura paterna, sendo assim as relações existentes em seu cotidiano desenhavam-se a partir de suas ordens, pensamentos e sentidos. Em uma releitura histórica sobre esse modelo de estrutura familiar situado nas concepções patriarcais Samara (2004, p.14) afirma que,

Esse modelo de estrutura familiar necessariamente enfatizava a autoridade do marido, relegando a esposa um papel mais restrito ao âmbito da família. As mulheres depois de casadas passavam da tutela do pai para a do marido cuidando dos filhos e da casa no desempenho da função doméstica que lhes estava reservada.

Neste sentido, as discussões sobre o papel das mulheres no seio das famílias perpassa a reflexão sobre os sentidos e funções atribuídos a elas desde a concepção da ideia de família enquanto propriedade, assim as relações de poder eram incorporadas ao paterno, ao homem.

De acordo com Morin (1994), a ideia de superioridade masculina coincide com o nascimento da família enquanto microestrutura social. Ou seja, a família, enquanto propriedade privada, nasce sob o ideal de dominação do masculino, a mulher é parte desta, logo deve ser submissa ao homem e respeitar sua superioridade naturalizada e explicada por diferentes fatores em diferentes contextos.

Assim, a família é entendida enquanto elemento de transformações históricas, sociais, culturais e temporais, que sofre diferentes impactos ao longo dos séculos, tendo seu sentido questionado e suas estruturas modificadas a depender de cada contexto.

Desta maneira, a ideia de família vem sendo modificada por diferentes elementos da cultura, do tempo e do espaço no qual ela se constitui. Conforme Sarti (2004),

Cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida, com base nos elementos objetiva e subjetivamente acessíveis aos sujeitos na cultura em que vivem. (SARTI, 2004, p. 13).

Os modos e as formas como cada família se constitui e se estrutura dependem não somente dos contextos, mas também dos interesses e ideias que fazem parte daquele grupo.

A própria estrutura familiar pode ser vista e entendida como uma sociedade, que tem seus próprios valores, tradições e pactos. De acordo com Biroli (2018),

A família toma forma em instituições, normas, valores e práticas cotidianas. Sua realidade não é da ordem do espontâneo, mas, sim, dos processos sociais, da interação entre o institucional, o simbólico e o material. Ganha sentido em contextos históricos específicos e modifica-se no tempo e em diferentes ambientes culturais, mas corresponde a uma pluralidade de arranjos em um mesmo local de tempo (p. 91).

Dessa maneira, a família é composta de diversos processos sociais que incidem sobre os interesses de seus membros e que refletem os interesses e desígnios que operam na sociedade. Ou seja, muitas das representações encontradas no seio das famílias são resultantes de processos sociais que atendem às expectativas das relações de poder.

Em consonância, a relação entre os sexos e a posição das mulheres nas famílias e na sociedade constitui parte do sistema de um amplo sistema de desígnios sociais que ultrapassa os interesses individuais e se instaura nos mais diferentes modos organizacionais familiares.

Nos moldes deste modelo de família baseado no patriarcalismo, a mulher é condicionada a exercer funções e representações que as coloquem em lugar de subalternidade. Emerge neste contexto um modelo ideal de mulher que serve ao matrimônio e assim à sociedade. Dessa maneira, percebe-se que valores, critérios morais, interesses e concepções interferem diretamente nos arranjos matrimoniais de cada grupo social.

Neste sentido o casamento, entre os mais ricos, surge como uma espécie de pacto social que serviria para sanar diferentes anseios de continuidade e interesses de linhagem que se colocam acima dos interesses e expectativas pessoais no matrimônio.

O casamento serviria também, no aspecto religioso, como um vínculo de controle do comportamento social dos sujeitos, garantindo à igreja o controle das famílias e a manutenção das ideologias dominantes. Conforme Samara (2002, p. 59), a incumbência básica da mulher reside sempre no bom desempenho do governo do doméstico e na assistência moral às famílias, fortalecendo seus laços.

No entanto, para os mais pobres o casamento apresenta-se como um ato de seguridade aos envolvidos, principalmente a mulher, pois serviria como um sistema no qual as garantias de sua sobrevivência são maiores.

Neste sentido, de acordo com Pateman (1993, p.54), no sistema patriarcal o casamento é uma espécie de contrato, “uma forma de dominação atenuada por direitos e obrigações que são mútuos, ou seja, trata-se de uma troca controlada de submissão por proteção, de trabalho gratuito por sustento” em que o sustento econômico e a proteção oferecidos pelo homem devem ser trocados pela sujeição das mulheres.

Assim, nas classes sociais mais baixas o casamento pode ser entendido por vezes como uma ato de seguridade social aos envolvidos, principalmente a mulher, pois, dentro dessa concepção é no marido que ela encontrará uma base fundamental para sua garantia de vida.

Desta maneira, a posição das mulheres dentro da família e do casamento, bem como suas funções, anseios e representações podem estar diretamente ligadas a sua condição social.

Bourdieu (1999, p. 49) faz referência à família, enquanto ambiente intrinsecamente favorável a reprodução da dominação masculina, é, pois, na família que é imposta, sutilmente, a “experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da reprodução legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem”

Neste sentido, as mulheres casadas vivem no seio da família sob dominação que se reflete em quase todas as atividades do cotidiano. Tarefas do lar, cuidado com os filhos e com o marido, bem como quaisquer funções rejeitadas pelo masculino que lhes são atribuídas ou destinadas sem nenhum meio de negação pela sociedade sob o aspecto da naturalidade feminina para o desenvolvimento destas funções.

O significado e as formas desta naturalização acontecem de diferentes maneiras em sociedades distintas e se diferenciam a partir das classes sociais nas quais elas constituem. A construção social sobre o que é ser mulher e ser homem variam a partir do contexto, do tempo e das atribuições culturais de cada sociedade, a dimensão sociocultural marca os corpos de cada indivíduo de diferentes formas a partir do seu contexto de vida, por essa razão faz-se necessário considerar as especificidades de cada sujeito e de cada grupo social.

Atribuir funções e tarefas de acordo com os sexos é algo reproduzido e perpetuado desde os primórdios da humanidade. Isto é, tenta se fazer crer que “a atribuição do espaço doméstico decorre de sua capacidade de ser mãe” (SAFFIOTI, 1986. p. 9). A sociedade investe, histórica e culturalmente, todos os dias na

naturalização destes processos através dos instrumentos utilizados cotidianamente pelos mecanismos de poder.

Isso reflete-se diretamente nas divisões de funções a partir da classe existente e que dizem muito sobre as diferentes representações atribuídas à mulher tradicionalmente. Nas palavras de Rowbotham (1983, p 105), “a forma de opressão particular da mulher na família”, no regime capitalista, é apenas um dos aspectos históricos de uma sociedade.

Ainda que as funções e atribuições femininas sejam consideradas iguais na sociedade como um todo, nas classes sociais mais baixas elas ganham diferentes contornos e nuances acentuando-se sob os pilares da dominação patriarcal muito presente.

As mulheres pertencentes às classes sociais mais baixas têm funções e representações definidas desde seu nascimento. Sua educação, normatização e seus ensinamentos são voltados à formação de um ser doméstico e amigável. Sendo sempre levada a acreditar-se que nasce para suprir a carência da família, do marido, dos filhos e da sua comunidade. Conforme Mendes (2002, p.6),

Essa chefia feminina do tipo “manutenção feminina com a presença do parceiro no domicílio”, é difícil de ser percebida no que diz respeito às relações de gênero, visto que o peso da tradição acaba dificultando e encobrindo as alterações de papéis e poder de decisão dentro do domicílio, principalmente quando uma das atribuições centralmente considerada definidora da figura masculina, a de provedor da família, está sendo ocupada pela figura feminina.

Dessa maneira, mesmo sendo de responsabilidade dela gerar, criar, cuidar, acolher, proteger, resolver, equilibrar filhos, marido e situações problema no cotidiano do lar deve fazer sem deixar de lado os estereótipos, traduzidos em “qualidades femininas” básicas como ser gentil, amável, doce e submissa, sempre.

Fazendo por vezes com que essa negue sua posição ou ocultem esse lado para não menosprezar a figura do marido enquanto provedor do lar, para Bourdieu (1999), tais atitudes se justificam pela eficiência presente nas estruturas de dominação, que tendem a naturalizar as práticas dessa construção histórica e cultural que é a dominação masculina.

Essa associação cria a imagem da mulher perfeita ao equilíbrio social, elas acabam por internalizar esses valores e os reproduzem sem resignação ou questionamento. Quando aceita o seu “destino” é bem recebido e aplaudida pela

sociedade, contudo se resolve questioná-lo ou subvertê-lo passam a serem descartadas da sociedade, tidas como loucas, mal-amadas e amarguradas.

De acordo com Saffioti (1987, p. 10), os estereótipos têm, realmente, a força do molde. Quem não entrar na forma corre o risco de ser marginalizado das relações consideradas "normais", assim o conceito de "normal" é socialmente construído pelos costumes.

Dessa maneira aquelas que reproduzem seus papéis sem questionamentos ou sem expô-los atendem aos modelos definidos culturalmente e servem de espelho para as novas gerações, enquanto aquelas que de alguma forma exprimem negativas em relação a estes moldes são julgadas, excluídas e estereotipadas negativamente para que também sirvam de espelho sobre o que não se deve fazer. Ainda, segundo Saffioti (1987)

Em outros termos, o estereótipo funciona como uma máscara. Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara das submissas. O uso das máscaras significa a repressão de todos os desejos que caminham em outra direção (p.40).

Toda vez que uma mulher se recusa a usar esta máscara corre o risco de ser inserida à margem das relações sociais. Assim, não somente existem papéis que são atribuídos historicamente existe também a expectativa do cumprimento desses papéis para o funcionamento das relações e para a manutenção do equilíbrio da sociedade “no seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes” (SAFFIOTI, 1987, p. 50). Essa manutenção se evidencia no âmbito familiar no que diz respeito às questões de autoridades, trabalhos, proventos e explorações.

No entanto, é preciso reconhecer e enxergar as mudanças que já acontecem no seio das famílias, não somente em suas estruturas, mas também em seus sentidos. “A família contemporânea passa por mudanças em muitas dimensões, especialmente nas relações intergeracionais e de intimidade, caracterizadas pela maior expressão dos afetos e busca de autonomia dos seus membros (PETRINI; ALCÂNTARA; MOREIRA, 2009, p.1). Dessa maneira, as novas formatações da ideia de família vem se sobrepondo ao modelo tradicional patriarcal.

Importante atentar sobre quais famílias estão se tratando, nas comunidades periféricas verificam-se novas formatações de famílias já propostas e vivenciadas por aqueles e aquelas que as compõem. Para Biroli (2018, p. 34-35), “os arranjos familiares e os padrões da divisão sexual do trabalho modificaram-se, mas

continuam a implicar, nas suas formas correntes, maior vulnerabilidade para as mulheres, em especial às mais pobres”.

Assim, as mulheres ocupam diversos papéis ressignificados nas diferentes formatações de família que se apresentam nas comunidades, mas ainda incidem sobre elas uma maior vulnerabilidade social. Em suas realidades as famílias são diversas e plurais, são famílias que se estendem e se comunicam através de diferentes conexões, sejam elas de afetividade, de trabalho e de necessidades básicas compartilhadas para serem supridas em conjunto.

### 1.3. O trabalho no mundo das mulheres

No campo do trabalho as relações entre homens e mulheres exprimem-se e assumem características determinadas pela cultura. Nas relações de trabalho, homens e mulheres se distanciam por meio da definição social dos papéis, assim as funções atribuídas a cada um dependem do contexto e das representações sociais estabelecidas (MOSCOVICI, 2009).

Dentro dessa perspectiva a representação social apresenta-se como uma forma de conhecimento que visa transformar o que é estranho em familiar, por meio da agregação da novidade a estruturas de conhecimento já existentes e dotadas de certa estabilidade.

Essas representações permitem diferentes interpretações e percepções dos fenômenos vivenciados pelos sujeitos em sociedade e os direcionam sobre como devem agir sobre elas em relação às suas realidades, dessa maneira a representação toma o lugar do objeto e torna-se parte da vida social. Assim, a inserção das mulheres no mercado de trabalho remete historicamente a desafios, conflitos e discriminações relacionados às questões de gênero e a maneira como a sociedade as relaciona.

De acordo com Coutinho (2009), "às condições de trabalho são relativas às circunstâncias nas quais ele ocorre, já os significados remetem aos diferentes valores e concepções". Ou seja, as funções, papéis e representações das mulheres nas relações de trabalho refletem os desígnios e conceitos estabelecidos sócio e culturalmente.

Nesse sentido, o gênero destaca-se como requisito necessário e imprescindível na estrutura e nas relações de trabalho. O valor do trabalho ganha

diferentes proporções quando direcionados a homens e mulheres. Conforme Perroux (2019, p.114), “o caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre dona de casa”.

Ou seja, o doméstico sempre pesou na vida das mulheres, de modo geral, em todas as sociedades, comunidades e contextos, particularmente nas camadas sociais mais inferiorizadas, apesar de elas muitas vezes trabalharem par a par com os homens, no entanto, sem ter as iguais condições e os mesmos direitos sobre o produto dos seus trabalhos.

Os marcadores definem desde a função que homens e mulheres podem, ou devem, desenvolver e influenciam até mesmo em sua remuneração. Os lugares destinados às mulheres nessas relações perpassam sempre aos lugares que remetem ao cuidado como no relato acima

Ou seja, em um mesmo campo de trabalho encontra-se divisões bem nítidas determinadas pelo sexo . Trabalhos inferiorizados e tidos como obrigação feminina são direcionados às mulheres, funções e representações de mais poder e destaque são atribuídos diretamente aos homens, mesmo quando estes não participam da força produtiva de trabalho, como no caso da produção de vassouras realizada em sua totalidade pelas mulheres. Dessa maneira, Chies (2010) ressalta que,

Se a subordinação da mulher ao homem é um ponto fixo na mentalidade de uma sociedade, independente de qual profissão que esses venham a se confrontar no campo do trabalho, de médicos a funcionários de limpeza, a mulher, por via de regra social, será menos valorizada nesse quadro, o que inevitavelmente indica que homens e mulheres não podem ter a mesma identidade mesmo que atuantes em uma mesma profissão (p. 510).

Independente de quais sejam as posições ocupadas pelas mulheres, suas definições sempre se dão em um confronto de forças diretamente relacionado aos homens. Pontos em comum são encontrados quando se trata da mesma profissão, no entanto sempre existiram diferenças marcadas a depender do sexo.

Chies (2010) aponta que,

Homens e mulheres podem ser subordinados no campo econômico pela exploração de sua força de trabalho, no entanto, a mulher é subordinada nas duas dimensões, tanto no “sistema de exploração” como no “sistema de dominação” (p. 510).

Os modos de dominação, por meio do silenciamento ou secundarização da força de trabalho ganham formas sutis de se executar e, por vezes, passam despercebidos na sociedade.

As mulheres se inserem na posição da sujeição e naturalizam este lugar não o questionando, enquanto os homens entendem que de alguma maneira é este o lugar natural deles, se consideram superiores sempre, portanto, a construção da superioridade social dos homens depende da construção da subordinação das mulheres.

Nas palavras de Saffioti (1987),

Trabalhando em troca de um salário ou não, na fábrica, no escritório, na escola, no comércio, ou a domicílio, como é o caso de muitas mulheres que costuram, fazem crochê, tricô, doces e salgados, a mulher é socialmente responsável pela manutenção da ordem na residência e pela criação e educação dos filhos. Assim, por maiores que sejam as diferenças de renda encontradas no seio do contingente feminino, permanece esta identidade básica entre todas as mulheres (p.9).

Dessa maneira, o espaço doméstico é tido e reproduzido cotidianamente como naturalmente um espaço das mulheres, no qual as atividades desenvolvidas ali são consideradas inferiores e subvalorizadas. Por meio da cultura esses ditos espaços das mulheres, foram naturalizados e reforçados ao longo do tempo.

A essa posição de inferioridade construída no ambiente doméstico e reforçada no interior das famílias reflete a posição das mulheres no mercado de trabalho. Conforme Davis (2016, p. 230), “como as tarefas domésticas não geram lucro, o trabalho doméstico foi naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho, em comparação com a atividade assalariada capitalista”.

Assim, as relações de trabalho foram sujeitadas aos condicionamentos da sociedade capitalista, as atividades desenvolvidas no âmbito dos lares por mulheres foram invisibilizadas como força de trabalho e secundarizadas como função de menor valor. Dessa maneira, as mulheres foram levadas ao papel de “dona de casa” e sua força de trabalho foi invisibilizada pelo ideário da função de guardiã dos lares e do equilíbrio da família.

Há a necessidade de atrelar a questão do gênero na discussão sobre classe social e etnicidade, pois estes marcadores se correlacionam e não serão compreendidos se discutidos isoladamente. De acordo com Collins (2015, p.14), “precisamos de novas categorias de análise que incluem raça, classe e gênero como estruturas de opressão distintas, mas imbricadas”.

A posição das mulheres no mercado de trabalho, ou as suas não posições estão diretamente atreladas ao gênero, bem como as suas condições socioeconômicas, de classe social e suas etnicidades. Funções e trabalhos



subalternizados tendem a ser constantemente atribuídos ou destinados às mulheres, sendo estas em sua maioria pobres, moradoras de regiões periféricas e quase sempre negras.

Conforme Saffioti (1976, p. 39), “para a mulher das classes sociais menos privilegiadas o trabalho se impõe como um meio de subsistência”, ou seja, torna-se uma garantia de sobrevivência para si e para suas famílias. Quando as atividades são classificadas como ajuda ao marido, tidas como necessárias para o equilíbrio do lar, elas naturalizam a função das mulheres bem como qualquer outra que venha a surgir. Isso inferioriza a força de trabalho feminina, refletindo diretamente nas concepções da sociedade.

Em concordância, Davis (2016) chama atenção para o fato de que as mulheres em situação de pobreza se veem obrigadas a somar ao papel de mães e especialista e em domesticidade e a função de trabalhadora para além do ambiente doméstico, em prol de suas sobrevivências e dos seus filhos

Para as mulheres das classes sociais menos privilegiadas esses ensinamentos ganham nuances ainda mais bem definidas. Desde muito cedo a essas jovens são designadas funções do cuidar, seja dos irmãos e irmãs mais novas, seja da casa, das tarefas do lar, e bem como são ensinadas a desempenhar seu futuro papel de esposa.

Assim, os meninos são preparados para o exercício do trabalho produtivo, já as meninas são ligadas sempre às tarefas do lar, desempenhando funções domésticas desde muito novas para aprenderem a gerenciar as funções do lar em um futuro próximo. Dessa forma, “as mulheres, muito mais que os homens, não são preparadas para o exercício de uma profissão.” (SAFFIOTI, 1976, p. 47). Assim, o trabalho das mulheres assume diferentes nuances da sociedade ao longo dos séculos.

Sarti (2002) afirma que a sobrevivência dos grupos domésticos das mulheres “chefes de família” é possibilitada pela mobilização cotidiana de uma rede familiar que ultrapassa os limites da casa. Ou seja, redes comunitárias de ajuda e trabalho são formadas, como no caso das vassoureiras que, ao longo do tempo, aprenderam a se unir em prol do seu trabalho e de suas famílias.

No imaginário social construído histórico e culturalmente sobre as ditas funções femininas, as mulheres encontram-se condicionadas, desde sua infância, a posições subalternizadas aos homens, a se comportarem de modos prescritos. Isso

porque parecem preencher os requisitos descritos como femininos, tudo isso refletindo posteriormente em sua não inserção ou posição secundária no mercado de trabalho. O valor do trabalho tem diferentes dimensões para homens e mulheres.

Saffioti (1997) diz que há uma “ordem das bicadas”, organizada por um sistema hierárquico que garante sempre o maior poder ao galo. Em um galinheiro com dez galinhas, a última na hierarquia é a que mais sofre, pois é bicada não apenas pelo galo, mas pelas outras galinhas, não podendo bicar nenhuma.

A metáfora apresentada por Saffioti (1997), no contexto das mulheres vassoureiras, pode ser utilizada para representar essas mulheres que vivem em situação de pobreza, sofrem cotidianamente opressões e discriminações por serem mulheres e atuarem em uma atividade de trabalho não valorizada cultural e economicamente.

Portanto, as relações de trabalho servem como indicadores de como as relações de gênero e as definições de papéis sociais se desenvolvem nas sociedades. Ao homem é associado a dominação o trabalho, quase sempre atrelado ao espaço público, enxergado como um espaço de privilégios, a mulher é associada ao lar, ao espaço privado e as posições de subordinação

O trabalho feminino é visto, como reflexo de uma construção histórica e social como um trabalho secundarizado, sem grande importância, e algumas vezes somente como uma espécie de ajuda ao marido, considerando que, no imaginário social, essas mulheres não teriam capacidade de exercer o trabalho remunerado fora de casa.

Dessa maneira, de acordo com Davis (2016, p. 225), “assim como as obrigações maternas de uma mulher são aceitas como naturais, seu infinito esforço como dona de casa raramente é reconhecido no interior da família”. As tarefas domésticas, ou quaisquer outras desenvolvidas no âmbito do lar, são em sua maioria praticamente invisíveis aos olhos da sociedade.

Nas palavras de Perrot (2019, p.115), o trabalho doméstico resiste às evoluções igualitárias. Invisível, fluido e elástico”. Ou seja, o trabalho da mulher quando desenvolvido dentro do lar, é visto como uma obrigação e quase sempre é invisibilizado.

Essa espécie de neutralização do trabalho desenvolvido no espaço da casa contribui para a naturalização das chamadas obrigações femininas bem como tendem a subjugar e secundarizar toda e qualquer atividade de trabalho

desenvolvida pela mulher dentro de casa. Para Biroli (2018, p.48) “ análise do trabalho realizado na esfera familiar evidencia as hierarquias que organizam as relações dentro e fora dela.” Todo o trabalho realidade dentro das casas, no âmbito do lar entendido enquanto âmbito privado, é considerado como função de menor valor se desenvolvido por mulheres.

Nos espaços e ambientes de menor privilégio social, bairros carentes e periféricos esses trabalhos e atividades fazem parte do dia a dia de todas as mulheres. De acordo com Saffioti (1976, p. 32), “a mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as espécies e lugares ela tem contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social”.

Ou seja, as mulheres buscam meios de criar renda e contribuir para o sustento de suas famílias, desenvolvendo dentro de casa e nos arredores diferentes atividades de trabalho que ajudam em sua subsistência.

Isto significa que, as mulheres pertencentes às classes sociais mais baixas atuam diretamente na produção de renda de suas famílias, ainda que esta função não seja percebida como força de trabalho, elas estão presentes e ativas contribuindo para o sustento de suas casas e para os lucros da sociedade.

Conforme Mendes (2002, p.11), o contexto socioeconômico e político em que as mulheres estão inseridas, e que as fazem ingressar no mercado de trabalho, se torna fundamental para sabê-las enquanto um processo de emancipação, ou de exploração.

Para a maioria dessas, trabalhar é um meio de garantia de sobrevivência para elas e suas famílias, ou seja, elas atuam e necessitam atuar diretamente na produção de renda de suas famílias, ainda que essa função não seja reconhecida como força de trabalho elas estão presentes e ativas contribuindo para o sustento de suas casas e para sobrevivência de suas famílias. Nas palavras de Biroli (2018),

Às restrições que assim se estabelecem definem-se na forma de opressões cruzadas, isto é, na convergência entre gênero, classe e raça. Sem que se levem em conta as relações de gênero, é impossível explicar por que a precariedade e vulnerabilidade são maiores entre as mulheres do que entre os homens. Sem que se leve em conta as relações de classe e de raça, é impossível compreender por que as mulheres estão em posições assimétricas nas hierarquias que assim se definem (p.51).

Nesse sentido, é necessário compreender que a divisão sexual do trabalho é também um fator importante na exclusão, mas não incide da mesma maneira na vida de todas as mulheres

A exclusão das mulheres em diferentes contextos e situações é uma construção histórica, que reflete aspectos sociais, culturais e políticos de cada sociedade. Tomando como base as atribuições de papéis, Hirata e Kergoat (2007) discutem a problemática da divisão sexual do trabalho e de acordo com eles,

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (p. 599).

A inserção das mulheres no mercado de trabalho remete historicamente a desafios, conflitos e discriminações relacionados às questões de gênero e a maneira como a sociedade as relaciona.

Em conformidade, Coutinho (2009, p.192) afirma que “as condições de trabalho são relativas às circunstâncias nas quais ele ocorre, já os significados remetem aos diferentes valores e concepções”. Ou seja, as funções, papéis e representações das mulheres nas relações de trabalho refletem os desígnios e conceitos estabelecidos sócio e culturalmente.

Nesse sentido, o gênero destaca-se como requisito necessário e imprescindível na estrutura e nas relações de trabalho. O valor do trabalho ganha diferentes proporções quando direcionados a homens e mulheres. Conforme Perroux (2019, p.114), “o caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre dona de casa”.

O doméstico sempre pesou na vida das mulheres, de modo geral, em todas as sociedades, comunidades e contextos, particularmente nas camadas sociais mais inferiorizadas, apesar de elas muitas vezes trabalharem par a par com os homens, no entanto, sem ter as iguais condições e os mesmos direitos sobre o produto dos seus trabalhos.

Ainda, de acordo com Hirata e Kergoat (2007), existem dois princípios básicos na divisão de trabalho entre homens e mulheres: o princípio da separação, no qual existe a separação de trabalho de homem e trabalho de mulher e o princípio da

hierarquização, no qual o trabalho desempenhado por um homem vale mais que o trabalho desempenhado por uma mulher.

Para além da divisão sexual do trabalho, tratada anteriormente, estabelece-se nas sociedades a divisão racial que tende a delegar funções diferenciadas a partir da atribuição racial e de cor das pessoas, e dentro dessa divisão as mulheres negras tendem a ser subalternizadas, de acordo com Carneiro (2020, p. 51),

Assim, se a divisão sexual do trabalho configurou papéis a mulher que o Movimento Feminista busca questionar e redefinir, a divisão racial do trabalho instaura papéis e funções diferenciadas no interior do grupo feminino onde a avaliação dos custos e benefícios auferidos expressa os níveis diferenciados de exploração e opressão que cabe as mulheres dos diferentes grupos raciais.

Dessa maneira, a situação de pobreza e ou miséria das mulheres pertencentes às camadas sociais mais pobres podem agir diretamente sobre suas posições e condições no mercado de trabalho.

Associada a essa questão, a cor e os aspectos étnicos tendem a ser utilizados como marcadores sobre os corpos das mulheres negras, fazendo com que a essas sejam sempre destinados papéis e funções marginalizadas, refletindo nos espaços de produção e nas tarefas que lhes são designadas no mercado de trabalho.

Ainda nas palavras de Carneiro (2020, p. 55), para as mulheres negras, a conjunção das discriminações de raça, sexo e classe implica em uma triplice militância, visto que nenhuma solução efetiva para os problemas que nos afligem pode advir da alienação de qualquer desses três fatores. Ou seja, é necessário entender como a articulação entre esses três marcadores atua na vida das mulheres, refletindo que não existe hierarquia de opressões, mas que as diferentes condições que atravessam os corpos das mulheres negras e pobres devem ser trazidas ao debate.

Assim, se faz necessário que as questões que envolvem a mulher no mercado de trabalho ou a sua ausência neste ambiente sejam discutidas à luz da interseccionalidade, para que possamos entender como essas opressões atuam de maneira dolorosa e marcante na vida das mulheres negras, bem como para que possamos combatê-las.

#### 1.4 Trata-se de quais mulheres? Interseccionalidades

Assim, a análise cautelosa da condição das mulheres na sociedade, seus processos de constituição identitária, contextos de vida e suas relações de trabalho são aspectos fundamentais para a compreensão de como a sociedade se estrutura e como os mecanismos de poder tem atuado na vida de diferentes sujeitos.

Pensar mulheres negras em situação de pobreza, à margem de seus direitos, transitando em contextos de preconceito cuja interiorização da condição de inferioridade perdura em suas identidades é um desafio na atualidade.

Refletir sobre quais mulheres e em quais condições históricas, culturais e sociais essas se constituem se faz de extrema importância nesta análise. O processo de constituição da identidade étnica das mulheres negras sofre diversos impactos culturais e sociais. González (1984) analisa os processos de infantilização das mulheres negras que têm como objetivo nosso silenciamento e domesticação. Colocam-nos sempre no lugar das faladas por todos, mas sem o direito de falarmos por nós mesmas.

Todo esse processo é reforçado pela cultura por meio da ideologia dominante que atribui a homens e mulheres papéis e funções diferenciadas e hierarquizadas ao longo dos séculos. As posições que as mulheres ocupam em nossa sociedade historicamente sempre estiveram marcadas por situações de opressão e subalternização.

Enquanto temas em comum podem funcionar como elo entre as vidas das mulheres negras, esses temas serão vivenciados de maneiras diferentes por mulheres negras de diferentes classes, idades, regiões e preferências sexuais, bem como por mulheres em configurações históricas diferentes.

Portanto, não existe uma cultura das mulheres negras que seja homogênea; existem construções sociais das culturas das mulheres negras que juntas formam a sua cultura (COLLINS, 2016, p.111).

Dessa maneira, quando se trata das mulheres negras a leitura desses fenômenos deve ser feita de maneira ainda mais cautelosa, pois essas sempre tiveram suas histórias e trajetórias diretamente afetadas pelas desigualdades sociais que atravessam suas vivências, sendo evidenciadas por questões de gênero, da raça, da sua condição social e da sua orientação sexual.

As relações de gênero, classe e etnia são fatores estruturantes e determinantes das sociedades e estão presentes em todas as esferas da vida social,

para Crenshaw (2002), a análise desses fenômenos sob a ótica da interseccionalidade serve como “aporte teórico metodológico para se pensar múltiplas exclusões e como de fato construir estratégias para o enfrentamento desse paradigma”.

A interseccionalidade revela-se, nesse sentido, como um espaço de cruzamento no qual as estruturas de opressão de raça, classe e gênero se encontram e operam articuladamente como eixos de poder.

Crenshaw (2002) utiliza o termo interseccionalidade também para apontar as complexidades que envolvem suas lutas e pautas, porque não há como a mulher negra, enquanto sujeito histórico e político, lutar sem levar em consideração as interseções das diferentes opressões que a atingem.

Akotirene (2021) confirma essa perspectiva quando propõe que “a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias”. De acordo com Akotirene (2021), “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões e combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas. E que às vezes somos oprimidos, mas às vezes somos opressores”.

Sob a ótica de Davis (2016, p. 233), assim como seus companheiros, as mulheres negras trabalham até não poder mais. Assim como seus companheiros, elas assumiram a responsabilidade de provedoras da família, no entanto o reconhecimento sobre as suas contribuições é pequeno ou inexistente.

As mulheres negras dentro desses contextos necessitam ser vistas em suas particularidades, nas relações de trabalho essas mulheres são designadas e categorizadas a partir das representações estabelecidas na sociedade, sob a ótica de Carneiro (2020, p. 36),

A cor funciona, em relação às mulheres negras, como fator não somente de expulsão da população feminina negra para as piores atividades do mercado de trabalho, como também determina os mais baixos rendimentos, mesmo nessas funções subalternas, o que ocorre de maneira sistemática no interior das demais ocupações.

Dessa maneira, sob essa perspectiva a cor atua nas dentro das relações do sociais como fator de exclusão, delegando as mulheres negras as funções rejeitadas por outras mulheres, assim o sexo e a raça atuam de maneira cumulativa nas exclusões, configurando sempre as maiores desvantagens a mulher negra, atuando como mecanismos de poder e exclusão.

A localização das mulheres negras na sociedade e sua marginalização estrutural nas relações familiares e de trabalho reflete aspectos culturais constituídos sócio e historicamente em relação às mulheres e os processos de exclusão e segregação vivenciados pelas mulheres negras ao longo de suas trajetórias.

Carneiro (2014) traz uma reflexão sobre as especificidades das mulheres negras que não foram consideradas na formação do pensamento feminista, que tomava a mulher como uma categoria homogênea, sem tratar das diferenças existentes no grupo. A autora mostra as diversas funções exercidas pelas mulheres negras, que sempre trabalharam para a sua sobrevivência e de suas famílias e nos questiona,

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (CARNEIRO, 2014, p. 1-2).

Além de tratar do trabalho doméstico, a autora aborda a reflexão sobre os diferentes papéis ativos que a mulher negra assumiu e assume dentro da sociedade em todos os momentos e tempos históricos. Destacando as multifunções que essas mulheres assumem ao longo de suas vidas em todos os tipos de trabalho, a exemplo de quituteiras, vendedoras e vassoureiras, e sua capacidade constante de criar e promover os meios que gerem e garantam a renda e sobrevivência de suas famílias.

O cruzamento dessas estruturas de poder podem atuar e influenciar diretamente na construção das identidades étnicas das mulheres negras, pois essa entendida como sempre em movimento, se estrutura e se modifica com as relações culturais, configurando-se diante da percepção daquilo que somos e do que nos constitui culturalmente, sendo a cultura entendida como um mecanismo de produção de significados construídos coletivamente que são compartilhados no plano do indivíduo.



## **CAPÍTULO II**

### **ETNICIDADE, CULTURA, FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

## 2. ETNICIDADE, CULTURA, FRONTEIRAS E IDENTIDADES

### 2.1 ETNICIDADE, CULTURA E IDENTIDADES

Os estudos acerca da etnicidade apresentaram diversos conceitos em sua história, desde a necessidade de nomear e estudar origens de grupos e classificação de raças, à compreensão dos grupos auto identificados e politicamente referenciados em busca do cumprimento de leis por efetivação de seus direitos a igualdade social. Diante disso, refletir a constituição das identidades étnicas dessas mulheres perpassa a necessidade de se entender como os preceitos e conceitos de seus papéis são e estão estruturados na sociedade. Sob este prisma,

[...] a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de “traços culturais” (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinária, etc.), transmitidos da mesma forma de geração para geração na história do grupo; ela provoca ações e reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir (POUTIGNAT; FENART, 2011, p. 11).

Então, compreende-se que o termo etnicidade possui um significado dialético, bem como o sujeito ou grupo do qual o termo define. Com esse sentido, a identidade étnica também precisa ser compreendida como um eixo em constante construção, tendo alguns elementos como base constitutiva, a identidade não gira em torno de algo fixo ou isolado, as relações produzem as diferenças e nesse movimento as identidades se constituem.

Silva (2014) aponta que a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas, onde há diferenciação há poder. Assim, a construção das identidades étnicas perpassa pelas relações de poder de cada sociedade e suas definições estão sujeitas aos vetores de forças sociais e coercitivas. De tal modo é necessário pensar que a cultura age sobre os sujeitos da mesma forma que os sujeitos agem sobre a cultura Sendo a cultura entendida como um fluxo em um campo de variação produzida, reproduzida, experimentada e ressignificada, as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis.

De acordo com Hall (2004), as implicações sempre transitórias e prófugas de processos de identificação, tornando mais consistentes, como a de mulher, homem, que estão em constante processo de transformação, responsáveis em última

instância pela sucessão de configurações sexuais que de uma época para outra, tem dado corpo e vida às identidades, que são, pois, identificações em curso, sucessivas reconstruções entre contextos dos mais diversos.

Essa identidade é definida historicamente e numa cultura. Como explica Hall (2006):

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p 13).

A cultura atua na pessoa como uma fonte de significações um foco de identificação e um sistema de representações que se multiplicam, haja vista que o autor mostra que diariamente somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais podemos nos identificar, ao menos temporariamente.

A identidade, entendida como um sistema fluido e em constante transformação, é marcada por sua dinamicidade, constituída pelo processo de interação entre os indivíduos e a sociedade, esta não é fixa e pronta a existir está sempre em construção e reconstrução, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2004, p.13).

Dessa maneira, apesar da identidade da pessoa ser pessoal única, não é fixa e imutável, faz parte de um jogo relacional, no qual evidenciam ao mesmo tempo a diversidade dos sujeitos, as relações de poder, interações sociais deste com o meio, distinções de classe e etnia e as desigualdades sociais. Nesse jogo relacional constroem-se identidades na relação do outro em contatos com o meio social no qual os sujeitos elaboram suas subjetividades envolvidos pela cultura.

Para Hall (2004), a identidade é entendida, nessa concepção, como uma celebração móvel, formada e transformada continuamente. Trata-se de uma construção tanto simbólica quanto social, entendida como um sistema fluído e em constante transformação.

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ETNICA DE MULHERES VASSOUREIRAS

Os processos identitários vivenciados pelas mulheres em sua atividade laboral ao longo dos séculos demonstram que suas identidades se constituem em cenário de complexidades em diferentes fatores sociais, históricos, culturais, políticos e econômicos que atuam diretamente nesse processo.

Diante desta multiplicidade de fatores que definem uma identidade, a história de mulheres perpassa pelo campo das relações sociais, culturais e históricas que diretamente influenciam pelos sujeitos em suas interações com seu contexto social e representatividades. Também, a formação e conservação de identidades integram aos interesses condicionados pelas estruturas dominantes e modelos legitimados.

As mulheres lidam cotidianamente com padrões e representações acerca de como devem ser, agir e se comportar no mundo, a partir do que é culturalmente aceito e naturalizado pela sociedade e direcionado aos seus corpos. Um padrão do “feminino” é estabelecido e generaliza as mulheres esquecendo e até silenciando suas individualidades. Em conformidade, Carneiro (2020, p. 48) relata:

E é precisamente nesse geral que residem as dificuldades, na medida em que o pressuposto que afirma a identidade feminina como um campo de significações particulares incorre no risco de não considerar a complexidade das relações sociais. Tal complexidade implica na inexistência de totalidades femininas e masculinas isentas de diferenciação.

Destaca-se aqui o entendimento sobre a produção da identidade construída em contextos com base no ideal sexista (masculina ou feminina), revelando a existência de padrões historicamente, culturalmente fixados de maneira diferenciada. Assim, constituem suas identidades em um processo complexo a partir das suas identificações, representações e significações.

Trata-se, portanto, de uma ideia de identidade como construção tanto simbólica quanto social, entendida ainda como desenvolvida dentro de um sistema que tem bases históricas, mas que se constitui em constante transformação. Assim, a produção das identidades é marcada por um contínuo movimento que ora busca fixá-las, ora tende a subvertê-las ou desestabilizá-las.

A identidade cultural sendo portanto formada a partir da conexão entre os padrões culturais e históricos que precisam ser correspondidos nessas interações negociadas. Conforme Saffioti (1996),

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma

forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFIOTTI, 1996, p. 8).

Nessa perspectiva, a identidade é entendida como papéis sociais, por um posicionamento a partir de funções a serem realizadas. Resulta assim, de um conjunto complexo de atuações, interações e identificações que são influenciados pelos saberes e valores transmitidos culturalmente em um sistema de representações, papéis e funções demarcados e atribuídos de diferentes formas e contextos.

Nesse sistema de produção e transmissão de saberes e valores, existem marcadores que atuam diretamente, tais como a família, a escola e igreja que influenciam as formas de viver e atribuem distintas funções e representações a homens e mulheres ao longo do tempo. É na família que o processo de constituição das identidades recebe as primeiras intervenções culturais, pois é nela que se constroem diversos tipos de relações, padrões, comportamentos e condicionamentos culturais e sociais. O modelo familiar estabelecido historicamente na sociedade concebe a identidade do homem como sujeito central e a mulher é atribuída uma espécie de secundarização que se exprime em todos os âmbitos da vida privada.

De acordo com Connell; Messerschmidt (2013, p. 260), “a dominação dos homens e a subordinação das mulheres constituem um processo histórico, não um sistema autor reproduzidor.” Ou seja, a prática de padrões culturais que delegam diferentes papéis a homens e mulheres ao longo do tempo, se constituem como um sistema padrão e unificado de subordinação.

Na pesquisa, as ditas funções femininas de ser vassoureira, são atribuídas às mulheres desde seu nascimento são mecanismos que atuam para reforçar esse sistema as identidades de mulheres, todavia, os homens ainda determinam algumas funções como a venda pelo bairro. Veja esta fala:

*Eu nunca vendi, saí pra vender não nesse tempo todo eu nunca vendi. Quem vende hoje é meu filho, ele que é responsável.  
(Ametista, 63 anos)*

Algumas das posições ocupadas pelas mulheres dentro das dinâmicas estabelecidas no processo de produção das vassouras, refletem direta ou indiretamente os modelos sociais estabelecidos. Apesar de trabalhar com a produção a mais de trinta anos *Ametista* revela que nunca atuou diretamente nas

vendas, revelando os lugares e representações por vezes direcionados as mulheres nessa dinâmica de produção.

### 2.3 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: FRONTEIRAS E MECANISMOS DE IDENTIFICAÇÃO

O processo de constituição da identidade dessas mulheres se estrutura em um cenário de tensões e embates com o masculino, e ressignificando e se transformando ao longo dos anos, mas que mantém às mulheres em uma espécie de subvalorização, submissão masculina.

E reforçando os estereótipos de fragilidade, inutilidade e, por vezes, invisibilidade, que atende aos desígnios de dominação estabelecidos histórico, sócio e culturalmente, veja a fala desta vassoureira:

*Olha eu não sabia fazer nada, ai quando fui morar com meu esposo ele já fazia vassoura, eu nunca trabalhei sabe, de carteira assinada, sempre foi assim ajudando ele, eu aprendi e fui ajudar pra pagar as contas né, eu sempre ajudei. (Alexandrita, 29 anos)*

Essa fala revela a concepção da necessidade da presença masculina como chefe da estrutura familiar e a ideia de ajuda destinada a sua força de trabalho, refletindo concepções adotados socialmente que por vezes destinam a mulher lugares de subalternidade dentro das relações familiares e de trabalho.

Deste modo, a identidade, constrói-se, em situações específicas através de representações culturais, pois é entendida como um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2004, p. 50). O autor defende que as identidades culturais provêm de alguma parte e, portanto, possuem histórias e sofrem constantes modificações refletindo valores e concepções adotados pelas sociedades através das mais diferentes práticas sociais. Hall (2004) ainda ressalta que,

*É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2004, p.108).*

Nesta perspectiva, a identidade é culturalmente formada, por posicionamentos e não por essência, portanto, é resultado de um conjunto complexo de atuações e identificações, de certa forma moldados e transmitidos culturalmente

pelos discursos dentro de um sistema de representações, papéis e funções atribuídos de diferentes formas em diversificadas sociedades, classes e contextos.

Estratégias formadas a partir de conexões entre padrões culturais que precisam ser correspondidos e as interações do sujeito com seu contexto social, esse sujeito está intrinsecamente atrelado a sua estrutura social o que se reflete em suas identificações, a identidade pessoal corresponde também às expectativas de seu grupo seguindo a uma normalidade preestabelecida. Saffioti (1996) alerta:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI, 1986 p. 8)

Nesta perspectiva, a identidade feminina é, portanto, resultado de um conjunto complexo de atuações e identificações, de certa forma moldados e transmitidos culturalmente pelo sistema de representações de papéis e funções atribuídos de diferentes formas em diversificadas sociedades, classes e contextos. Hall (2014) fala que as identidades

São construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto de marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2014, p. 109).

De tal modo, a identidade étnica também pode ser considerada algo em movimento, que se estrutura e se modifica com as relações entre a ideia do mesmo, do ser igual ou de um movimento interno, subjetivo. A questão é que a identidade étnica está fundamentada numa concepção de igualdade e de si mesmo, fruto de uma circunstância e de uma ideia postulada por Hall (2004, p. 15), “identidades se cruzam e se deslocam”.

Para Hall (2004, p 15), “as contradições estão num jogo de fora na sociedade para dentro da cabeça de cada indivíduo” construindo as identificações que são continuamente deslocadas. Dessa maneira a identidade da mulher vassoureira deve ser entendida como construída e reconstruída em um campo de significações particulares estabelecido na complexidade das relações entre contexto, gerações, masculinidades presentes na família dentre outros fatores a considerar.

A identidade étnica, entendida como dialógica e em constante construção, é formada e transformada ao longo da vida pelas diferentes interações que os sujeitos estabelecem com a sociedade. Goicoechea (2011) diz que:

La etnicidad, como principio ordenador, puede estructurar sólo algunas parcelas de la vida social o activarse exclusivamente para determinadas situaciones, siendo que otros sistemas de referència – no necesariamente identitários – pueden ser los principios ordenadores preferentes de la experiencia personal y colectiva (GOICOECHEA, 2011, p. 243)

A identidade étnica das mulheres é construída dentro de um princípio ordenador que se estrutura num jogo relacional estabelecido em meio às tensões entre suas relações familiares e de trabalho que tendem a agir diretamente nesta formação a depender de como essas se configuram dentro do contexto de vida de cada uma.

A posição dessas mulheres no contexto onde vivem sempre esteve marcada por contextos de opressão e subalternização. O papel dessas mulheres na sociedade de classes é inerente à produção social, mas, as diferenças étnicas que se dá pelos grupos e concepções dos papéis de gênero e da constituição da família moldam as identidades étnicas e estas, em determinados espaços e grupos étnicos, tem o reconhecimento do que faz e do que não faz, em um processo instável e imensurável, próprio do jogo de identidades.

Ao se tratar das mulheres negras, pardas, de ofício de vassoureira, suas trajetórias, seus projetos e contextos de vida tem sido atravessados ainda mais pelas desigualdades sociais, que se desdobram em questões de gênero, raça/etnia e orientação sexual (BARBOSA e PIRES, 2021). Ou seja, diferentes marcadores atuam, de diversas formas, nos corpos, sobretudo das mulheres que trabalham nessa atividade entre o pegar palha, confeccionar vassoura e vender.

Para uma mulher negra/parda e de classe social sem privilégios, a libertação econômica, por intermédio do seu trabalho, não é uma libertação consciente, pois diferentes mecanismos de subordinação e interiorização atuam sobre suas vidas e seus destinos e não se valorizam na atividade, sentindo muitas vezes, inferiorizadas. Gonzalez (1984) aponta uma divisão racial e sexual do trabalho, em conformidade é algo complexo, Poutignat e Fenart (2001) chamam a atenção sobre a estratificação social e como ela atinge as identidades étnicas.

Quando as identidades étnicas estão fortemente correlacionadas a um sistema de estratificação socioeconômico (ou seja, quando as características fenotípicas ou culturais são associadas de maneira



sistemática a posições de classe), a fronteira étnica superpõe-se a fronteira social, uma reforçando a outra (POUTIGNAT E FENART, 2001 p.155).

Dessa maneira, a partir da análise das fronteiras estabelecidas pode-se compreender como os grupos se relacionam e como as dinâmicas são estabelecidas, levando em consideração cada contexto observado, percebendo os interesses e conflitos envolvidos.

A fronteira étnica revela-se como marcador importante nas relações e quando atrelada a fronteira social expõem dinâmicas e interesses presentes no processo identitário. De acordo com Barth (2011), “as fronteiras não representam barreiras” elas são sempre fluídas, moveis e permeáveis, podendo se deslocar e variar a depender dos interesses de cada grupo ou sujeito. Ainda segundo Barth (2011),

Em primeiro lugar, fica claro que, as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. Mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categoriais discretas são mantidas, apesar das transformações na participação e no decorrer de histórias de vida individuais. Em segundo lugar, descobre-se que relações sociais estáveis, persistentes e muitas vezes de uma importância social vital, são mantidas através dessas fronteiras e são frequentemente baseadas precisamente nos estatutos étnicos dicotomias. Em outras palavras, as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação {...} (BARTH, 2011. P188)

Neste sentido, as fronteiras são utilizadas para compreender as dinâmicas entre os grupos, as identidades étnicas e afirmando que ela não é estática, mas se transforma a partir das relações com o contexto. Os grupos étnicos possuem padrões valorativos que os definem enquanto tal, no entanto, esse padrões não são fixos, podem mudar e se ressignificar conforme o contexto social.

A manifestação de certas práticas dependem dos contextos, os conjuntos de valores permanecem nos indivíduos mesmo esse tendo interagido com outros grupos e conjuntos sociais. Assim, os sujeitos não podem escolher manipular ou não suas identidades a depender do seu contexto de vida e do momento histórico específico. Ou seja, a manifestação de certas práticas dependem do contexto, da situação, do interesse por parte do indivíduo ou grupo.

Em um sentido amplo e dialético, a identidade étnica demanda ser compreendida como um eixo constituído de complexidades que permanece constante construção e transformação, porque possui alguns elementos como base constitutiva.

Nesses mecanismos de identificação, o movimento das identidades está em voga, haja vista que se estrutura e se modifica nas relações sociais e nos modelos cristalizados e legitimados. É no contexto do movimento das culturas e da história que as identidades étnicas vão se definindo por intermédio do diálogo no e com o mundo que essa identidade é formada.

Conforme, Poutignat; Streiff-Fenart (2011, p. 124) “a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento”, é por meio das diferenças culturais e do contato com o outro que ela se evidencia. Assim, quando há interação entre diferentes culturas, a identidade étnica se determina e influencia a construção da identidade étnica que é dinâmica e flexível. Em concordância Luvizotto (2009) diz que,

A concepção de etnicidade está além da definição de culturas específicas e, portanto, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos. (LUVIZOTTO, 2009, p.29)

A identidade étnica pode ser entendida como uma forma de estabelecer os limites entre os grupos, quanto um modo de fortalecer os laços entre os indivíduos que interagem um determinado grupo. Assim, de acordo com Poutignat e Fenart (2011),

A etnicidade é uma forma de organização social baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores (POUTIGNAT e FENART, 2011, p.141)

Nesse sentido, evidencia-se que o termo etnicidade possui um sentido dialético, bem como os sujeitos que ele define. Trata-se de uma estrutura em movimento que sempre se constrói e se modifica nas relações. Ainda, segundo Luvizotto (2009),

A concepção de etnicidade está além da definição de culturas específicas e, portanto, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos (LUVIZOTTO, 2009, p. 30).

Os sujeitos podem escolher manipular ou não suas identidades a depender do contexto e do momento histórico específico. Conforme Poutignat e Fenart (2011, p.149), “no plano do indivíduo, a identidade étnica se define simultaneamente pelo que é subjetivamente reivindicado e pelo que é socialmente atribuído”. Essa definição perpassa o que o sujeito atribui para si, suas características e escolhas

que o seu contexto de vida lhe atribui, com atribuição que pode ser objetiva e subjetiva, por meio de definições e introjeções de conceitos sociais.

No entanto, essa escolha não se apresenta de maneira igual em todos os contextos e, a depender das classes sociais, esse realce sofre diferentes implicações. Consoante, Poutignat e Fenart (2011, p.167) chamam a atenção para como essa possibilidade de manipulação pode variar a depender dos contextos, “a possibilidade de manipular sua própria identidade étnica e de escolher ou não a realçar é certamente desigual segundo os contextos nos quais as interações se situam.”

No contexto das mulheres vassoueiradas do km 04, em Jequié, BA, verifica-se que essa possibilidade se correlaciona diretamente com a classe social e relações de trabalho que travam cotidianamente. Inseridas em um sistema de forte estratificação econômica e social, as mulheres vassoueiradas nem sempre possuem a possibilidade de efetivar essa manipulação.

Quando as identidades étnicas estão fortemente correlacionadas a um sistema de estratificação socioeconômico (ou seja, quando as características fenotípicas ou culturais são associadas de maneira sistemática a posições de classe), a fronteira étnica superpõe-se a fronteira social, uma reforçando a outra (POUTIGNAT e FENART, 2001, p.155).

De tal modo, as identidades étnicas das mulheres vassoueiradas do km 04 se constituem em um jogo relacional que traz como ênfase os seus contextos de vida, suas vivências pessoais e as suas interações sociais. Portanto, as representações acerca dos papéis sociais definidos como femininos sofrem impactos diretos dos mecanismos de poder que agem na sociedade respeitando sempre seus interesses.

As identidades étnicas, dessa forma, estão também relacionadas a um sistema social e aos seus condicionamentos, sendo eles em sua maioria de funções, desígnios e lugares marcados através do exercício da reprodução o que demarca a relação com a estratificação social.

Neste sentido, Poutignat e Fenart (2011, p.168) reforçam que o domínio do realce de uma identidade étnica é delimitado pelas múltiplas fontes de estereótipos pelos quais os membros de uma sociedade definem as pessoas e as situações. Dessa maneira compreende-se que, os processos de constituição das identidades étnicas das mulheres estão interligados diretamente com as estruturas sociais e os contextos nos quais elas se encontram.

Ainda, de acordo com Poutignat e Fenart (2011, p. 166), “a etnicidade é um fator pertinente que influencia a interação, em outras situações a interação é organizada de acordo com outros atributos, tais como a classe, a religião e etc.” Notadamente, ainda que as funções e atribuições femininas sejam consideradas iguais na sociedade como um todo, nas classes sociais mais baixas elas ganham diferentes contornos e significados, acentuando-se sob os pilares da dominação patriarcal ainda muito presente.

Os diferentes lugares de pertencimento das mulheres em suas relações de trabalho, familiares e comunitárias, remetem a necessidade de se perceber a identidade não como algo fixo e predestinado, mas como um jogo relacional, no qual aparecem ao mesmo tempo as relações de poder, de gênero, de trabalho, a diversidade, as distinções de classe e etnia, as desigualdades sociais e, fundamentalmente, a necessidade de compreender como esses fatores se articulam e atuam em suas vidas.

## **CAPÍTULO III**

### **OS CAMINHOS DA PESQUISA**

### 3. OS CAMINHOS DA PESQUISA

#### 3.1 O contexto da pesquisa e suas particularidades

A cidade de Jequié fica na região sudoeste da Bahia, a 365 km da capital, Salvador. O município é banhado pelo Rio de Contas, mas também é cortado pelos rios Jequezinho, Preto do Costa e Preto do Criciúma (ARAÚJO, 1997). Situa-se na zona de transição entre a caatinga e a zona da mata o que lhe confere um clima quente e seco na maior parte do ano.

De acordo com Araújo (1997, p. 32), “Jequié se transformou num ponto de convergência natural de estradas”, porque o município é atravessado por rodovias, e isso favorece o desenvolvimento da economia na microrregião. As atividades econômicas estão concentradas em sua maioria no comércio, indústria e agropecuária com a criação de bovinos e caprinos.

A atividade de confecção de vassouras de palha artesanais foi então amplamente difundida na cidade. De acordo com Ailton (1970), o ciclo da palha fez com que no passado a maioria da população jequeense de baixa renda tivesse como principal atividade a confecção de objetos de palha.

Dentre esses tantos objetos a vassoura artesanal feita de palha se destacou e tornou-se um utensílio tradicional. Conforme Farias (2000, p.97), “a fabricação artesanal de vassouras para uso doméstico, a partir da palha seca de plantas nativas e cultivadas, é uma tradição antiga de pequenos produtores e seus familiares”, essa atividade é apontada como alternativa para geração de renda das famílias.

O bairro do km 04, situado na zona periférica da cidade, é reconhecido como um dos bairros de maior concentração dessa produção, tem em parte da comunidade uma área conhecida como “rua da palha”, forma de identificar que ali se produziam, e ainda se produzem, vassouras de palha todos os dias, antes concentrada em uma única rua, e agora abrangendo uma expansão maior, local onde tradicionalmente colocam-se em seus passeios a palha para secar ao sol e preparar a matéria prima para a produção.

O bairro cresceu às margens do rio de contas, este servia para navegação e movimentava o comércio na cidade, foi constituído inicialmente por tropeiros, pescadores e comerciantes que tiravam do rio seu sustento, com o fim da navegação esses trabalhadores foram relocados socialmente e passaram a integrar um bairro que sofre com a falta de estrutura e recursos básicos.

A falta de recursos e a escassez de fontes de renda formais, trabalhos remunerados e com garantias legais fez com que os moradores buscassem meios de sobrevivência, surge então como recurso de sobrevivência a atividade de confecção de vassouras artesanais de palha

Para a fabricação das vassouras é retirada a palha de diversas árvores, sendo as mais utilizadas *aricurioba* ou *licurioba*, essa palha é estendida em terreiros e quintais para secar, antes, porém ela é desfiada com uma faca afiada, o que requer muita técnica e atenção.

Depois de seca a palha é recolhida e agrupada em “móis”, um molho, que se amarra com um cipó ou cordas de náilon, após esse trabalho é amarrada a madeira do cabo com um nó, batendo com bastante força para que a palha fique presa e segura na madeira, a finalização acontece após aparadas todas sobras de palha e assim está pronta a vassoura.

A fabricação é feita ao longo de todo o ano e ocupa todos os membros da família. Inicialmente essas vassouras eram comercializadas nas feiras livres da cidade e de porta em porta, pelos homens da família, em sua maioria os maridos ou companheiros das mulheres que faziam as vassouras e que desempenhavam também outros trabalhos fora de casa.

A venda das vassouras era, em sua maioria, uma atividade masculina e por consequência disso construiu-se, no imaginário social, a representação das vassouras como fruto de um trabalho dos homens, desconsiderando a atividade feminina amplamente realizada nesse processo ou até mesmo desvalorizando-a. Todavia pode-se notar que diante da oportunidade de conquistarem um trabalho formal os homens saem de casa e as mulheres tendem a continuar desenvolvendo a atividade no âmbito doméstico.

No contexto de busca por alternativas de renda as famílias se organizam em torno dessa atividade dentro dos lares. Dessa maneira, homens e mulheres compartilham diferentes funções na produção, no entanto, no imaginário coletivo se constrói a ideia de que essas vassouras são fruto de um trabalho somente

masculino, reflexo de uma construção social e cultural, e esse ideário manteve invisibilizado as mulheres que atuam amplamente nessa produção.

### 3.2 Participantes: quem são as mulheres vassoureiras?

As mulheres vassoureiras do km 04 são mulheres que exercem ou exerceram, em algum momento de suas vidas, a atividade de confecção de vassouras artesanais de palha. A vassoura de palha é um item de higiene doméstico muito utilizado e comercializado na cidade e na região, feito de maneira artesanal e tendo sua produção concentrada no bairro do km 04, cidade de Jequié, entre as famílias de baixa renda.

A nomenclatura vassoureira é utilizada tradicionalmente pela comunidade e pelas próprias mulheres ao tratarem sobre aquelas que fazem às vassouras de palha. Elas utilizam essa atividade como fonte de renda para manutenção de vida e de suas famílias, onde em sua maioria são chefes de família e tem nessa atividade de trabalho a maior parte da base, às vezes toda, de sua renda econômica.

Neste estudo investiga-se um grupo de dez mulheres com idades entre 28 e 63 anos que foram convidadas a participar de maneira voluntária, todas essas mulheres são moradoras do bairro do km 04, na cidade de Jequié - BA, e estão dentro da localidade conhecida como "Rua da Palha". Os dados que compõem o perfil das colaboradoras desta pesquisa foram produzidos por meio de questionário de identificação durante as observações e entrevistas.

Apesar da autorização das colaboradoras, optou-se por não revelar seus nomes, seguindo as recomendações para pesquisa com seres humanos da resolução 510/2016 (BRASIL, 2016) e os aportes da Resolução 466/12 (BRASIL, 2012) em todas as suas etapas de desenvolvimento. Dessa maneira as colaboradoras serão identificadas aqui por meio do nome de pedras preciosas brasileiras, sendo essas: 1. Ametista, 2. Turmalina, 3. Água-Marinha, 4. Ágata, 5. Safira, 6. Esmeralda, 7. Opala, 8. Alexandrita, 9. Topazio, 10. Jaspe.

No primeiro momento, depois da aproximação, convite e esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa buscou-se identificar suas idades, como se autodeclararam etnicamente, qual religião professam, seu estado civil, número de filhos, nível de escolaridade, ocupação profissional e quais etapas da produção são responsáveis.



Com o desenvolvimento da pesquisa e o contato mais direto com nossas colaboradoras podemos conhecer um pouco melhor cada uma delas. Os perfis agora apresentados aqui são resultantes do contato direto durante a pesquisa e são traçados por meio das observações e entrevistas realizadas.

*Água-Marinha* foi a primeira participante convidada para essa pesquisa, sua família é muito conhecida na comunidade pois seu esposo é dono da única fábrica de vassouras existente ali, sendo assim ela foi a primeira vassoureira que a comunidade me indicou. No entanto, ao ser convidada a participar ela teve dúvidas, disse ser tímida e acreditava não ter muito a contar, somente após três visitas e muito diálogo que ela aceitou.

O primeiro contato com ela se deu no quintal de sua casa, local onde foi construído um galpão e no qual funciona a fábrica de vassouras. Ela me recebeu no seu ambiente de trabalho e durante toda a conversa inicial permaneceu trabalhando, lascando a palha, tendo ao seu lado dois filhos e seu marido.

*Água-Marinha* tem 44 anos, é casada, contou ser evangélica há muitos anos, tem três filhos, dois homens e uma mulher, e dois netos e nunca trabalhou de carteira assinada. Dos três filhos, atualmente, os dois homens trabalham na fábrica e a terceira trabalha fora há pouco menos de um ano. A dinâmica de sua família é a dinâmica do trabalho. Sendo a fábrica a principal fonte de renda.

*Turmalina* tem 33 anos, é casada e tem quatro filhos. Contou que se casou aos 14 anos e teve seu primeiro filho aos 16, estudou até a sétima série, é evangélica, nunca trabalhou de carteira assinada, aprendeu a fazer vassouras com a família do marido e hoje é vassoureira e vendedora autônoma.

Nosso primeiro contato aconteceu durante a etapa de mapeamento do bairro, a encontrei no quintal de sua casa, que é também o quintal de sua sogra, espaço esse que fica visível a quem passa na rua, e que hoje é também seu local de trabalho, naquele espaço todos os dias às duas, ela e sua sogra, se sentam e pequenos bancos de madeira ou nas pedras e juntas lascam e destalam a palha que será utilizada nas vassouras.

*Ametista* tem 63 anos, é solteira, tem cinco filhos, fez questão de contar que criou todos sozinha, nunca estudou, é evangélica e nunca trabalhou de carteira assinada, aprendeu a fazer vassouras em casa com a mãe e além das vassouras sabe fazer chapéu, esteiras e vários produtos artesanais com a palha. Ela é sogra de Turmalina e as duas trabalham juntas todos os dias, foi também no espaço do

seu quintal, que faz divisa com a própria rua, que nos encontramos durante todo o desenvolvimento da pesquisa sendo ali seu local de trabalho.

Nossa quarta colaboradora é a *Ágata*, ela tem 29 anos, é solteira e mãe de dois filhos, a avistei de longe sentada em seu passeio rodeada de outras mulheres lascando a palha da vassoura, quando fiz o convite ela hesitou um pouco em aceitar, mas aquelas mulheres, algumas vizinhas e amigas, que estavam ao seu lado a convenceram e fizeram questão de contar sobre sua força.

*Ágata* estudou até a quinta série do ensino fundamental, foi mãe muito nova, aos quatorze anos, e de acordo com ela isso a fez assumir outras funções dentro da família, hoje ela é a única responsável pela criação dos filhos e por garantir a renda de sua família através da produção das vassouras. Ela nunca trabalhou de carteira assinada e sempre desenvolveu a função de confecção e venda das vassouras.

*Safira* tem 56 anos, é solteira, tem cinco filhos, mora sozinha, contou ser cristã e visitar às igrejas quanto pode, a conheci depois de algum tempo de observações, às próprias mulheres da comunidade me apresentaram, a encontrei sentada no batente de sua porta com vários feixes de palha ao seu lado, destalando e lascando em um movimento rápido e certo. Ela contou que trabalha com vassouras desde criança e revelou ter aprendido sozinha, vendo seu pai e irmãos fazerem. Nunca estudou, pois, segundo ela, seu pai não permitiu, afirmando que dentro da sua realidade estudar não era uma opção, o trabalho sempre existiu como fator permanente para sobrevivência.

*Safira* já foi dona da própria fábrica de vassouras e gerenciava cerca de 15 pessoas nessa atividade, segundo ela *“houve um tempo em a palha era ouro”*, isso durou pouco e logo ela teve que se desfazer da sua pequena empresa e voltar a trabalhar para outros. Foi empregada doméstica durante muito tempo, e chegou a ir morar em São Paulo, tentar a sorte, buscando melhores condições de vida. Uma mulher que afirma orgulhosamente ter sido sempre independente e lutar sozinha.

*Esmeralda* tem 38 anos, é casada, tem dois filhos, é católica, estudou até a quarta série do ensino fundamental. Ela é irmã de *Ágata* e foi através da irmã que soube da pesquisa e quis participar. *Esmeralda* revelou ter se casado com seu primeiro marido ainda muito nova, o marido e sua família já produziam vassouras e assim ela teve o primeiro contato com a confecção e fazia algumas coisas do processo com o intuito de ajudar, porém quando engravidou sentiu a necessidade de

produzir para contribuir na renda e conseguir manter o sustento da família junto com o marido.

Assim, ao longo de dezoito anos, que permaneceu casada com este, a venda e produção de vassouras foi a única fonte de renda e sustento de sua família, tendo segundo ela ajudando a conquistar todos os seus sonhos. Atualmente, já em outro relacionamento, ela faz vassouras para ajudar a irmã e a mãe que ainda trabalham na produção, mas essa já não é sua única renda.

*Opala* tem 39 anos, vive com um companheiro, tem quatro filhos, é evangélica, e estudou até a oitava série do ensino fundamental. *Opala* trabalha com a palha desde sua infância, contou não ter uma memória exata de quando começou pois a palha sempre esteve presente em sua vida. Hoje trabalha com a confecção das vassouras e também com vendas, além de fazer faxinas e ser diarista quando encontra vagas, mas nunca teve uma função de trabalho com carteira assinada.

Segundo ela, a palha foi a única fonte de renda de sua família na infância e ela aprendeu vendo a mãe trabalhar. Quando nos encontramos pela primeira vez, ela me recebeu em uma casa que é o seu espaço de produção das vassouras, destinada somente para esse fim, e ao seu lado estava sua filha de 09 anos que a ajudava a lascar a palha.

*Alexandrita* tem 29 anos, solteira, tem cinco filhos, é evangélica, estudou até a quarta série do ensino fundamental e contou ter deixado a escola quando engravidou. Nunca trabalhou de carteira assinada e aprendeu a confeccionar vassouras com o marido, eles atualmente trabalham somente com a produção das vassouras e essa é a única fonte de renda da família.

### 3.3 Metodologia

Esta investigação constitui uma pesquisa social, empírica, de natureza qualitativa e se aprofunda em uma metodologia com base na História Oral (HO). Segue-se os pressupostos da pesquisa qualitativa que, conforme Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Na abordagem qualitativa, as questões da pesquisa não se sustentam na construção de variáveis, pois tem a finalidade de investigação dos fenômenos levando em consideração sua totalidade, complexidade e seu contexto natural.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Bogdan e Biklen (1997), apresenta as seguintes características: o ambiente natural é a principal fonte de dados, o pesquisador é o principal instrumento da pesquisa; a investigação qualitativa é essencialmente descritiva; há uma preocupação maior com o processo do que com o produto da pesquisa; os dados são analisados indutivamente; o pesquisador valoriza os significados que as pessoas atribuem às suas experiências de vida.

Ou seja, nessa abordagem de pesquisa, “é atribuída grande importância aos contextos de vivências e aos “sentidos que as pessoas dão às suas vidas” (BOGDAN, BIKLEN, 1997, p. 50). Trata-se de uma pesquisa de campo, que tem a finalidade de observar e analisar os fenômenos em seu ambiente real, da maneira como ocorrem, respeitando sua diversidade e se atentando a cada particularidade, e, posteriormente, analisá-los e interpretá-los, com base em uma fundamentação teórica sólida e fundamentada, com o objetivo de compreender e explicar o problema que é objeto de estudo da pesquisa.

Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação são constantemente revistos, as técnicas de coleta re-avaliadas, os instrumentos reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações e formas de entendimento da realidade.

Quanto aos meios, utiliza-se a pesquisa bibliográfica, por meio da revisão de literatura sobre as vertentes do tema exposto em um capítulo específico o qual tem como estabelecer a base teórica da pesquisa, incluir as ferramentas analíticas, pesquisa documental do meio na organização, pesquisa de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas, além da observação participativa.

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, norteadas por uma metodologia na história de vida, na modalidade história oral. Na abordagem qualitativa a escolha dos instrumentos deve ser criteriosa a fim de que o desenvolvimento e conclusão da pesquisa sejam exitosos. Desse modo, os dados desta pesquisa foram coletados por meio de documentos e entrevistas seguindo os pressupostos da história oral.

A história oral é uma metodologia de pesquisa qualitativa que envolve a “apreensão de narrativas usando meios eletrônicos e destina-se à recolha de

testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato” (MEIHY, 2002, p.13). Nessa perspectiva, a história de vida, a partir da história oral, permite uma interação aberta entre a pesquisadora e o objeto ou sujeito de pesquisa.

A história de vida, ainda segundo como relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tenta reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu.

Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence (QUEIROZ, 1988, p. 20).

A coleta de dados constituiu-se uma etapa importante do estudo, pois contribuiu para a definição da metodologia da pesquisa. Toda análise realizada posteriormente foi fundamentada nos dados coletados. De acordo com Yin (2014), negligenciar a importância dessa etapa é aumentar os riscos de fracasso da pesquisa.

Dessa maneira, utiliza-se como instrumentos de coleta de dados o diário de campo, a observação participante e a entrevista. O diário de campo, uma técnica bastante utilizada por quem faz uma abordagem de tipo etnográfica, onde constitui um espaço de escrita da observação direta e contínua do campo pesquisado. Sendo assim, o diário de campo “permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles” (WEBER, 2009, p. 158-159).

A observação participante se configura como um meio de contato direto de quem investiga com o fenômeno pesquisado, no intuito de obter informações dos sujeitos em seus próprios contextos. Conforme Minayo e Sanches, a observação participante se torna relevante pela possibilidade de “podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados, diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (1993, p. 59-60)

As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e História Oral de Vida destes sujeitos, considerando a história oral em todas as suas particularidades. Como mencionado anteriormente, a História Oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a técnica programada e responde à existência de projetos que a justificam.

Ao recorrer à entrevista, acontecem os momentos de interação que apresentam esta característica que, conforme Lüdke e André (1986, p.33), é um diferencial em relação a outros instrumentos de pesquisa como a observação unidirecional ou aplicação de questionários que, em geral, estabelecem uma certa hierarquia entre pesquisador e pesquisado

O procedimento de tratamento das entrevistas compreende, como sugere Meihy (2005), três procedimentos: transcrição, textualização e transcrição - etapas complementares que se referem respectivamente a: 1. Transcrição: processo rigoroso, longo e exaustivo de passagem inicial do oral ao escrito. Para alguns pesquisadores, trata-se de operação de caráter puramente técnico, por vezes relegado a outros.

No entanto, na perspectiva apresentada, a transcrição é de muita importância para a construção e análise das histórias de vida, principalmente por sua natureza reiterativa; 2. Textualização: etapa na qual as perguntas da pesquisadora são retiradas ou adaptadas às falas das colaboradoras. Há igualmente rearranjos a partir de indicações cronológicas e temáticas.

Desse modo, busca-se facilitar a leitura do texto por meio de conformação às regras gramaticais vigentes e da supressão de partículas repetitivas, sem valor analítico, típicas do discurso oral. O objetivo é possibilitar uma melhor compreensão da narrativa; 3. Transcrição: refere-se à incorporação de elementos extratextos na composição das narrativas das colaboradoras.

Meihy (2013, p.155) afirma que, “a história oral concretiza-se somente quando o texto, superando a etapa de entrevista e da formação de arquivos, deve haver um processo de “transcrição” das entrevistas que assegure a formação de um corpo documental a ser trabalhado pelo historiador.”

Procura-se recriar o contexto da entrevista no documento escrito. Mais do que uma tradução, tenta-se elaborar uma síntese do sentido percebido pela pesquisadora além da narrativa e performance das colaboradoras. De acordo com e

Albert (2004) a História Oral como técnica permite reconstruir discursos cotidianos, que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte.

O processo de pesquisa é finalizado quando são apresentados às colaboradoras o documento final, resultante dessa série de processos, das entrevistas e este é por elas aprovado. Na história de vida, a pesquisadora se interessa em compreender o desenvolvimento da vida das investigadas e traça com elas uma biografia que descrevem suas trajetórias.

Deste modo, por meio das reflexões sobre as vivências de mulheres, mães, donas de casa e trabalhadoras, por meio de suas leituras de vida, conscientes ou não de suas posições sociais, suas relações com o mundo e suas condições de existência discorreram sobre suas trajetórias, pertinências e perspectivas a partir da descrição sobre a atividade de confecção de vassouras através do diálogo. Logo, busca-se compreender como essas mulheres constituem suas identidades étnicas diante dos seus processos de vida em família e suas trajetórias de trabalho.

#### 3.4 Os desafios do caminhar da pesquisa

Os caminhos que nos levaram ao desenvolvimento dessa pesquisa foram traçados e percorridos de maneira particular e cuidadosa, tendo como principal critério o respeito às singularidades presentes no contexto das mulheres vassoureiras e a autonomia das participantes em todo processo de desenvolvimento.

Apesar de ser moradora do bairro desde minha infância, durante muitos anos de minha vida me dediquei aos estudos fora dali, criei uma rotina diferente e me conectei com outros espaços e pessoas. Então, a reaproximação com o contexto foi a etapa inicial, durante a fase de mapeamento da pesquisa, com a companhia de uma tia que conhece bem e já morou na localidade, eu me reconectei com às ruas, os caminhos, os becos, às histórias de minha infância e com cada pessoa que fui visitando ao longo dos dias.

O foco da fase de mapeamento era compreender como a dinâmica da produção de vassouras existia naquela localidade e quais as posições ocupadas pelas mulheres dentro dessa cenário. Assim, ao longo de aproximadamente três meses passamos algumas tardes visitando e conversando com a comunidade.

Durante as conversas muitas memórias foram retomadas, muitos nomes de antigos moradores e moradoras, e assim fomos tecendo uma rede de diálogos da qual logo em seguida os primeiros nomes das atuais vassouzeiras foram se destacando.

Ainda durante a fase de mapeamento era muito comum ver espalhadas pelas ruas e terreiros às palhas, bem como pequenos grupos de mulheres sentadas trabalhando detalhando e colocando essa palha para secar. Assim fomos identificando e reconhecendo de maneira natural e cautelosa as mulheres vassouzeiras do km 04.

Foi possível identificar mulheres em seus passeios e quintais trabalhando em duplas, com os filhos, vizinhas e companheiros. Foi localizada também uma fábrica de vassouras, a única presente na comunidade, que é uma fábrica familiar, na qual uma única mulher trabalha, sendo ela a mãe da família.

Passada a fase de mapeamento deu-se início a aproximação com essas mulheres que foram identificadas anteriormente, neste momento a pesquisadora e a pesquisa foram se apresentando. Para que a aproximação acontecesse de fato, essas mulheres fizeram questão de me identificar, saber quem eu sou, de quem sou filha e neta e os meus objetivos pessoais foram questionados.

Nesse processo uma reconexão aconteceu, conhecer essas mulheres foi também me conhecer e reconhecer por meio de histórias que vinham sobre minha avó, tia, mãe e até sobre minha infância. Nessa reconexão fizemos questão de estabelecer com essas mulheres um diálogo paciente e cauteloso sobre os objetivos desta pesquisa e a importância de suas participações.

Para as pessoas daquela comunidade é importante que se saiba quem entra e quem sai. Os mais velhos fazem questão de conhecer as histórias e contá-las, os mais jovens demonstram um anseio pelo que está por vir e um certo receio é percebido quando se trata de pesquisadores.

Dessa maneira, antes mesmo do convite ser feito formalmente, todas as dúvidas e esclarecimentos solicitados por essas mulheres foram respondidos. Logo após a aprovação do comitê de ética e pesquisa retomamos os diálogos e o convite formal para participação aconteceu.

Durante a fase de mapeamento, cerca de trinta e cinco (35) mulheres foram identificadas como vassouzeiras naquela comunidade, sendo vinte (20) delas abordadas durante o processo. Tendo inicialmente dez (10) mulheres aceitando o



convite de participação e se constituindo essa amostragem por oito (8) mulheres que participaram de todo processo de pesquisa.

Essas oito mulheres que aceitaram participar trouxeram consigo particularidades e similaridades que as afastam e aproximam enquanto mulheres e vassoureiras. Revelando assim as complexidades que envolvem os contextos das vassoureiras.

Quase todas as visitas tiveram como cenário as ruas do bairro, ilustrado pelas crianças brincando em volta, as folhas do ouricuri espalhadas pelo chão e o trabalho contínuo dessas mulheres, que mesmo em meio às conversas não paravam de destalar, juntar, lascar e recolher a palha.

Essas mulheres, em maioria, trabalham e cuidam de suas casas e famílias ao mesmo tempo, se dividem entre as tarefas da casa e da atividade de confecção das vassouras de palha. Assim, o cotidiano delas é construído e desenvolvido tendo como foco suas atividades de trabalho e suas responsabilidades com a casa, os filhos, os maridos e as suas demandas particulares.

Deu-se início então o desenvolvimento da pesquisa que contou com as visitas para conversas, observações e entrevistas. Inicialmente tudo aconteceu de maneira tranquila e contínua, diversas visitas, diálogos e observações.

A fase de observação também aconteceu de maneira tranquila, foram estabelecidos critérios com as próprias participantes sobre os dias e horários para as visitas. Foram observadas a dinâmica da divisão de tarefas no desenvolvimento da atividade, o entrelaçamento entre as tarefas da casa e o cuidado dos filhos e as relações familiares estabelecidas.

O estudo do cotidiano das mulheres vassoureiras desenvolveu-se com a preocupação de torná-lo o mais natural possível, observar os acontecimentos e fatos que permeiam a vida e marcam a realidade das vassoureiras. O processo de geração de renda foi determinante para compreender como as identidades étnicas se formam e se transformam em meio às particularidades e complexidades que as envolvem.

Como posto por Oliveira (1996), o contato da pesquisadora com a realidade observada no campo no “ver, ouvir e escrever” é fundamental na construção da pesquisa, diante da produção de elementos e evidências que retratam a realidade observada e ajudam a interpretar os fenômenos encontrados.

Já na fase das entrevistas fomos surpreendidas por uma guerra entre facções criminosas líderes do tráfico de drogas em toda cidade que atingiu aquela localidade. Assim, nesta etapa vivenciamos situações de terror, homens armados espalhados pelas ruas em plena luz do dia, situações de conflito com as autoridades policiais, mortes de moradores da comunidade e muitas mulheres amedrontadas com a situação pois vivenciavam em suas famílias essa triste realidade.

Como apontam as seguintes reportagens do período: *Nº de homicídios cresce 53% em Jequié*, no sudoeste da Bahia (Fonte: g1.globo.com.), *Identificado jovem morto a tiros no bairro Km 4*, em Jequié (fonte: Juniormascote.com.br), *16º homicídio de 2022 em Jequié foi registrado na madrugada deste domingo (13), no Km 4* (fonte: jequiereporter.com), *Violência em Jequié: cidade registra 4 homicídios neste final de semana* (fonte: blogdoedyy.com.br), *Homem é assassinado no km 4, em Jequié* (fonte: midiadabahia.com.br).

Aqui, nesse momento da pesquisa, duas das dez participantes que inicialmente aceitaram o convite desistiram de participar, devido às circunstâncias que estavam vivenciando, uma delas chegou a ter sua casa invadida por bandidos para execução de seu sobrinho. Toda essa situação revela a triste realidade que atinge às famílias de comunidades periféricas em nossa cidade, em especial a comunidade aqui pesquisada.

Notou-se também que durante esses períodos de incertezas diante da constante violência que assolava a comunidade muitas dessas mulheres deixaram de desenvolver a atividade de confecção das vassouras devido ao medo de se expor na rua. Como os passeios e quintais, quase sempre abertos e em contato com a rua, são o principal espaço de trabalho, elas preferiram adiar suas atividades e aguardar que a situação se normalizasse. Aquelas que possuem espaços fechados e mais seguros seguiram trabalhando, mas ainda assim com cautela.

Tendo se acalmado essa fase diante da afirmativa por parte das colaboradoras que já era possível a retomada às entrevistadas foram retomadas e concluídas com as oito (8) participantes que prosseguiram na colaboração.

Assim, a metodologia desenvolvida orientou-se também pelo que diz Borda (1981), quanto às sutilezas encontradas na prática de campo, a qual não deve deixar de lado a ética e o equilíbrio entre a ação e a reflexão. Segundo o autor, uma das principais responsabilidades da pesquisadora é articular o conhecimento

concreto com o real e possível e, ainda assim, sempre levar em consideração as necessidades básicas dos indivíduos.

Neste sentido, essa pesquisa exigiu a observação contínua da realidade observada, das situações que envolvem os contextos e as particularidades que atravessam de maneira objetiva e subjetiva as vidas das mulheres vassoureiras. Ao refletir-se sobre a construção das identidades étnicas das vassoureiras fez-se necessário também analisar as situações históricas, sociais, culturais, estruturais e circunstanciais que as rodeiam.

Importante ressaltar que a pesquisa de campo foi desenvolvida nos anos de 2021 e 2022 durante a epidemia de Coronavírus (Covid 19) que assolava todo o mundo, diante disso todas as medidas e protocolos de segurança recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) e pelo Ministério da Saúde foram devidamente respeitadas. As imagens apresentadas abaixo fazem parte do cotidiano da comunidade do km 04 e das mulheres vassoureiras.

**Imagem 01-** Palha estendida na rua para secar



FONTE- foto em locus por pesquisadora

No processo da pesquisa tornou-se recorrente em passar na comunidade encontrar palhas em exposição ao sol todos os dias. Logo se entende que naquela residência há pelo menos uma mulher que se dedica ao trabalho manual usando a palha na criação artesanal de vassouras, de chapéus, bolsas, cestas, etc. No cotidiano da paisagem local, podem ser vistas mulheres enquanto manuseiam a palha nas calçadas, na intimidade no espaço doméstico ou então no espaço externo das casas.

**Imagem 02-** Feixe de palha



FONTE- foto em locus por pesquisadora

**Imagem 03-** Vassoureira trabalhando lascando a palha em sua quintal





FONTE- foto em locus por pesquisadora

As artesãs dispõem-se freqüentemente nas varandas ou em locais de sombra onde os passantes por diferentes motivos interagem com a paisagem do povoado podem ver também as palhas expostas nas calçadas sob o sol oferecendo ao olhar suas produções e o processo de criação dos produtos.

**Imagem 04-** Vassoureira destalando a palha sentada na porta de casa



FONTE- foto em locus por pesquisadora

E possível constatar nas calçadas das residências que as moradoras usam o mesmo recurso para a feitura de vassouras, as tonalidades da palha se diferenciam menos severamente apesar de ficarem expostas ao sol. Para o fabrico de vassoura não é necessário que a palha adquira tons mais exatos.

**Imagem 05-** Mulheres vassoureiras trabalhando juntas na porta de casa





FONTE- foto em locus por pesquisadora

Percebe-se que tal atividade é do tipo produção familiar, e de residência a residência pouco se difere o processo de produção, manuseio e secagem da palha diante de mudanças advindas com o tempo das estações. As artesãs vão para o mato, tiram a palha verde, em casa estas são ripadas, lixadas bem finas e expostas ao sol.

**Imagem 06-** Vassoureira trabalhando na fábrica de vassouras em seu quintal





FONTE- foto em locus por pesquisadora

O tempo de exposição ao sol é de quatro a cinco dias. Após a secagem no sol são selecionadas por tamanho, medi-se a quantidade, faz-se a amarração, corte e cabeamento e está pronta a vassoura. Em dias de chuva o processo torna-se mais lento. Durando de seis a sete dias para secar as palhas segundo as artesãs, pois são postas para secar dentro de casa.

**Imagem 07-** Palha estendida na rua para secar sendo recolhida no fim do dia





FONTE- foto em locus por pesquisadora

**Imagem 08-** Vassoureira amarrando a palha e vassouras já prontas ao lado



FONTE- foto em locus por pesquisadora

A palha é acomodada nas formas para que a vassoura fique forte e resistente, sendo necessário encher o molde. A amarração tem que ser bem ajustada. Com isso, os produtores usam a agulha de crochê para fazer a costura da vassoura e o acabamento é a parte final da produção. A palha para confecção de vassouras precisa ter fibras compridas (50cm aproximadamente), uniformes, roliças e flexíveis, saindo de uma raque curta.

## **CAPÍTULO IV**

### **O TECER DA PALHA E O ENTRELAÇAR DAS HISTÓRIAS**

## 4. O TECER DA PALHA E O ENTRELAÇAR DAS HISTÓRIAS

### 4.1 Histórias de vida e famílias

Para compreender as realidades observadas é importante que as histórias de vida sejam levadas em consideração. Os relatos expressos pela narrativa oral carregam consigo história, subjetividades em memórias que nos ajudam a entender as complexidades que envolvem a constituição das identidades de cada sujeito.

A História Oral, como caminho metodológico, possibilita a compreensão dos processos comunicacionais que envolvem as narrativas e revela sua intersecção com a cultura. Os fatos e episódios narrados sobre as suas histórias de vida revelam o que foi vivenciado de maneira objetiva e subjetiva.

Cada uma das mulheres investigadas aqui ao narrar sua trajetória de vida, se revela enquanto testemunha e participante de sua própria história.

Ao narrar suas histórias de vida as mulheres retomam a memória acontecimentos que marcaram suas trajetórias e que influenciaram direta ou indiretamente sua constituição identitária. Dessa maneira, a memória revela-se como parte fundamental na construção das identidades dos sujeitos, constitui-se como elo imprescindível entre passado e futuro, reconstrói experiências coletivas ou simplesmente relembra momentos individuais.

No decorrer da construção dessas narrativas, o resgate da memória é essencial para que se preserve a identidade e a cultura, tanto do sujeito isoladamente considerado, quanto do grupo social. Para Halbwachs (1990), a memória é essencialmente coletiva, ou seja, para ele não existem memórias individuais, pois estas sofrem influências diretas do todo que constitui e rodeia o individual.

Diante da experiência analisada entende-se que a recordação do passado é fator essencial na construção das identidades. A experiência do que é vivido afeta cada sujeito de maneira particular e diversa. O conjunto das memórias de cada um age diretamente no que se denomina personalidade ou forma de ser.

As narrativas aqui encontradas trazem às experiências vivenciadas ainda dentro da família como determinantes. A família enquanto instituição social atua como fator determinante nas relações exercidas em seu território, bem como revela-

se como mecanismo altamente reprodutor de padrões estabelecidos socialmente, através de suas regras, crenças, padrões, tradições e valores.

Trata-se então, da primeira instituição regulatória na qual as mulheres são cobradas e estereotipadas cotidianamente, o que contribui diretamente para a manutenção do ideal de subordinação das mulheres.

Neste sentido, é no seio da família, no íntimo do lar que se produz e se reproduz os moldes sociais, constituídos histórico e culturalmente ao longo do tempo, que atribuem às mulheres desde o nascimento padrões, funções e representações que tendem a colocá-las em lugar de servidão e subalternidade.

Dessa maneira, compreender como as relações familiares são traçadas e se desenvolvem em diferentes contextos de vida é de suma importância para entender como os mecanismos de poder atuam de maneira silenciosa e eficiente nas sociedades. Refletindo nas trajetórias de vida, nas relações de trabalho e na constituição das identidades, atuando principalmente na ideia de homogeneização destas.

As mulheres vassouzeiras contam sobre suas infâncias e trajetórias de vida, revelam particularidades, diferenças e similaridades. Expõem como foram suas infâncias, as relações familiares se estabeleceram e a dinâmica do trabalho que se processou em suas vidas.

Ametista relata as intempéries vividas na infância ao lado de oito irmãos e da mãe:

*Eu tinha oito irmãos, meu pai morreu, eu fiquei pequenininha, não conheci pai não e foi minha mãe que me criou [...] ela trabalhava na roça e a gente ficava em casa, só os irmãos. Eu não ajudava a cuidar dos irmãos muito porque era a mais nova e minha mãe não queria que trabalhasse. Minha mãe não queria que eu trabalhasse sabe, mas eu ficava dentro de casa ali sentada com as meninas vendo fazer, às meninas trabalhando ali fazendo aí quando ela deu por fé eu já tava fazendo, ela não pode fazer mais nada. Minha irmã que saía pra vender, aí todo mundo ajudava. Quando eu completei seis anos eu já trançava chapéu pra poder sobreviver e ajudar em casa. todo mundo em casa já trabalhava né com palha, tudo pra ajudar em casa. (Ametista, 63 anos)*

Em sua fala Ametista, relata sobre a realidade bem expressiva na sociedade brasileira, onde a mulher por uma variada gama de motivos acaba por ser a educadora e mantenedora da família. As discussões sobre esse tema, sobre a autonomia das mulheres carregam sempre um algo inovador e inquietante seja de

qual for o aspecto abordado. Dito isto, os tópicos ligados ao tema da mulher como chefe de família, coloca-se aqueles novamente aqueles arraigados ao gênero, à idade, à escolarização e ao rendimento, com destaque para as mulheres inseridas nos contextos do Nordeste do Brasil. Nesta linha, Água Marinha também criada somente por sua mãe nos conta um pouco de sua infância:

*Eu não fui criada por meu pai, só por minha mãe, nasci lá em Manoel Vitorino, por parte de mãe eu só tenho uma irmã e na infância era eu ela e minha mãe e por parte de pai eu tenho quatro irmãos. eu vim pra Jequié eu tinha dois anos, nasci lá me criei aqui. Assim como eu não fui criada sem pai eu trabalhei cedo, meus dez anos eu já trabalhava [...] Fazia assim, pegava esses restos de palha pra lascar, já trabalhava com palha mesmo, e quando eu cresci mais um pouco eu fui trabalhar em casa de família pra olhar criança né, eu já gostava de olhar criança. (Água Marinha, 44 anos)*

Nas falas de Ametista e Água Marinha uma característica em comum se destacam, a ausência paterna em suas criações e o trabalho presente desde a mais tenra infância. Demonstram em seus relatos que o crescimento freqüente da presença feminina na esfera do trabalho não é algo novo, se confundi com a própria história da formação da sociedade brasileira. Para, além disto, traz à tona uma situação recorrente, que é a mudança de gênero na manutenção da família.

Sendo assim, segundo dados do censo do IBGE (2000), no Brasil as famílias chefiadas por mulheres representam 24,9% dos domicílios brasileiros. O nordeste é a região brasileira que apresenta a maior proporção de domicílios chefiados por mulheres, com 25,9%, acompanhado da região sudeste com 25,6%.

Contudo, Safira relata uma situação inversa em relação a sua criação, sendo esta responsabilidade, devido às circunstâncias, somente de seu pai, ainda assim o trabalho apresenta-se em sua vida também desde muito cedo, sendo este necessário para seu sustento.

*Eu fui criada só com meu pai, a minha mãe foi embora eu tinha três mês de nascida. Fui criada com meu pai. Com a idade de doze anos eu comecei a trabalhar, eu já trabalhava com doze anos, buscava água com duas léguas na cabeça e aí eu ajudava sempre meu pai... eu tinha quatro irmãos aí meu pai casou de novo arrumou outra mulher, mas ele criou nós quatro [...] Desde nova eu comecei a trabalhar, ah eu trabalhava limpando roça, destocando manga, cortando de feição, era assim que eu trabalhava [...] não eu não recebia nada, trabalhava de graça, ah, esse dinheiro era só pra dentro de casa, meu pai usava pra comida mesmo, contribui né? [...] Pra mim vim trabalhar mesmo pra ganhar mesmo eu tinha meus*

*quatorze anos, que aí eu destocava manga, cortava de machado[...] é tanto que eu não estudei por isso porque a gente trabalhava direto com o pai, e aí a gente não [...] só que a gente trabalhava e ele não dava o dinheiro pra gente o dinheiro era ele que ficava [...] era pra ajudar dentro de casa então ele não dava dinheiro pra gente [...] (SAFIRA, 56 anos)*

Mesmo diante do relato de Safira, onde seu pai estava presente, o trabalho feminino ainda esta presente de forma pontua, paralela a figura masculina em contexto diferente, porem em igual condição na responsabilidade de manter e contribuir com o sustento da familia. Segundo Berquó (2001), as chefias femininas crescem no país como um todo, é um fenômeno tipicamente urbano, a maioria é do tipo monoparental, destacam-se as mulheres mais jovens, separadas, negras, mais pobres e com baixo grau de escolaridade.

A grande concentração da chefia feminina encontra-se nas camadas pobres (Castro, 1990, 1982; Goldani, 1994), visto que a própria condição de pobreza, e muitas vezes miséria, conduz as mulheres ao mercado de trabalho, em suas diversas potencialidades em situações que vão desde o compartilhar a manutenção da casa com o companheiro, até responsabilizar-se sozinha pelo domicilio.

Nesse contexto, Turmalina, Ágata, Esmeralda e Opala contam que foram criadas com a presença do pai e da mãe, revelando às peculiaridades nas formas de organização familiar que conheceram desde pequenas e mais uma vez relatando a presença do trabalho dentro de suas casas e como este foi fundamental na manutenção de suas famílias. Turmalina conta que foi criada com pai, mãe e muitos irmãos, uma família numerosa e que todos se ajudavam, ela diante disso, desde muito pequena, buscava alternativas para contribuir na renda da família:

*Olha eu fui criada por meu pai e minha mãe com meus irmãos, eu tenho seis irmãos, e tudo junto. Meu pai trabalhava com carroça lutava pra ganhar o dinheirinho dele, naquele tempo era tudo muito difícil, eu como te falei já tentava ajudar, trabalhava olhando minha prima sempre fazia alguma coisinha pra não ficar parada, eu olhava esse menina da minha tia e ela me dava às coisas, isso eu era pequena, ela me dava às coisas me dava calcinha me dava tudo e já ajudava né, tinha que ajudar [...]*

*Eu era tão pequena quando tomava conta dessa menina que não entendia sabe, uma vez fui dar banho na menina e quase coloquei na água quente pura, eu não entendia [...] de tão pequena que eu era [...] Minha mãe nunca trabalhou devido aos problemas dela, ela nunca conseguiu trabalhar porque ela tem epilepsia, mas eu sempre gostei de fazer minhas coisinhas[...] Nunca gostei de ficar parada. (Turmalina, 33 anos)*

Nesse contexto, a entrevistada mais uma vez pontua perante sua realidade que as mulheres das camadas mais pobres, possuem um baixo nível educacional e qualificação profissional, por consequência estão inseridas em grande parte no mercado informal, em péssimas condições de trabalho e salários.

Mesmo aquelas que se colocam em bons postos de trabalhos, recebem melhores salários, e o ingresso se dá muito mais por uma questão de independência, autonomia ou poder de consumo, do que por questões de pobreza e sobrevivência. Sendo assim, “chefia feminina” geralmente este é associado à negação da chefia masculina, seja pela ausência do parceiro no domicílio, seja pela condição de viúvas, mães solteiras, ou separadas com dependentes (Carvalho, 1998).

Ágata relata sua infância como normal, não precisou sair para trabalhar, mas desde cedo ajudava nos afazeres da casa, no cuidado com os irmãos, tinham suas obrigações:

*Olha eu cresci criada com pai e mãe e os irmãos, nove irmãos, cinco meninas e quatro meninos. Não trabalhei não, ajudava em casa tinha às obrigação. A infância era assim, normal né, não tinha muita coisa, era em casa ajudando e vivendo. (Agata, 29, anos)*

Percebe-se na narrativa de Agata, que apesar de não trabalhar para manter ou ajudar a manter a família possuía atividades domésticas. Neste depoimento, esta empregado da figura da mulher ultrapassada, emblemática como a “profissional do Lar”. É verdadeiro afirmar, que a mulher conduziu com simplicidade épocas de lutas diversas. A história da mulher ganha proporções importantes, quando do embate pela sobrevivência cotidiana, muito ligadas aos levantes sociais históricos de épocas de guerras e de empobrecimento.

O traço da mulher trabalhadora, na sociedade, foi sem dúvida formado, primordialmente, mais pela insuficiência financeira do trabalho do homem no domicílio do que pela decisão voluntária de ir em busca do trabalho. Neste sentido, a família, e sua forte ligação com a ideia da maternidade como o seu papel natural fez com que as mulheres assumissem quase inconscientemente um papel de destaque na formação de cidades do Brasil e da Região Nordeste, se fazendo chefe de família.

Já Esmeralda nasceu e cresceu na zona rural, uma família de nove (9) filhos, conheceu de perto as dificuldades que sua família enfrentaria para sobreviver e sempre ajudou em tudo que podia. Colheu cacau, ajudou na roça, aprendeu a trabalhar desde cedo,

*Bom, eu nasci na zona rural aqui de Jequié, região de florestal, vivia com pai, mãe e meus irmãos, na roça, sabe. Meu pai trabalhava na roça e minha mãe cuidava da gente e da casa, eu sempre ajudei desde pequena nas coisas da casa. Na época da colheita do cacau, quanto precisava minha mãe também ia ajudar na lida da roça e eu ficava ajudando nas coisas de casa, e quanto precisava a gente que era maiorzinho também ia ajudar na roça. Cresci assim, gostando de trabalhar, sempre ajudei em tudo que podia.*

*Quando eu tinha uns 9 (nove) anos eu já saía pra trabalhar na casa dos outros, já ia ajudar sabe, lavar uma roupa, limpar uma casa e assim fui crescendo trabalhando, nessa época não tinha pagamento, era uma ajuda, ganhava uma roupa uma coisa e já ajudava também. Eu cresci assim gostando de trabalhar. Eram nove filhos, a gente foi aprendendo a se virar e ajudar em casa porque precisava ajudar né. (Esmeralda, 38 anos)*

Esse relato tipifica a visão da mulher, como trabalhadora mediante as necessidades cotidianas que ompulsionam mulheres de menor poder aquisitivo buscar por melhores ocupações no mercado de trabalho e fora do domicílio. Assim, o papel da mulher se distancia do trabalho domestico e se aproxima do de fora de casa. Toda essa mudança foi capital, surgindo tanto do lado profissional como pessoal, de modo a afastar das mulheres, o matrimônio precoce.

Opala traz em sua narrativa o relato de uma infância difícil permeada de dificuldades enfrentadas por sua família para sobreviver:

*Eu morava aqui em cima, na rua do alto da igreja, sou nascida e criada aqui, mas moro aqui em Jequié desde os cinco anos [...] Aí o trabalho que a gente sempre conheceu foi a vassoura, a minha infância foi a vassoura, foi o trabalho com a vassoura, todo mundo trabalhava, eu meus pais, eu aprendi com meu pai e eu e meus cinco irmãos foi tudo criado com a vassoura [...] A gente trabalha em casa desde criança e aí a nossa convivência, o nosso trabalho pra gente comer era a palha [...]. se a gente não fizesse a gente não tinha, e o que a gente arrumava era só pra comer, só dava pra comer mesmo. Eu sempre falo com meus meninos sobre isso hoje tudo é mais fácil né, mas pra gente naquela época antigamente era mais difícil, se a gente, vamo supor a gente tinha que ir pro mato em cima do carro buscar a palha, todo mundo tinha que ir, ou querendo ou não, tinha que ir, entendeu? [...] a gente só convivia com aquilo, a gente não tinha uma roupa, não tinha uma sandália, tudo às vezes era às pessoas que dava, outra hora era a gente ia pra rua vender às vassoura e chegava depois na feira do cacareco e comprava uma peça de roupa pra gente vestir, porque a gente não tinha e aí a nossa infância foi essa e aí quanto a gente foi crescendo nós foi e começou a arrumar trabalho em casa de família, a gente ia trabalhava lá, depois voltava e ajudava nosso pai de novo e assim vivia. desde os 12 anos eu saí*



*pra trabalhar em casa de família, pra arrumar trabalho em casa de família.  
(Opala, 39 anos)*

Nesse contexto, vale salientar, que a partir dos anos de 1980, a atividade produtiva fora de casa tornou-se tão importante para as mulheres quanto a maternidade e o cuidado com os filhos. A presença dos filhos associada ao ciclo de vida das trabalhadoras, a sua posição no grupo familiar como cônjuge ou chefe de família, e a necessidade em prover ou complementar o sustento do lar, foram mister nas decisões de ingresso ou permanência no mercado de trabalho. No entanto, isso não diminui a carga de trabalho domiciliar e os afazeres naturais agregados em seu cotidiano, pontuando o fenômeno da dupla jornada de trabalho.

Diferente das situações e modos organizacionais descritos acima, Alexandrita revela outra realidade comum às famílias mais pobres, às adoções informais.

*Eu me lembro da minha infância que minha mãe verdadeira me deu pra outra família, aí daqui eu fui morar em Itabuna, de Itabuna eu ficava pra lá e pra cá, lá e cá, aí fiquei com essa mãe de criação eles me maltratava muito, aí às vezes deixava eu com meu irmão aqui e meu irmão me maltratava também, aí quase não tive infância sabe o que eu me lembro assim é pouco, aí acho que foi por isso que eu casei cedo, casei com treze anos, ia fazer trezes anos ainda [...] A família que me criou eles me batia por qualquer coisa, às vezes eu não fazia nada e eles me batia, minha mãe de criação isso. Porque minha mãe me deu na esperança de ter uma vida melhor, mas minha mãe de criação me maltratou muito e ela sempre me trazia pra cá de volta me deixava aqui, teve um tempo que ela me deixou aqui às vezes na casa de gente que eu nem nunca vi na minha vida e para Itabuna e me deixava aqui aí eu ia saindo e ficava mais na rua do que dentro de casa e nisso eu comecei a sair sabe, foi nisso que eu vim aqui pro km4 e quase não conhecia ninguém aqui e foi aí que eu conheci o pai dos meus filhos e fui conviver com ele isso com doze anos, a infância mesmo eu não tive.  
(Alexandrita, 29 anos)*

Diversas situações e peculiaridades marcam as respostas sobre os sentidos e as organizações familiares das mulheres vassoureiras, famílias matriarcais, abandono, famílias numerosas, infâncias interrompidas, trabalho no cotidiano, trabalho como meio de subsistência. Sendo assim, esforçam-se para manter o reabastecimento da casa, no sentido de manter a qualidade de vida de seus familiares.

As falas acima sobre às famílias e às infâncias revelam as dificuldades e peculiaridades que cada uma enfrentou em sua trajetória, bem como apontam situações específicas vivenciadas por essas mulheres. A família é, neste sentido, um espaço de construção simbólica que marca os sujeitos através das experiências vivenciadas em grupo.

Para Sarti (2003), a família é um mundo de relações, e as vivências são conflituosas. Ao enfocá-la, a primeira coisa a se levar em conta é que se trata de relações e não de indivíduos. Parte-se da ideia que a família é uma realidade simbólica que proporciona a essas mulheres diferentes situações e experiências que as constituem enquanto sujeitos sociais.

Para Roudinesco (2003), a família ultrapassa os limites da casa, envolve a rede de parentesco mais ampla, sobretudo quando se frustram as expectativas de se ter uma casa e realizar papéis masculinos e femininos.

Relações familiares são construídas por vários processos e experiências vivenciadas de diferentes maneiras por cada sujeito, sejam esses processos de abandono, dor, lutas e sobrevivência. Roudinesco (2003) enfatiza certo otimismo, ao afirmar que a família humana se reinventa permanentemente, mantendo-se desde os inícios dos tempos, como uma instituição insubstituível para a própria constituição de sujeitos humanos.

Assim, diante das experiências narradas sobre os fenômenos vividos por essas mulheres no seio das famílias, entende-se porque um modelo feminino familiar ideal é reforçado em seu imaginário, modelo esse que privilegia a função materna e o trabalho doméstico mal ou não remunerado como inerentes à natureza da mulher.

Para além dos vínculos consanguíneos, a família no seu convívio social cria laços de afetividade e unidade social, não sendo apenas um grupo social comum, desafiando as análises sociológicas e antropológicas a família não deixa de ser um ajuntamento ímpar, onde sua forma de viver transcende os modelos sociais, indo além do conceito científico e da explicação formal. (DONATI, 2008, p. 25 ).

Neste sentido, a ideia de família se forma dentro de uma perspectiva social e cultural que cria laços e revela uma realidade simbólica estabelecida pelos membros que mantêm experiências e orientações morais, culturais e éticas. Ainda, para

Donati (2008), a família é a relação social que emerge como fenômeno produzido pela interação entre todos esses componentes que a constituem.

No entanto, diante dos relatos apresentados acima uma característica em comum entre elas chama atenção, a necessidade de trabalhar desde muito cedo para manutenção de renda em suas famílias em determinadas situações. Para entender melhor essa necessidade de trabalho investigou-se os processos de escolarização e a relação dessas mulheres com a escola.

Sobre seus processos de escolarização, as mulheres vassouzeiras contam que, por diversos motivos e em diferentes circunstâncias, todas tiveram que deixar a escola em algum momento de suas vidas, sendo a necessidade de trabalho e renda um dos motivos mais relatados.

Esmeralda revela aspectos singulares de seu processo de escolarização e abandono, contando que chegou a trabalhar ainda muito nova na casa de suas professoras, pois essas notavam que ela já gostava de trabalhar. Contou também que já adulto, depois de muito tempo do abandono, chegou a tentar retomar seus estudos, mas já não tinha paciência, já era mãe, casada e cheia de responsabilidades e novamente abandonou os estudos.

*Eu estudei até a 4ª série, na época eu parei porque tinha que trabalhar e eu não gostava de estudar eu gostava de trabalhar. trabalhei na casa de várias professoras minhas, elas percebiam que eu tinha jeito pra trabalhar ai me levavam para a casa delas, e eu para eu continuar estudando, mas eu ficava com preguiça e não ia, eu gostava de trabalhar, aí eu larguei. Depois de muito tempo eu tentei voltar, mas não tinha mais paciência sabe[...] Por causa do cansaço, acordava cedo, cuidava de tudo, trabalhava e quando acabava tudo não tinha ânimo mais vontade pra estudar. (Esmeralda, 38 anos)*

A posição da mulher no mercado de trabalho é considerada um processo muito mais complexo do que o dos homens, devido ao ciclo de vida útil laboral da mulher ser ladeado pelo ciclo vital do casamento: fecundidade e família. Potencializado pela ausência do acesso a formação mediante a obrigatoriedade dos afazeres domésticos e criação dos filhos.

Desta forma, pode-se dizer que o tempo da mulher é fracionado pelas: realização de atividades laborais domésticas e as atividades no mercado de trabalho. Sobre isso, Safira conta uma realidade diferente, foi proibida de estudar porque seu pai não deixava, ele acreditava que os estudos fariam com que ela

namorasse cedo e tirariam o foco do principal que era o trabalho, em seu relato ela conta que estudar sempre foi seu principal sonho e que até o momento ainda não conseguiu realizar, ela não sabe ler e nem escrever, em suas palavras ela conta detalhes:

*Eu não estudei [...]o meu pai não queria que a gente estudasse para não aprender a fazer carta para namorado, meu pai não permitiu [...]A caneta da gente era a foice, o machado e o facão [...] então até hoje eu me queixo porque eu não tive estudo, eu não sei ler, não sei escrever meu nome através disso aí[...] Sempre eu quis, mas nunca tive esse contato não. (SAFIRA, 56 anos)*

Ametista conta uma realidade dos moradores de zona rural de seu tempo, a ausência ou a distância da escola e falta de transporte fizeram com que ela nunca estudasse,

*Não, nunca estudei não porque a escola era muito longe. Morava na roça era umas duas léguas para chegar na rua, não tinha como chegar a gente não tinha transporte. (Ametista, 63 anos)*

Diante deste contexto, vale ressaltar que a escola tem um papel social essencial quando se trata de potencializar vínculos sociais, desenvolver habilidades físicas e cognitivas e de tornar o aluno um agente social. No entanto, a falta de acesso a esse ambiente junto aos percalços da sobrevivência em um contexto de necessidade e pobreza mais as negações diárias do direito à educação que aumentam a probabilidade das mulheres pesquisadas acessar ou darem continuidade aos estudos, traz até hoje consequências severas que determinam seu lugar no mercado de trabalho e autonomia econômica.

O que se evidencia na fala de Alexandrita, quando relata situações de negligência e dificuldades que a impediram de frequentar a escola ainda criança devido aos processos informais de adoção que ela vivenciou, ela nos conta também que tentou retomar os estudos já adolescente, mas novamente foi interrompida:

*Não estudei. Porque quando eu fui morar com esses pessoal que me adotou eles não me registraram, fiquei muito tempo sem meus documento, sem poder ir pra escola, eu via todo mundo ir pra escola com vontade de ir sabe, mas não podia ir porque não tinha o documento. Ai quanto eu fui estudar já era já grande já, que foi tirar o documento e eu fui começar a estudar, estudei no colégio A.V. ali na Rodoviária, depois parei, comecei a mudar pra Itabuna de novo, ficava mudando sempre, ai eu parei de estudar. Estudei até a quarta série e aí depois eu parei, casei logo nova né? com quinze anos engravidei e não quis mais ir estudar, abandonei. (Alexandrita, 29 anos)*

Turmalina traz em seu relato o abandono escolar por diferentes motivos, mudança de cidade, maternidade precoce e desistência,

*Eu estudei até a 7ª série, larguei a escola porque comecei a namorar e painho também foi embora mudou daqui na época aí eu larguei os estudos [...] eu não tive filho logo não, foi porque painho foi embora mesmo. Aí eu não quis continuar mais, quando eu vim morar com meu marido eu até tentei, mas não quis mais não [...] Depois eu voltei mas eu quando eu voltei eu engravidei aí não tive mais cabeça pra estudar. Não quis ficar estudando não, parei e não quis mais não. (Turmalina, 33 anos)*

As mudanças propostas pela vida e um relacionamento em uma fase complexa na vida da mulher, durante a adolescência, que vão de físicas a psicológicas, o que de acordo com alguns autores favorece o agravamento da crise comum as fases do desenvolvimento.

A mudança do corpo é radical com a gestação, e exige também mudanças no relacionamento entre as pessoas como no ambiente em que se vive. Muitos desses problemas são atribuídos a fatores como, a idade, medo dos pais, falta de dinheiro, baixa escolaridade, informações controversas e crença de que são muito novas para engravidar. Entre as possíveis consequências observa-se a interrupção prematura dos estudos. Nesse contexto, Opala revela as dificuldades que enfrentou no seu processo escolar e as tentativas de permanecer na escola mesmo diante das dificuldades.

*Rapaz a escola eu, quando era pequena a gente estudava na escola E.M.U.P., até aí estava muito bem, mas quanto foi pra gente estudar, continuar né, e eu passei de série e fui estudar lá na escola C.E.L.N.B. lá foi bem mais difícil, eu cheguei a ir ainda, mais quando cheguei lá na porta da escola me barraram, porque eu não estava de farda, lá só entrava de farda eu tinha que entrar com calça e sapato e nessa época nós não tinha, meu pai e minha mãe não tinha pra dar [...] ( Opala, 39 anos)*

Ágata revela que abandonou seus estudos devido ao casamento ainda muito nova e a preguiça de conciliar os estudos com os afazeres e obrigações domésticas:

*Eu parei de estudar na quinta série porque eu casei, não quis ir mais, preguiça não quis ir mais mesmo. Foi preguiça, tinha muita coisa pra fazer em casa, aí eu não quis mais ir. (Agata, 29 anos)*

Água Marinha conta que não gostava de estudar, nunca teve uma boa relação com a escola, também revela que mesmo depois de casada tentou retomar seus estudos, ia pra escola a noite junto com o marido, ela desistiu e o marido continuou, em seus palavras:

*Estudar eu estudava, mas eu não gostava de estudar não. Estudei até a 6ª série e parei por preguiça e eu não gostava de estudar, não vou mentir. E era assim de noite, depois que eu estava casada com filho era de noite que eu ia estudar, mas depois de casada eu fui pra escola mas não gostava, aí meu marido ele continuou e eu saí, preguiça. (Água Marinha, 44 anos)*

A ausência dos processos de escolarização, o abandono precoce e a falta de continuidade e possibilidades de estudo na vida das mulheres dessa pesquisa são uma característica forte que se revela como elemento singular de identificação e como instrumento de luta no reconhecimento destas como um grupo.

As narrativas revelam a ausência da escola em suas vidas ou o abandono precoce por diferentes necessidades, sendo o trabalho um meio de sobrevivência e de garantia de melhores condições de vida para suas famílias. A escola destaca-se como uma representação significativa na vida das colaboradoras, pois mesmo não tendo uma relação de escolarização concluída por não terem acesso ou terem abandonado seus estudos atribuem a ela a esperança na possibilidade de seus filhos e filhas terem uma vida melhor, diferente das suas.

Ao serem questionadas sobre como se estabelecem atualmente suas dinâmicas familiares, as mulheres vassouneiras revelam aspectos peculiares de seus cotidianos que demonstram como os fenômenos vividos e experimentos se refletem em seus contextos de vida e lugares sociais.

Esmeralda conta que depois de dezoito de anos de casamento se separou e hoje vive somente com uma filha pequena se revezando entre a zona rural, onde tem residência, e a cidade onde a filha mais velha reside, conta também a rotina de seus dias de trabalho:

*Hoje mora eu e minha filha de 04 (quatro) anos, porque eu tô ficando mais lá na roça mesmo. como lá é zona rural meu marido fica na sede, trabalhando, eu fico na roça com minha filha e venho sempre em Jequié quanto precisa, e ele vai pra lá nas folgas dele. Todo dia era acordar cedo ir pro mato, pelo menos três vezes na semana tinha que ir, buscar palha, trazer pra casa, aí é sentar lascas a palha, colocar no sol, pegar no fim do dia e no outro dia começar tudo de novo. Três dias na semana para buscar a palha, dois dias buscando palha e um dia tirando os cabos, aí pra gente aprontar, pra durante, no sábado nos cinco dias tá pronto pra ir pra feira vender. E no meio disso tudo eu tinha minha rotina de mãe e de dona de casa e de me cuidar também né. Acordar cedo, fazer os afazer da casa, cuidar da bebe e pra depois ir trabalhar, o marido junto ele sempre contribuiu comigo em casa em tudo. (Esmeralda, 38 anos)*

Já Safira traz em seu relato a solidão, conta que vive sozinha e que o trabalho toma conta de quase todo seu dia, sendo sua principal atividade:

*Hoje eu vivo só, sou sozinha aqui [...] Só fica eu aqui nessa casa [...] meu menino de vez em quando vem aqui, mas só fica eu só e Deus. De manhã eu levanto cedo, cedo mesmo no máximo umas 5hrs da manhã, vou faço café, lavo uma louça na pia, passo a vassoura na casa e venho pra cá [...] aí eu sento aqui, umas nove horas vou lá faço almoço e depois volto pra aqui [...] às vezes levanto pra almoçar comer um pouquinho, às vezes nem isso [...] quando eu vou levantar lá pra umas 22hrs daqui. (Safira, 56 anos)*

As mulheres entrevistadas ou citadas nessa pesquisa, solteiras, separadas ou viúvas que tem filhos, solteiras sem filhos, morando sozinhas, entre outras, convergem em uma premissa comum: o das mulheres casadas chefiando a família mesmo tendo um marido ou companheiro em casa, com ou sem filhos. Ou seja, aponta um fator definitivo para que essas mulheres sejam chefes de família e nos valores familiares tradicionais.

O trabalho doméstico não foi transferido para os homens, e elas têm de se dividir entre a jornada de trabalho e a doméstica. O resultado é a sobrecarga da mulher nessa configuração: a com a maior jornada de trabalho entre todos os perfis estudados. Como relata Ametista, que mora com um filho e divide o espaço do quintal com outro, às atividades de trabalho e a rotina também estão entrelaçadas, ela trabalha quase sempre ao lado de sua nora que também é vassoureira:

*Na minha casa ali mora só eu e um filho. E meu outro filho vive aqui nessa com a mulher e os filhos, a gente vive aqui tudo junto, mas na minha casa é eu e meu menino mesmo. [...] Tenho horário, levanto vou lavar meus pratos fazer as coisas e depois já venho direto pra palha, o dia todo assim [...] faço as coisas e venho sentar aqui para fazer. Quando não tem a palha aquele dia eu sinto falta porque eu gosto de tá sentada aqui fazendo alguma coisa. (Ametista, 63 anos)*

Alexandrita mora com seu marido e cinco filhos, divide a rotina entre às tarefas de casa, o cuidado dos filhos e às atividade de trabalho:

*o marido só ajuda nas coisa da vassoura mesmo. Hoje aqui tem sete pessoas, eu, meu marido e meus cinco filhos. A gente vive junto. Eu acordo de manhã e vou fazer as coisas da casa primeiro, aí depois de tudo feito eu venho sentar pra fazer às vassoura. Faço às coisa da casa tudo sozinha, cuidado dos menino sozinha, tudo é eu. (Alexandrita, 29 anos)*

Turmalina também mora com o marido e seus quatro filhos, todas as tarefas da casa são divididas com as filhas mais velhas, seu marido trabalha fora o dia todo,

e ela divide a rotina, o quintal e os afazeres na confecção de vassouras com a sogra que também é vassoureira,

*Hoje mora seis pessoas, eu meu marido e os quatro filhos , mora tudo aqui [...]olha eu acordo às vezes e quando minha menina tá em casa ela que cuida da casa e eu venho direto pra cá pra fora trabalhar com a vassoura, agora se ela não tiver aí primeiro eu tenho que fazer às coisas lá da casa dá conta de menina e pra depois vir pra cá pra fora, meu marido não ajuda porque ele trabalha fora, mas quanto tá em casa ele dá uma força [...] eu fico aqui assim o dia todo fazendo vassoura e cuidando da casa. (Turmalina, 33 anos)*

Opala revela uma realidade semelhante em sua narrativa:

*Hoje eu moro com seis pessoas em casa, eu, meu esposo e os quatro filhos. Eu acordo de manhã ajeito os meninos pra ir pra escola, depois eu vou lavo os pratos, limpo a casa e venho lascar palha, depois tem o intervalo que eu paro pra mim fazer a comida, dá e ajeitar eles lá de novo, depois eu volto de novo e só paro de noite, dependendo do trabalho que tem a gente vai direto só para quando terminar mesmo. Tem que ser mãe, esposa, dona de casa e trabalhadora também, a gente tem que ser tudo né?( Opala, 39 anos)*

Ágata conta que mora somente com seus três filhos, é inteiramente responsável pelos cuidados com estes, com as tarefas da casa e com a atividade de confecção de vassouras.

*Aqui mora três eu e meus filhos [...]Eu vivo só com meus filhos aqui. Primeira coisa é cuidar da casa, limpo a casa, faço comida e depois venho fazer vassoura... Paro meio dia almoço, descanso um pouco e depois venho fazer vassoura de novo [...] ai vai até a hora que precisar, todo dia é assim, eu que faço tudo e trabalho com a vassoura. (Agata, 29 anos)*

Água Marinha traz em seu relato uma realidade comum em seu contexto, mora hoje somente com seu marido, mas todos os filhos construíram em terrenos ao lado de sua casa, dividindo o mesmo quintal e o mesmo espaço de trabalho, ela é responsável pelas tarefas da casa e pelos cuidados com os netos para além do trabalho com as vassouras:

*Aqui mora só duas, três comigo, mas aqui mora tudo perto, é do lado né, dividimos um pouco de tudo, os filhos ficou tudo perto. Ai aqui não fica longe, lá em casa não fico sozinha toda hora tá, não fica longe. É assim, de manhã quando eu levanto vou logo fazer o café, lavar os pratos fazer alguma coisa lá e depois eu venho pra fazer alguma coisa aqui e trabalhar né, depois levanto pra fazer almoço, vou levando assim aqui e na casa, e no dia que tenho que olhar os netos eu vou cuidar deles. Ajudo com*



*os netos porque as mães trabalha e eu fico com eles porque eu que tô em casa, ai já ajuda. (Água Marinha, 44 anos)*

A dinâmica estabelecida através da renda familiar e da divisão das contas revela também como os arranjos familiares dessas mulheres se estruturam. Quando questionadas sobre suas rendas e a divisão de pagamentos das contas elas nos contam que:

Alexandrita, Turmalina, Opala, Esmeralda e Água Marinha contam que dividem as contas com seus maridos e estes também desenvolvem a confecção de vassouras além de outros tipos de trabalhos formais.

*Quem paga as contas é eu e meu esposo, a gente vive da vassoura e da bolsa família. Meu esposo quanto arruma uns bicos ele faz, não tem um emprego de carteira assinada sabe, e a gente ganha muita ajuda também principalmente pras crianças, tem muita gente que doa sabe. (Alexandrita, 29 anos)*

*Quem paga tudo aqui é eu e ele juntos, meu marido, a gente divide, tem a renda da vassoura né e eu recebo bolsa família e hoje ele também tá trabalhando [...] (Turmalina, 33 anos)*

*Eu dou conta da renda, meu esposo trabalha, ele trabalha de carteira assinada e a gente faz a vassoura, e eu também ajudo, os dois que dão conta né, todo dinheiro da vassoura é pra renda da casa. (Opala, 39)*

*Eu e meu ex-marido a gente trabalhava junto então era tudo junto, às contas divididas. A gente separou e ele continuou dando a renda da minha filha e eu batalhando. Hoje recebo benefício e vou lutando [...] (Esmeralda, 38 anos).*

*Nunca trabalhei de carteira assinada, eu trabalho aqui. A renda vem daqui, é uma renda só, vende e divide. Meu marido que tem outro trabalho fora [...]. (Água Marinha, 44 anos)*

Ametista, Safira e Ágata trazem um relato diferente, elas são as únicas responsáveis pelas contas e têm na atividade de confecção de vassouras quase toda a renda concentrada.

*Como assim renda? ah às conta né? [...].  
Hoje só tenho a renda da vassoura, só vivo disso. Meu filho me ajuda nas contas, a gente divide. (Ametista, 63 anos)*

*Eu sobrevivo desse dinheiro da vassoura e do auxílio que recebo [...] eu resolvo tudo [...]. eu faço com que Deus vê que o pouco que eu pego Deus me abençoa que eu faço, vou atravessando. (Safira, 56 anos)*

*Eu sou sozinha né? [...] Eu trabalho com vassoura e recebo bolsa família, eu que resolvo tudo, sou responsável por tudo [...] O pai dos meninos tem vez que ajuda tem vez que não eu que me viro e pago tudo [...]* (Agata, 29 anos)

No que diz respeito à continuidade da atividade e às formas de gerar renda que essas famílias encontram em seu cotidiano através das vendas das vassouras, percebe-se que as famílias se agrupam no desenvolvimento das atividades de modo a se ajudarem na geração de renda e assim produzir benefícios ao coletivo. De acordo com Sarti (1994, p.70),

A família pobre não se constitui como um núcleo, mas como uma rede, com ramificações que envolvem a rede de parentesco como um todo, configurando uma trama de obrigações morais que enreda os indivíduos em dois sentidos, ao dificultar sua individualidade e ao viabilizar sua existência com apoio e sustentos básicos.

Desse modo, as famílias mais pobres existem e resistem às dificuldades financeiras encontradas em seus cotidianos através de uma espécie de rede colaborativa fundamental nas atividades que geram renda e garantem seus sustentos. Não é esta uma regra que se aplica a todas as famílias, considerando a multiplicidade que existe nessa categoria, contudo, cabe dentro desta análise dos núcleos familiares que fazem parte às colaboradoras desta pesquisa.

De acordo com Sarti (2003), o discurso social sobre a família se reflete nas mais diferentes famílias, como um espelho, que por sua vez, devolverá ao mundo social sua imagem, filtrada pela singularidade das experiências vividas.

Às relações familiares aqui narradas se identificam por evidentes marcas sociais de lutas e embates pela sobrevivência em suas caminhadas. As histórias apresentadas revelam uma identidade individual fortemente marcada pelas experiências e sentimentos experimentados nos grupos familiares.

Para Singly (2003, p. 86), "a identidade é fluida e necessariamente multidimensional". É um dos fatores da desestabilização das instituições, definidas historicamente para tratar de indivíduos unidimensionais, sendo a família um exemplo disso.

As relações familiares aqui narradas apresentam diversas perspectivas e dinâmicas, revelando a complexidade dos fenômenos que envolvem a família. Uma forte relação entre família e trabalho é revelada em cada narrativa e isso impacta diretamente na construção das identidades.

## 4.2 Relações De Trabalho

Observar como se estabelecem as relações de trabalho dentro da dinâmica e contexto das vassoureiras nos ajuda a compreender os fenômenos que envolvem as construções de suas identidades sob a ótica da necessidade básica do trabalho para a sobrevivência e manutenção de suas famílias.

As relações e divisões estabelecidas entre homens e mulheres, por vezes, assumem, no campo do trabalho, as mesmas características pré-desenhadas no seio da família, em uma espécie de representação do ambiente doméstico, no qual às atribuições de maior destaque e poder são atribuídas diretamente aos homens, já às funções atribuídas às mulheres, tidas como obrigações, são sempre aquelas inferiorizadas e de menor destaque.

Assim, a narrativa de Água Marinha que conta como o trabalho se inseriu em sua vida e em quais posições ela atua hoje na dinâmica de confecção das vassouras. Neste contexto, percebe-se o equívoco entre as relações de trabalho e relações de emprego. Dito isto, as relações de trabalho está relacionada com a prestação de serviço, sendo remunerada ou não, independente de firmação de contrato.

*Nunca trabalhei de carteira assinada, eu trabalho aqui. Nunca quis trabalhar com outra coisa, sempre fiquei ajudando aqui com as vassouras. Eu lasco e faço os móis só. Considero um trabalho sim, muito importante pra mim. (Água Marinha, 44 anos)*

Ela ainda relata como foi seu primeiro contato com a palha, conta quanto e com quem aprendeu e quem na sua família também desenvolve essa atividade. Sendo assim, o desenvolvimento das formas de trabalho ofereceu mais equilíbrio social e econômico, ampliando as possibilidades de produzir e suprir as necessidades das pessoas.

*Aprendi aqui coisas de vassouras, mas lascar eu já lascava. Já sabia fazer um pouco, mas para aprender a trabalhar aprendi aqui com ele, meu esposo. Quando eu vim morar com ele foi que vim aprender mesmo a fazer. [...] Desde criança eu lascava a palha e depois que eu vim morar com ele que fui trabalhar mesmo, desde os 16 ou 17 anos, tem bastante tempo [...] Na família, tem minha irmã, lá em cima naquele morro lá, tem ela e o marido dela que é meu primo, a sogra dela é minha tia, tem eles todos, na minha família já tinha essas pessoas e ainda tem [...]*

*Aqui tem eu meus dois filhos, os homens, e tem meu esposo. A menina ela trabalha fora. E tem esse pessoal lá em cima, tudo da família, mas trabalha separado. [...]Jeu nunca ensinei não, mas olhando eles foram aprendendo [...] foi assim eu e o pai fazendo e eles aprendendo. O pai que foi ensinando [...] (Água Marinha, 44 anos)*

Agata conta que seu primeiro contato com a vassoura foi ainda na adolescência, seus irmãos já faziam, porém depois de se casar foi que ela começou de fato a confeccionar. Relata também como a atividade se desenvolve atualmente no seio de sua família,

*Comecei a fazer vassoura antes dos 14 e tem esse tempo todo já, quase 15 anos. É isso que eu sei fazer, sabe? Quando eu casei logo... Não! Antes de casar meus irmãos já fazia, que meu pai viajava, trabalhava viajando aí eu e meu irmão que fazia as vassouras pra sustentar a gente cá enquanto meu pai tava viajando... e quando casei meu esposo também fazia [...]Meus irmãos que já fazia e tinha uma irmã também [...] mais velha. Já ensinei bastante meus irmãos, mesmo a parte de costurar de cortar o fundo da vassoura de aparar, já ensinei muito. Tem meu filho também que eu ensinei ele já sabe destalar, sabe encabar e a parte de encabar. Agora tem eu, minha irmã que sempre lasca e meu irmão... e tem minha mãe que lasca também. (Agata, 29 anos)*

Opala traz em seu relato a experiência de contato com o trabalho desde sua mais tenra infância, quando acessa sua memória sobre os fatos e narrativas que se articulam na produção de vassouras desde sempre em sua vida e família até os dias atuais. Percebe-se na relação atribuída ao fabrico das vassouras a mesma relação existente na sociedade, gerida pelo capital. Mesmo sem definições científicas do que seja trabalho, as artesãs executam essa atividade para satisfazer as necessidades do capitalismo, qual seja, a de gerar lucro e poder de compra/consumo. Necessidades estas que ficam reduzidas aos bens e serviços que as mantêm vivas e em condições de trabalhar.

*Eu não sei nem te falar viu quando comecei [...] porque a gente desde pequeno já começou lascando é destalando, raspando os cabo da vassoura, eu mesmo lembro que na época, eu pequena, o meu trabalho mais com ele era lascar, destalar, ele chegar com os coiso em casa eu e minha mãe raspar os cabos e depois eu ia ajudar ele trançar e encabar, o resto era com ele [...] desde pequena, foi vendo e ajudando e fazendo e quando vi eu já sabia tudo [...] . É a vida toda fazendo vassoura, não tenho uma lembrança de quanto não fazia vassoura, é a vida toda sabe. teve uma época que eu parei quanto eu me envolvi com o pai dele ( se referindo ao filho mais velho), eu parei porque eu sai de dentro de casa, aí eu parei né, mas aí chegou uma época que meu esposo não tinha trabalho e a gente tinha um filho pequeno pra*

*criar, aí eu falei com ele, eu falei- oh vamo fazer assim, eu sei fazer fazer vassoura, vamo pro mato tirar as palhas e eu vou fazer, aí ele falou- mas isso não vai dar certo, eu falei vamos fazer um teste pra você ver, porque ele nunca fez né nem sabia pra onde ia, e vamos fazer [...] eu tornei voltar de novo a mesma infância que eu tinha de pequena pra mim sobreviver eu e ele e o menino, porque não tinha trabalho, nem ele tava trabalhando nem eu com o menino pequeno. A iniciativa foi minha sabe, quando precisou eu voltei de novo e tô até hoje nesse trabalho. Meu pai né, quem começou que eu me lembro assim foi ele e minha mãe né aí depois foi nós[...]. Olha aqui como tu está vendo (no momento da entrevista ela estava sentada ao lado dos três filhos maiores dentro da casa que é o local da produção da vassoura e todos os filhos ajudava na produção, somente o filho menor de dois anos brincava, brincadeira essa com as sobras da palha utilizada na produção), todos ele sabe fazer uma coisinha sabe, todo mundo aqui faz, mas quem faz mesmo de trabalho é eu e meu esposo e eles ajudam [...] Não nunca ensinei ninguém, eles aqui aprenderam vendo (apontando para os filhos que trabalham ao seu lado). (Opala, 39 anos)*

Safira conta que,

*Desde a idade de dezesseis anos que eu vivo essa vida aqui, muito tempo né? [...]. Ah, eu tinha o que? Dezesseis anos [...]. Já ia subir a serra, já ia buscar a palha, já fazia a vassoura. Eu via o povo fazendo, meus irmãos fazia, aí eu aprendi com eles, fui vendo e fui fazendo [...]. [...] Meu pai fazia, minha madrastra fazia, meus irmãos fazia era tudo [...]. Não [...] agora na minha família ninguém faz. Nunca parei pra ensinar, mas às vezes eu to lascado aqui e chega uma e senta e faz também, vai olhando e aprendendo [...] tem meu neto que às vezes vem senta aqui e ajude... ai vai aprendendo mesmo...(Safira, 56 ano)*

Ametista relata que desde pequena teve contato com a palha confeccionando vários outros produtos, mas que seu contato principal com a vassoura se deu um pouco depois advindo da necessidade de gerar renda. Logo, o trabalho, é a atividade umbilical a vida produtiva. Segundo Marx ( 2001, p: 116) “ É o unico meio que satisfaz uma necessidade primeira, a de manter a existÊncia fÍsica. A vida produtiva do ser humano.”

*Assim fazer vassoura mesmo eu comecei foi quando a gente veio pra aqui, já tem uns vinte anos ou tem mais [...] Pequena eu só fazia chapéu mesmo, trançava a palha do chapéu. Mas eu já sabia fazer porque minha mãe fazia umas vassourinha pouca mas fazia, ela sabia fazer vassoura também [...] Ela fazia era pra usar em casa, ela sabia fazer. Aprendi com minha mãe mesmo e quando vim pra aqui foi que peguei pra fazer [...]. Fazendo vassoura acho que já tem vinte anos, não vinte anos não... tem o tempo que eu to em Jequié. Antes de ter filho, então mais ou menos tem uns trinta e oito anos, deve ser isso, tem muito tempo [...] desde que eu vim pra cá mesmo. Nesse tempo todo eu nunca parei, sempre fazendo vassoura, eu não sei trabalhar com mais nada, sempre trabalhei com vassoura porque eu não sei trabalhar com nada[...] Sempre com vassoura mesmo [...] Fora eu tinha*

*minha mãe que fazia vassoura pra varrer a casa, usar em casa mesmo, naquele tempo, teve um irmão que aprendeu meu que aprendeu também. Era coisa de ir vendo fazer e aprender, de olhar sabe, todo mundo ia vendo e fazia [...] Agora tem meu filho que faz, tem um sobrinho né e tem minha nora[...]... ai tem eu juntando tem quatro pessoa. Eu nunca ensinei ninguém não [...] O menino que mora mas eu sabia e fazia vassoura, mas ele parou porque foi trabalhar no mercado. Ensino não teve, ele aprendeu foi vendo o pai fazer e ele foi fazendo, aprendeu de olhar. Isso é ligeiro de aprender. (Ametista, 63 anos)*

Esmeralda, Turmalina e Alexandrita contam que aprenderam com seus maridos e as famílias deles depois que se casaram ou durante o namoro. Elas relatam como os filhos e às famílias foram sendo incluídos nessa dinâmica e desde muito cedo aprenderam também a confeccionar vassouras de palha

*Eu aprendi com meu marido, na família dele todos já faziam e eu fui aprendendo até que comecei a trabalhar com isso [...]tem uns dezesseis anos já, foi praticamente o tempo que me casei com ele [...] Naquela época eu fui a primeira da minha família, ninguém fazia não. ai eu que aprendi e fui trabalhando com meu marido. Agora que já tem quem faz na minha família [...] Tem, agora tem sim. Tenho minhas irmãs, minha mãe, meu irmão [...] Todo mundo sabe fazer um pouco e vai se virando, é uma renda né, então quanto precisa todo mundo faz, mas cada um trabalha por si e eu ajudo quando to aqui. (Esmeralda, 38 anos)*

*Eu aprendi quando eu comecei a namorar com ele, aprendi com ele né, aí eu vim morar com ele, meu marido, e aprendi [...] Cheguei aqui todo mundo fazia, aí eu vim ajudar e ele foi e me ensinou. Desde os 14 anos que eu to com ele e aprendi. Já tem muito tempo né, no caso desde os 14 anos, tem quanto tempo agora? 19 anos né [...] é esse tempo todo que eu faço. [...] Na minha família mesmo ninguém fazia, pai e mãe, ninguém fazia vassoura não[...] Foi no caso aqui com a família dele que aprendi, aqui todo mundo fazia. Eu, meu marido, minha sogra aqui agora é a gente. Minhas meninas ajuda, quando precisa ajuda. Já ensinei os meninos aqui em casa, o menino sabe e as meninas sabem a de onze anos já costura, quanto a gente tá costurando ela entra pelo meio aí eu ensino ela e tá costurando. (Turmalina, 33 anos)*

*Eu aprendi a mexer com vassoura quando eu tive meu primeiro filho, com meu marido, ele já fazia vassoura quanto eu fui morar com ele e eu não sabia fazer ainda eu só fazia lascar às palha, quando eu engravidei pra ajudar na renda eu comecei a aprender, aí ele fazia, nós ia pra feira vender pra poder comprar as coisa dos menino. Ele já fazia, na família dele já tinha quem fazia e eu fui aprender com ele. Foi quando eu vim morar com ele, desde quando eu tinha doze anos, mas o que eu comecei mesmo a fazer foi com quinze anos, isso tem uns quatorze anos já, foi quando eu engravidei por precisão sabe, necessidade [...] a minha família ninguém faz, só eu mesmo, nunca tive. Tudo que aprendi da vassoura foi através dele e da família dele, a mãe dele fazia. Atualmente, hoje em dia é eu e meu esposo que faz. Na família dele também tem irmãos e sobrinha. Aqui em casa as*

*criança já ajuda, já sabe destalar e todos ajuda um pouco (no momento da entrevista uma das filhas de oito anos estava sentada ao lado da mãe ajudando a destalar a palha e colocar para secar). Não. nunca ensinei. os meninos foi vendo e aprendendo aqui sabe, no dia a dia mesmo. (Alexandrita, 29 anos).*

Atualmente venda das vassouras de palha é feita de maneira unitária ou em fardos, feitas sob encomenda ou atendendo às demandas, esse processo de vendas é percebido como quase sempre desenvolvido por homens e isso cria no imaginário da sociedade uma ideia de que este produto é fruto somente do trabalho masculino, sobre as vendas das vassouras observemos agora o que às vassouras nos contam.

Água Marinha, Ágata, Opala, Alexandrita e Esmeralda relatam que já saíram e ainda saem para fazer às vendas caso seja necessário,

*Eu já fiz muito isso de vender, mas agora não, tem muito tempo, agora não saio pra vender não. Quanto os meninos eram pequenos eu viajava pra Ipiaú e outras cidades da região levava às vassouras, os fardos, e já entregava, já tem os freguês lá [...] Mas hoje em dia meu esposo que é o responsável, ele que vai agora já tem às encomendas e os clientes eles já leva e entrega. (Água Marinha, 44 anos)*

*Se precisar sair pra vender eu vendo, esses dias eu não to indo porque tem um homem que eu entrego e ele que vende pra gente, mas se precisar eu vou vender na feira{...}Tem vez que eu vou pra feira, levo no carro, de carro e sai vendendo de uma em uma, vai num canto e vai no outro e até vender tudo é assim [...] às vezes vende por 5 reais, aí o povo reclama mas às vezes sai por 3 ou por 2 reais. (Agata, 29 anos)*

*Eu saio sim, rapaz pra vender é assim a gente oferece, às vezes tem às pessoa que liga pro meu celular pedindo às dúzia e outras vezes eu pego aqui mais meu esposo que eu nunca vendi. Quem vende hoje é meu filho, ele que é responsável.qui e saio pra vender e saio no meio da rua gritando. Nos vende em tudo quanto é lugar, Jitaúna, Jequié, eu vendo naquela cidadezinha que tem aqui em cima, depois do Baixão, eu vendo muito ali em Lafaiete, nós chega lá e vende direitinho. Nós vai de moto, tem dois meses que eu fui até em Ipiaú de moto também, levando às vassoura na moto. (Opala, 39 anos)*

*Quem vende é eu e ele. Nós sai pra vender na feira, vende nas casa de porta em porta, outra hora nós dá a um rapaz que pega na nossa mão e vende, ele pega aqui na porta. Na feira nós sai vendendo sabe, oferecendo aos pessoal e os pessoal compra, não fica parado não é andando e vendendo. E nos bairros é assim também, no meio da rua, de porta a porta oferecendo e vendendo.(Alexandrita 29 anos)*

*Quando precisava eu ia, vendia na feira o dia todo lá, aí depois era mais meu esposo. (Esmeralda, 38 anos)*

*Já vendi [...] era assim [...] ah às vezes você tem freguês e você chega e só entrega o fardo, quando não pega o dinheiro na hora você agenda e paga... Cansei de sair com 60 ou 80 dúzias de vassouras pra vender, é tanto que a gente na época a gente abriu uma pequena empresa, eu tenho os documentos tudo ainda a [...]...aí depois também eu parei também [...] chega uma hora que você não aguenta o corpo cansa muito aí eu parei[...] agora eu não vendo mais [...] eu faço esse trabalho pra um moço que tem aqui, agora eu já trabalho pra outra pessoa. (Safira, 56 anos)*

Ametista e Turmalina contam que nunca precisaram sair para vender o produto, porque essa sempre foi uma função dos homens da família,

*Eu nunca vendi, saí pra vender não [...] eu só faço isso aqui lascar, destalar, isso aqui mesmo... nem costurar eu sei direito [...] nesse tempo. (Ametista, 63 anos)*

*Eu mesmo nunca vendi não, quem vende é meu esposo, ele vende os fardos, eu nunca saí só pra vender sabe, eu saio assim com ele no carro de companhia pra ajudar, mas ele que vende ele que negocia. (Turmalina, 33 anos)*

Quando questionadas sobre a importância dessa atividade em suas vidas, as vassoureiras contam que,

*É digno sabe, representa isso. (Água Marinha, 44 anos)*

*Eu acho importante, fez diferença na minha vida e na minha família e faz sabe. (Agata, 29 anos)*

*É importante pra mim e pra minha família. (Alexandrita, 29 anos)*

*Eu não sei imaginar minha vida sem a vassoura sabe, seria muito mais difícil. Eu mesmo faço ela, mas seu achar uma oportunidade melhor hoje eu deixo, porque hoje tudo depende sabe, tá me entendendo, se a gente buscar no mato tem que pagar carro, tem que ter transporte, hoje a gente corre perigo dentro do mato que antes não tinha, entendeu, mas se nós não achar nada tem que enfrentar do mesmo jeito. Eu sei que tenho que tenho pra onde recorrer, pra onde voltar com o trabalho da vassoura, isso é importante. (Opala, 39 anos)*

*Como não tem outro trabalho pra fazer porque é difícil até pra arrumar trabalho então pra mim isso é uma atividade que eu faço e já me ajuda... às vez melhor do que trabalhar pra alguém é melhor mil vezes a palha porque você não tá escutando nada de ninguém [...] a realidade é outra. (Safira, 56 anos)*

*Ah, eu acho importante né, porque a gente não fica parado, sempre tem um dinheirinho, pra gente que é assim ficar parado sem fazer nada é difícil então a gente nunca fica parado, pra mim é importante sim. (Ametista, 63 anos)*

*Pra mim a vassoura é e foi sempre muito importante, tudo que eu consegui na vida foi através dela, realizei todos os meus sonhos com ela, todos os meus desejos tudo que eu alcancei foi através do trabalho com a vassoura e*



*com dignidade. E uma coisa que ela é muito importante nas nossas vidas de todos nós, porque ela faz a limpeza de higienização, porque sem ela como é que a gente vai higienizar nossa casa? a limpeza de nossa casa? não tem como. Então ela é importante porque é a limpeza do nosso lar né. Se eu não tivesse a vassoura tudo seria mais difícil na minha vida, bem mais difícil, porque se eu não soubesse fazer ela, não teria aprendido, eu não seria quem eu sou, não sei como seria os meus dias [...] Fez muita diferença na minha vida, na minha história, na minha família. (Esmeralda, 38 anos)*

*Rapaz aqui é um trabalho bom viu. O que a gente tá trabalhando pra gente. A gente trabalha hora que a gente quer, entendido. Se querer descansar, a gente descansa. Não é que nem trabalhar para os outros, sim, sim para os outros, a gente tinha que tá ali na hora certa, né? E pra gente não{...} já corri atrás várias vezes, nunca consegui. Aqui é uma certeza que vai ter nosso dinheiro né, é a vassoura que socorre quanto precisa. Precisa mais ser valorizado. ( Turmalina, 33 anos)*

Algumas falas e expressões marcam as respostas encontradas aqui, o trabalho com a confecção de vassouras de palha na vida dessas mulheres representa muito mais do que a geração de renda, ele representa dignidade, faz diferença, se demonstra extremamente importante para a manutenção e sobrevivência de suas famílias, representando também a resistência diante das dificuldades que enfrentam cotidianamente.

Sobre as dificuldades enfrentadas, elas contam que as principais dificuldades dizem respeito à saúde, que é diretamente afetada pelo pó da palha que espalha e pelas condições nem sempre adequada de trabalho. Dessa maneira, tendem a desenvolver problemas respiratórios. Ademais, as condições estruturais e climáticas também afetam diretamente o rendimento da atividade,

*Uma dificuldade que tem é a questão da saúde, eu acho que através do pó da vassoura que me deu a sinusite [...] então tem a saúde [...] e tem o clima, se chover atrapalha a gente. ( Agata, 29 anos)*

*O lado ruim da vassoura pra mim é apertar pra costurar, porque assim eu sei fazer ela todinha, se for pra mim pegar ela e fazer eu faço todinha, mas o homem aperta melhor do que a gente, tá me entendendo, porque se a gente não aperta ela bem, se não tiver a força sabe a gente não faz [...] e tem assim às coisa que atrapalha porque a vassoura se tiver chovendo não tem nada feito, igual esses dias aí que foram chuvoso, não teve nada dia nenhum, nós não buscou palha, não fez vassoura nenhuma porque não tinha como, depende muito do sol. (Opala, 39 anos)*

*Bom o que é ruim é assim [...] a palha alguma coisa dela se você não tiver cuidado você acaba adoecendo[...] O pó da palha adocece [...] Aqui já teve gente que adoeceu e morreu através do pó da palha...tem a questão da saúde [...] Tem o lado bom e tem essa questão da saúde.( Safira, 56 anos)*

*Assim quando está chovendo, eu tenho que ficar pegando palha para lá, pegando palha pra cá. Às vezes empretece às palha, molha aí tem que ficar*

*pegando é porque tem que secar, né? Ai só é bom quando tá sol pra secar, chuva atrapalha[...] Tem a dificuldade de buscar a palha porque a gente sempre buscou, nunca comprou sabe, mas eu gosto de ir buscar, eu gosto de ir pro mato pegar a palha, sempre gostei de trabalhar e tirar a palha. ( Ametista, 63 anos)*

*Tem os riscos né? A gente indo pro mato já passou muito aperto, muito risco sabe. Tinha dia que se machucava, ou que se sentia mal e ficava lá sem recurso, tinha os bichos também, a gente nunca sabe o que encontra. E a vassoura tem a questão do pó né, quem trabalha com vassoura fica com alergia a esse pó, aqui já teve um rapaz que morreu e foi devido a esse contato todo dia, faz muito mal para o pulmão e a gente sabe.( Esmeralda, 38 anos)*

*Olha, quando tá chovendo a gente não faz nada [...] Não perde o material porque se ficar preta a gente coloca por dentro, mas se tiver chovendo atrapalha. As vezes tenho alguma coisa pra fazer fora aí atrapalha, eu que resolvo tudo da casa porque meu marido trabalha fora. Ai aquele dia eu deixo e vou resolver outras coisas.(Turmalina, 33 anos)*

*Dificuldade a gente aqui não tem não, eu acho que não. (Água Marinha, 44 anos)*

*Nada. Pra mim nada atrapalha.( Alexandrita, 29 anos)*

Quando perguntadas se sentem ou já sentiram algum tipo de discriminação Esmeralda, Opala, Safira e Ametista contam algumas situações experimentadas direta e indiretamente que as levaram a terem a percepção da discriminação, sendo esta referente ao status de vassoureira,

*Assim, as pessoa não fala diretamente, mas a gente sente né? Não precisa xingar mas a gente sente no olhar, muitas vezes a gente oferece e a pessoa vira a cara e nem responde, ignora sabe? A gente sente uma discriminação né, como se não fosse trabalho digno sabe, e é trabalho sim ( Esmeralda, 38 anos)*

*Não, uma vez só que uma colega minha, não vou citar nomes né, mas aconteceu que um rapaz que também faz vassoura ele ficou doido por essa colega minha e ela olhou pra mim e falou que não ia namorar com ele porque ele faz vassoura. Falou pra mim que não queria nada porque ele faz vassoura, aí eu falei assim: mas vassoura é um trabalho, vassoura é um trabalho e hoje essa pessoa, realmente ela mora com uma pessoa que é pedreiro e tudo e a pessoa que ela falou que não queria porque trabalhava com vassoura fez sua vida... ela falou isso sobre ele comigo e esqueceu que eu também trabalhava com vassoura, discriminou ele e me discriminou junto né, colocou como um defeito nele eu senti isso. (Opala, 39 anos)*

*Não me discriminar, não [...]. Olha o povo fala de tudo, fala até de Deus... Muita gente já falou ah menina para de tá fazendo isso, para de ta lascando palha isso não é bom... Sempre tem quem vai falar né? [...] O povo tem esse negócio mesmo... Às vezes até na feira, você vai vender vassoura na feira, aí tem muita gente assim, bota defeito na vassoura de todo jeito vai discriminar[...] Se for olhar o trabalho que a vassoura dá e o quanto que o povo quer pagar você já entende o que é discriminar[...] Não dá valor né? (Safira, 56 anos).*

*Não, eu mesmo nunca senti, ninguém nunca me falou nada não [...] O povo acha assim né que não ganha muito dinheiro que não tem valor, mas nunca senti discriminada não. (Ametista, 63 anos)*

*Quem eu me lembro não... mas assim isso de falar que não é trabalho o povo falava muito aqui [...] Dos vassoureiros o povo gostava de falar [...] Uma vez eu estava no posto de saúde e uma mulher tava falando que quem fazia vassoura não dava nem pra pagar um aviso de luz ou de água, eu tava lá eu fiquei quieta só escutando né porque[...] eu mesmo nunca passei isso comigo sabe, trabalho a muito tempo, mas graças a Deus não vivi, sei que existe isso. Agora nem tanto, mas de primeiro era uma coisa assim né, fazer vassoura pro povo era coisa meio assim estranha, era meio ruim. (Água Marinha, 44 anos)*

No entanto, diferente desses relatos, Alexandrita, Agata e Turmalina dizem nunca terem vivenciado ou percebido situações de discriminação referentes a atividade que desenvolvem na confecção de vassouras. Vale lembrar, que discriminação é a fruto de uma visão de inferioridade construída pela sociedade em relação aos trabalhos manuais, artesanais e se enquadra em uma divisão social, sexual e racial do trabalho, nas quais diferentes funções tem sua valoração atribuída a diferentes quesitos que tendem a separar e manter a disparidade entre trabalhadores negros e brancos, homens e mulheres e classes sociais.

*Não, nunca teve, eu nunca vi. (Alexandrita, 29 anos)*

*Olha eu sei que existe esse olhar de rejeição, mas assim comigo eu nunca percebi comigo não [...] sempre foi normal, falo sempre normal. (Ágata, 29 anos)*

*Não nunca teve sabe, eu sempre falo onde chego eu falo que trabalho com vassoura [...] No dia que fui matricular meus meninos na escola mesmo a diretora me perguntou e eu falei que trabalho com vassoura, sempre falo. (Turmalina, 33 anos)*

Às colaboradoras foram questionadas quanto ao caráter da atividade de confecção de vassouras e nos respondem que,

*Considero trabalho, eu acho que sim [...] é trabalho. (Agata, 29 anos)*

*Considero um trabalho sim, muito importante pra mim. (Água Marinha, 44 anos)*

*É um trabalho sim, todo trabalho tem sua dificuldade, não é trabalho como os outros que diz ser formal e a gente tem nossos direitos sabe, isso falta ainda, mas na questão de viver e sobreviver é trabalho sim porque é daqui que nós tira o sustento da família e vai vivendo. (Opala, 39 anos)*

*É trabalho [...] como qualquer outro trabalho [...] é importante porque se você precisa das coisas, que nem agora mesmo que eu to lascando palha pra esse rapaz, às vezes falta um açúcar falta um café o dinheiro da palha já*

*serve...o dinheiro da palha já serve, se não tiver esse dinheiro ai fica mais difícil. ( Safira, 56 anos)*

*Pra mim é um trabalho e é importante, eu gosto de fazer sabe. (Ametista, 63 anos)*

*É trabalho, não tenho dúvidas que é o meu trabalho. Um trabalho importante e digno pra mim. (Esmeralda, 38 anos)*

*Sim, é um trabalho, é importante sabe, eu acho assim que o povo precisa dá mais valor, um valor a mais, porque às vezes a gente vai vender a 5 reais e o povo quer pagar 4 ou 3 reais e não quer dar valor, porque pra muitos não enxerga não o trabalho que a gente tem para fazer. Precisa mais ser valorizado. (Turmalina, 33 anos)*

*É trabalho né? Normal como qualquer outro, importante na minha vida. (Alexandrita, 29 anos)*

Todas as mulheres vassoureiras, colaboradoras dessa pesquisa, demonstram em suas falas que consideram a atividade de confecção de vassouras uma atividade de trabalho, mesmo tendo elas apontando as dificuldades que enfrentam cotidianamente em seu desenvolvimento.

Por se tratar de uma atividade artesanal, desenvolvida em sua maioria no âmbito doméstico e distribuída as funções entre os membros da família, sem garantias de direitos e reservas destinadas a ela, essa atividade localiza-se no que a sociedade considera como trabalho informal.

#### 4.3 IDENTIDADES ÉTNICAS

A construção da identidade é individual e única, no entanto essa construção perpassa o campo das relações sociais e é diretamente influenciada por este. Sendo assim constituída através de um jogo de relações no qual as similaridades, contrastes e diferenças são apresentadas aos sujeitos de maneiras objetivas e subjetivas, fazendo com que estes se relacionem com os seus pares e se distancie daqueles que consideram diferentes. Para Hall (2004),

*A identidade surge não tanto da plenitude de identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas, através das quais nós imaginamos ser vistos por outros ( 2004, p. 38 - 39).*

Nesse jogo relacional os sujeitos se definem e se diferenciam através da identidade, sendo reveladas às relações de poder a diversidade dos sujeitos e às interações destes com o meio. De acordo com Hall (2016), a identidade, nessa

concepção, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público.

A identidade se apresenta então, segundo Hall (2016), enquanto uma “costura” que estabiliza os sujeitos dentro da estrutura social. Assim os sujeitos se projetam e internalizam os significados e valores sociais e os tornam parte de si.

Nessa perspectiva, relacional e dialética, a identidade étnica se define por meio das reivindicações identitárias que se definem simultaneamente por aquilo que os sujeitos reivindicam subjetivamente e por tudo aquilo que lhe é socialmente atribuído, partindo das diferenças e adentrando nas identificações possíveis.

Considerando os aspectos objetivo e subjetivo, a identidade étnica, numa acepção lata, representa um produto dos processos sociais ao nível das estruturas, dos mecanismos institucionais e das próprias interações sociais entre os indivíduos no seio de cada etnia e na relação de cada uma com os demais (SILVA, 2014, p.26).

Assim, as identidades étnicas se constituem e reconstituem na dinâmica relacional dos sujeitos com os processos sociais que vivenciam e diante das possibilidades definidas pelas estruturas que os rodeiam através de seus mecanismos institucionais.

Para as mulheres vassoureiras, que constituem a amostragem dessa pesquisa, as identidades étnicas se configuram a partir de um sentimento de pertencimento e de reconhecimento objetivo e subjetivo, nem sempre consciente, através daquilo que elas enxergam e se identificam. Quando questionadas sobre como se reconhecem etnicamente, elas nos contam que,

*Eu acho que eu sou morena, eu me vejo assim morena mesmo [...] não sei bem dizer, mas é morena mesmo. é coisa difícil de saber, dizer... a gente se vê assim morena né, tem morena né? (Ametista, 63 anos)*

*Eu sou morena, me enxergo e me entendo morena né? [...] Assim que me vejo, morena mesmo. É tão difícil dizer isso, porque a gente não entende né, eu mesma não entendo bem, mas sou morena, isso que eu sou, tenho certeza. (Esmeralda, 38 anos)*

*Olha isso é um pouco confuso, mas rapaz eu me considero morena, eu acho que sou morena mesmo. Uma vida toda pra entender e a gente não sabe direito né, mas eu acredito que sou morena mesmo. (Opala, 39 anos)*

*Morena, eu não sei bem de cor, mas me fala que eu sou morena, entendo assim mesmo, morena né. (Alexandrita, 29 anos).*

Diante das respostas de Ametista, Esmeralda, Opala e Alexandrita podemos perceber o quanto a cor, enquanto signo de referência e marcador social se destaca na concepção da identidade étnica dessas mulheres, a construção das identidades é tanto simbólica quanto social.

A percepção de sua cor como marcador social, se dá em sua maioria a partir da negação, da diferenciação, diante disso Silva (2014) explica que a identidade depende da diferença, esta depende da identidade, sendo estas marcadas pela indeterminação e instabilidade.

A identidade é construção, é efeito, é um processo de produção, é relação, é um ato performativo, é instável, contraditória, fragmentada, inacabada, inconsistente e está ligada a estruturas discursivas e narrativas dentro dos sistemas de representações e tem estreita conexão com às relações de poder (SILVA, 2014, p.96)

Assim, a identidade e diferença possuem uma relação de estrita dependência, uma constituindo a outra na diferenciação e tanto a identidade quanto a diferença necessitam ser ativamente produzidas e reproduzidas socialmente, por meio principalmente da linguagem. A identidade pessoal corresponde também às expectativas de seu grupo seguindo a uma normalidade preestabelecida.

A identidade étnica, dentro dessa perspectiva, é marcada pela diferença e sobrevive a partir dos signos e dos significados e significações atribuídas a estes. De acordo com Cunha (1986), a etnicidade só se aflora, só é mobilizada, em circunstâncias históricas específicas, ou seja, certos contextos sociais e políticos.

Neste sentido a linguagem e a maneira como a cor é definida a partir dos signos da linguagem, aparece como vetor de força que marca a constituição das identidades. A manipulação das palavras utilizadas tais como: morena, queimada e parda fazem parte do jogo relacional que produz as identidades e que está sujeito aos vetores de forças e às relações de poder.

Balibar (2002, p.114) evidencia que toda identidade corresponde a um sentimento de uma comunicação. A língua como um sistema social preexiste a nós e às relações de comunicação são sempre relações de poder, os significados são embutidos na própria língua através de uma extensa gama de significações sociais. Em consonância Silva (2014) diz que,

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma

construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade ela é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (2009, p.99).

A diferença é produzida nas relações, assim a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas, onde há diferenciação existe poder. De acordo com Barth,

A cultura está em um contínuo fluxo estruturado e expresso nas interações sociais entre os agentes, o que gera processos de transformação e variação cultural dentro de todos os grupos. (2011, p.17)

É por meio da cultura que a diferença se estabelece e se reproduz, sendo esta sempre sujeita a transformações, a cultura age sobre os sujeitos através de diversos mecanismos, e os sujeitos agem sobre a cultura resignificando os significados e às significações que lhes são apresentados, produzindo e reproduzindo novos signos sociais.

Ainda em consonância, Barth(2011, p. 22) elucida que a cultura está sempre em fluxo e em mudança, mas também sujeita às formas de controle. Os humanos são seres individuais envolvidos na cultura, como um fluxo em um campo de variação contínua que age sobre os sujeitos e esses sobre ela. Resulta assim, em diferentes processos de lembranças, silenciamentos e apagamentos na constituição da identidade de cada sujeito.

É no contexto da cultura e história que as identidades étnicas vão se definindo por intermédio do diálogo no e com o mundo em que são formadas. Conforme Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 124) “a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento”, é por meio das diferenças culturais e do contato com o outro que ela se evidencia.

Sendo assim, é analisada como algo em movimento, que se estrutura e se modifica com as relações culturais, possuindo um sentido dialético, bem como os sujeitos que ela define, trata-se, então, de uma estrutura em movimento que sempre se constrói e se modifica nas relações.

Observamos agora às falas de Turmalina e Ágata:

*Rapaz eu acho que eu sou parda... é sei lá, parda é o que? Morena? Sei lá, branca é branca, eu não sou branca não [...] Parda é puxada pro branco né, não, coloca morena, coloca negra é melhor. (Turmalina, 33 anos)*

*Acho que é parda. Eu nunca parei pra pensar, todo mundo fala pardo né, não sei bem o que é, mas acho que eu sou parda mesmo. Nem branca, nem negra, parda mesmo. (Agata, 29 anos)*

A dúvida em relação a definição de uma cor ou etnia representada nas respostas de Turmalina e Ágata diante de uma espécie de negação do ser branca ou negra constitui no pardo um lugar de atravessamento, uma tida como cor mista que ocupa uma posição de meio termo, socialmente mais aceito e visibilizado, o pardo marca a passagem de um extremo ao outro como uma tentativa de borrar as fronteiras.

Para Bhabha (2007, p. 20), “esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação”. O pardo marca a passagem de um oposto ao outro e ao mesmo tempo borra qualquer noção de fronteira. Traz a tona a ideia de mestiçagem e coloca as fronteiras em lugares indefinidos.

De acordo com Weschenfelder e Silva,

*A mestiçagem, mais do que um fenômeno atinente a misturas raciais, remete-nos para uma alargada meada discursiva que instituiu uma forma de perceber e organizar o mundo social brasileiro. É preciso entender a mestiçagem como uma racionalidade, uma potência, um fenômeno que podemos historicizar e compreender os seus efeitos. É a mestiçagem que organiza o mundo étnico-racial do país, com desdobramentos decisivos na maneira como a sociedade se institucionaliza. (2018, p. 314)*

Dessa maneira, é necessário compreender a mestiçagem como um modo organizacional e como um dispositivo de poder pensado como meio de operacionalizar a construção de sentido o que se entende por raças. Ainda nas palavras de Weschenfelder e Silva (2018, p. 314), a “invenção” da raça do ponto de vista moderno é contemporânea à “invenção” do Estado-nação.

Estas são, na realidade, construções imbricadas, ou seja, produções sociais estratégicas criadas pelos mecanismos de poder. Água marinha e Safira nos apresentam uma nova percepção também marcadas pela diferenciação e pela busca de semelhanças:

*Negra, sim. Eu acho que é negra.  
Sou queimada, então eu sou morena né? Rsrs [...] (Água Marinha, 44 anos)*



*Eu me vejo negra, porque a minha avó ela era bem negra mesmo, minha avó era bem pretinha [...] e ela tinha orgulho da cor dela e a mesma coisa é eu, eu tenho orgulho da minha cor. Eu sempre lembro dela na minha cor, eu tenho a mesma cor dela, eu sou negra. (Safira, 56 anos)*

Assim, no processo de constituição identitária o sujeito utiliza de valores, ferramentas intelectuais e recursos que são fornecidos pelas gerações anteriores, através da memória, para viver o presente. Conforme Hall (2014), ao mesmo tempo que se projeta a si mesmo, internaliza significados, valores e concepções estabelecidos culturalmente, torna-se parte do sujeito em uma relação dialógica que estabiliza nos modos culturais que habitam.

A identidade constrói-se em situações específicas por meio de representações culturais, pois é entendida como um “ modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2014, p. 50). Ou seja, as identidades culturais provêm de alguma parte e, portanto, possuem histórias e estão diretamente relacionadas às trajetórias e contextos de vida de cada sujeito.

Dessa maneira, portanto, é formada a partir de conexões entre padrões culturais que demandam ser correspondidos e as interações dos sujeitos com seus contextos, e está intrinsecamente atrelado a sua estrutura social que reflete em suas identificações.

Hall (2016, p.323) aponta que, não há identidade que esteja fora da relação dialógica com o Outro. O Outro não está fora, mas também dentro do Eu, da identidade. Portanto, a identidade é um processo intrínseco de Eu e o Outro. Todo esse movimento de produção das identidades vai além da maneira como vemos o outro e alcança o contraste quanto refletimos como nos enxergamos em relação ao outro, estabelecendo identidades e diferenças.

*A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2014, p.76)*

Portanto, as formas como se vivencia e elabora as experiências dentro e fora dos contextos faz parte de um movimento constante que corrobora na construção das identidades.

As experiências vivenciadas pelas mulheres vassoureiras, refletidas nas falas de *Água Marinha* e *Safira*, que passam a perceberem-se como negras a partir de um contraste particular vivenciado é uma espécie de alcance da subjetivação que ocorre por meio de um processo, nem sempre consciente e uniforme, por intermédio do vivenciamento de diversas experiências que por vezes são de negligências, dores e silenciamentos.

Conforme Munanga (2022, p. 43), “aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psicologicamente”. Essa aceitação, no entanto, é parte de um processo de reconhecimento e pertencimento sobre si e sobre os outros, nem sempre consciente e quase sempre não linear. No entanto, perceber-se e reconhecer-se enquanto mulher negra dentro da sociedade ainda é um processo doloroso.

Diante das falas expostas às identidades étnicas das mulheres vassoureiras configuram-se a partir de uma relação intrínseca com sua atribuição em relação à nomenclatura de sua cor e seu reconhecimento. Às identidades étnicas apresentam-se como construções pessoais e sociais movidas por mudanças, reconstruções, encontros e também desencontros.

Às marcas entre aquilo que as diferenciam ficam bem visíveis em suas falas, bem como a inconsistência em relação a suas auto definições de cor, e uma confusão em relação ao que elas se identificam. De acordo com Poutignat e Fenart (2011, p.124), “a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é por meio das diferenças culturais e do contato com o outro que ela se evidencia.” Ou seja, é através do contato com os outros e das diferenças culturais encontradas que a etnicidade se evidencia e se acentua.

Neste contexto, as identidades étnicas a partir da oposição, do contraste, da negação de alguns traços que identificam o outro e que por sua vez reafirmam essa identidade. Os traços que se apresentam, mais visíveis e gritados pelos grupos são traços culturais que podem ser ressignificados ou esquecidos a partir de um contexto.

Esses traços seriam do particular e do geral social, estariam num jogo de relações opostas, mas que se complementarizam entre si. Dessa maneira, a identidade étnica emerge como um meio de diferenciação em relação a algum indivíduo ou grupo que se confrontam e se afirmam negando ou aceitando a outra identidade visualizada.

## TESSITURAS FINAIS

O estudo dos processos que envolvem a constituição das identidades étnicas das mulheres vassouzeiras do km 4, em Jequié-BA, mostra-se amplo e complexo. A oportunidade de desenvolver uma pesquisa de campo que proporcionasse um contato direto com essas mulheres e suas histórias de vida mostrou-se pertinente à medida que permitiu observar as particularidades que envolvem esses contextos e a relevância de suas trajetórias para toda a sociedade.

Os processos identitários vivenciados pelas mulheres ao longo dos séculos demonstram que suas identidades se constituem em cenário de complexidades e que diferentes fatores sociais, históricos, culturais, políticos e econômicos atuam diretamente nesse processo. Refletir sobre a constituição das identidades étnicas das colaboradoras através dos enunciados de suas narrativas foi um desafio para entender melhor quem são e como essas mulheres se constituem nesse cenário multifacetado.

No decorrer deste estudo busca-se evidenciar quais os processos atuam diretamente na constituição da identidade étnica das mulheres vassouzeiras do km 04 em Jequié-BA e suas relações de trabalho. Refletindo sobre a condição da mulher na sociedade, seus processos de constituição identitária, suas relações de trabalho e seus contextos de vida.

Apesar da identidade ser individual e única, não deve ser pensada como fixa e imutável, mas como um jogo relacional, no qual aparecem ao mesmo tempo as relações de poder, a diversidade dos sujeitos, as interações sociais deste com o meio, as distinções de classe e etnia e as desigualdades sociais. Nesse jogo relacional, constrói-se identidades na relação com o outro, nestes contatos com o meio social os sujeitos elaboram suas subjetividades envoltos pela cultura.

Diante desta multiplicidade de fatores, entende-se que a constituição da identidade da mulher perpassa o campo das relações sociais, culturais e históricas e é diretamente influenciada por estes, é composta pelo sujeito e das suas interações

com seu contexto social, assim entende-se que sua formação e conservação integra também os interesses condicionados pelas estruturas dominantes.

As mulheres lidam cotidianamente com padrões e representações, acerca de como devem ser, agir e se comportar no mundo, a partir do que é culturalmente aceito e naturalizado pela sociedade e direcionado aos seus corpos e assim constituem suas identidades em um processo complexo a partir das suas identificações, representações e significações.

Nesse sistema de produção e transmissão de saberes e valores encontramos marcadores que atuam diretamente, tais como a família, a escola, a igreja e as formas de trabalho, influenciando assim as formas como as relações se estruturam e atribuindo diferentes funções e representações a homens e mulheres ao longo do tempo.

Sem dúvidas é na família que o processo de constituição das identidades recebe as primeiras intervenções culturais, pois é nela que se constroem diversos tipos de relações, de padrões, de comportamentos e de condicionamentos culturais e sociais. O modelo familiar estabelecido, em sua maioria, em nossa sociedade, concebe a identidade do homem como sujeito central e a mulher é atribuída uma espécie de secundarização que se exprime em todos os âmbitos da vida privada.

Dessa maneira, podemos refletir que o espaço doméstico é tido como naturalmente um espaço da mulher, sendo quaisquer atividades desenvolvidas ali consideradas inferiores e subvalorizadas. Através da cultura esses ditos espaços da mulher foram sendo naturalizados e reforçados ao longo do tempo.

A essa posição de inferioridade construída no ambiente doméstico e reforçada dentro das famílias, reflete-se sua posição no mercado de trabalho. As ditas funções femininas, atribuídas às mulheres desde seu nascimento são mecanismos que atuam para reforçar esse sistema as identidades de homens e mulheres são construídas no contexto social, assim revela-se a importância de compreensão dos contextos em que os sujeitos estão inseridos.

Nas narrativas das colaboradoras encontramos diferentes vivências e concepções de família, dores, conflitos, reconstruções, ressignificações e novas estruturas formadas a partir de suas experiências particulares. Suas histórias de vida e famílias são marcadas por infâncias interrompidas, pela necessidade do trabalho, pelo abandono e por diferentes modos de sobrevivência diante das dificuldades do caminho.

Sobre suas relações de trabalho é possível identificar como este se apresenta em suas vidas e trajetórias de maneira singular desde muito cedo. As histórias de vida das colaboradoras dessa pesquisa se entrelaçam diretamente às suas histórias de trabalho com a vassoura de palha. De diferentes maneiras e por diferentes motivos, que remetem sempre a necessidade de gerar e manter a renda de suas famílias, a atividade de confecção de vassouras revela-se como sempre presente em suas vidas e dentro de suas famílias.

Dessa maneira, entende-se que o processo de constituição da identidade das mulheres se estrutura em um cenário de tensões e embates, que se ressignifica e se transforma ao longo do tempo, mas que sempre atribui a ela uma espécie de subvalorização, reforçando os estereótipos de fragilidade, inutilidade e, por vezes, invisibilidade, atendendo aos desígnios de dominação estabelecidos histórico, sócio e culturalmente.

Pensando no contexto das mulheres vassoureiras do km 04 em Jequié, BA, pode-se verificar que essa possibilidade se correlaciona diretamente com sua classe social e suas relações de trabalho. Inseridas em um sistema de forte estratificação econômica e social, as mulheres vassoureiras nem sempre possuem a possibilidade de efetivar essa manipulação.

Em um sentido amplo e dialético, a identidade étnica precisa ser compreendida como um eixo em constante construção e transformação, tendo alguns elementos como base constitutiva. Sendo assim, deve ser considerada como algo em movimento, que se estrutura e se modifica com as relações culturais. É no contexto do movimento das culturas e da história que as identidades étnicas vão se definindo, é no diálogo com o mundo que essa identidade é formada.

Assim, quando há interação entre diferentes culturas, a identidade étnica se determina. A construção da identidade étnica é extremamente dinâmica e flexível. Dessa maneira, a identidade étnica pode ser entendida como uma forma de estabelecer os limites entre os grupos, quanto um modo de fortalecer os laços entre os indivíduos que interagem um determinado grupo. Ou seja, os sujeitos podem escolher manipular ou não suas identidades a depender do contexto e do momento histórico específico.

Isto é, essa definição da identidade étnica perpassa aquilo que o sujeito atribui para si, suas características e escolhas e aquilo que o seu contexto de vida lhe atribui, sendo essa atribuição objetiva e subjetiva, por meio de definições e

introjeções de conceitos sociais. No entanto essa escolha não se apresenta de maneira igual em todos os contextos, e a depender das classes sociais esse realce sofre diferentes implicações

A representação da mulher é construída sócio e culturalmente através de mecanismos que atuam em sua vida desde seu nascimento. As relações de gênero, classe e etnia são fatores estruturantes e determinantes da sociedade estando presentes em todas as esferas da vida social.

As relações de trabalho exprimem a ótica da sociedade sobre a mulher ainda nos dias atuais, posições secundarizadas e ou subalternizadas, trabalhos inferiorizados e por vezes invisibilizados, são destinados às mulheres. Esse processo é reforçado pela cultura por meio da ideologia dominante que atribui a homens e mulheres papéis e funções ao longo dos séculos.

A partir dos discursos reveladores de suas trajetórias foi possível ampliar a compreensão de determinados aspectos da problemática que estavam camuflados até então. O processo de constituição da identidade étnica das mulheres sofre diversos impactos culturais e sociais.

De tal modo, podemos entender que as identidades étnicas das mulheres vassouzeiras do km 04 se constituem em um jogo relacional que traz como ênfase os seus contextos de vida, suas particularidades e as suas interações sociais.

Especificamente no contexto das vassouzeiras da comunidade do km 04, a atividade de confecção de vassouras, revela-se como muito mais do que uma atividade comercial, sendo uma alternativa na busca de produção de renda, mas também um meio de subsistir, de resistir e de garantir a existência e continuidade de suas famílias. Contando histórias de vidas que trazem marcadamente suas lutas pela sobrevivência e suas formas de resistência.

Às identidades étnicas das mulheres vassouzeiras do bairro km 04 em Jequié-BA se constituem e reconstituem na intersecção entre suas relações familiares, de trabalho, seus contextos e realidades sociais, suas crenças e suas escolhas de vida, demonstrando serem importantes elos constitutivos de outras identidades em curso, bem como revelando às relações étnicas presentes e eminentes naquela comunidade.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, CARLA. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ARAÚJO, E. P. **A nova História de Jequié**. Salvador: GSH, 1997.
- ARRUTI, José Maurício. Etnicidade. in **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. org. Livio Sansone e Cláudio Alves Furtado. Salvador: EDUFBA, 2014. 494 p.
- AZEREDO, Verônica Gonçalves. **Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres**. Artigos • Serv. Soc. Soc. (103) • Set 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282010000300009> Acesso em: 10 jul. 2021
- BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, Nação, Classe: as identidades ambíguas**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BARBOSA, Claudia de F.; PIRES, Edmeire. O. **Feminismos negros e decolonialidade**. Revista ODEERE, vol. 6, no. 1, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/8468/5914> Acesso em: out. de 2021.
- BARTH, FREDRIK. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In **Teorias da Etnicidade Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. POUTIGNAT, Philippe. FENART, Jocelyne Streiff. Trad. Elcio Fernandes. 2º ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 42-62
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. RJ: Bertrand Brasil, 1999.
- BORGES, Carolina de Campos. **Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 18, n. 1, p. 71-81, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/9n7Jq6DBZsVsNMfg7SGqhBS/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 05 jun. 2021
- BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. **Instruídas e trabalhadeiras trabalho feminino no final do século XX**. *Cadernos Pagu* (17-18), 157–196. disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644559> Acesso em 02 mar. 2022.

BRASIL. Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Conselho Nacional de Saúde, Brasília. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> Acesso em: 05 jan. 2022.

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silviane. **Identidade feminina: um conceito complexo**. Paidéia. Ribeirão Preto, 14 (28). Ago. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200010> Acesso em: 05 jun. 2021

CARNEIRO, Sueli. Mulher Negra. **Escritos de uma vida**. São Paulo. Jandaíra, 2020.

CHIES, Paula Viviane. **Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho**. Revista de Estudos Feministas, v. 18 n. 2, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200013> Acesso em 04 jul. 2021

CONNELL. Robert W; W. MESSERSCHMIDT. James W. **Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650> Acesso em: 07 set. 2021.

COUTINHO, M. C. **Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 12(2), 189-202. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v12i2p189-202> acesso em: 2 maio 2022

CUNHA. Manuela Carneiro da. **Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível**. Antropologia do Brasil Brasiliense, São Paulo, 1987.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Identidade Étnica**. In: Antropologia do Brasil – Mito, História e Etnicidade. São Paulo: Edusp/Brasiliense, 1986.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. Estudos Feministas, Ano 10, 1º Semestre de 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 2000.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas, 2008.

DUPONT, Shirley Lori. **O espaço das mulheres: a exploração e precarização na nova divisão sexual do trabalho**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Congresso Internacional Humanidades nas Fronteiras, 2017. Foz do Iguaçu, Paraná. Brasil. Disponível em: [https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3577/Artigos%20Humanidades\\_%20563-575.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3577/Artigos%20Humanidades_%20563-575.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 26 jun. 2021



FARIAS, G. A. A. M. et al. – **Rentabilidade da produção de vassouras de sorgo-vassoura**. Pesquisa Agropecuária Tropical, 30(1): 97-102, jan./jun. 2000 – 101 disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/277862149\\_RENTABILIDADE\\_DA\\_PRODUCAO\\_DE\\_VASSOURAS\\_DE\\_SORGO-VASSOURA\\_Sorghum\\_bicolor\\_L\\_MOENCH](https://www.researchgate.net/publication/277862149_RENTABILIDADE_DA_PRODUCAO_DE_VASSOURAS_DE_SORGO-VASSOURA_Sorghum_bicolor_L_MOENCH) acesso em 25 mai. 2022.

FAVARO, Carla Sabrina. **Entre o prover, o trabalhar e o cuidar: a participação das mulheres unidas no provimento doméstico e seus reflexos na organização familiar**. 2013. 208 p. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em:

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280306> Acesso em: 10 jul. 2021

FLORES, A.; LIMA, D. **Fibras vegetais utilizadas no artesanato comercializado em Boa Vista, Roraima**. Boletim do Museu Integrado de Roraima (Online), Brasil, v. 7, n. 01, p. 35–39, 2020. DOI: 10.24979/bolmirr.v7i01.751. Disponível em: <https://testes.periodicos.uerr.edu.br/index.php/bolmirr/article/view/751> Acesso em: 07 jul. 2021.

FOLTRAN, D. E.; TAVARES, S. (2017). **Influência da origem da semente, espaçamento e época de plantio na produção e qualidade da palha de sorgo-vassoura**. Agropecuária Catarinense, 29(3), 42-44. Disponível em:

<https://publicacoes.epagri.sc.gov.br/RAC/article/view/146> Acesso em 07 jul. 2021.

GOICOECHEA, Eugenia Ramirez. **Etnicidad, Identidad, Interculturalidad: teorías, conceptos y procesos de la relacionalidad grupal humana**. Madrid, Editorial Universitaria Ramon Areces, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244 disponível em: <https://patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/GONZAL1.pdf> Acesso em 5 mar. 2022.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª Edição. Cidade: DP & A, 2004.

HALL, Stuart; CERNICCHIARO, Ana Carolina (Trad.). **Etnicidade: Identidade e Diferença**. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v. 11, n.2, p. 317-372, jul./dez., 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v.37, n. 132, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 8 out. 2021.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOMEM é assassinado no km 4, em Jequié. **Mídia da Bahia**. Mutuípe, 12 de julho de 2021. Disponível em: <https://midiabahia.com.br/homem-e-assassinato-no-km-4-em-jequie/> Acesso em: 14 de nov. 2022.

IDENTIFICADO jovem morto a tiros no bairro Km 4, em Jequié. **Blog Junior Mascote**. Jequié, 12 de Julho de 2022. Disponível em: <https://www.juniormascote.com.br/noticias/identificado-jovem-morto-a-tiros-no-bairro-km-4-em-jequic/> Acesso em 09 de nov. 2022

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LODI, Odete. **A mulher e as relações de trabalho**. Ciências Sociais em Perspectiva (5) 9. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/rcsp.v5i9.1427> Acesso em: 26 jun. 2021

LÜDKE, M.; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Etnicidade e identidade étnica in. Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN 978-85-7983-008-2. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kkf5v/pdf/luvizotto-9788579830082-04.pdf> Acesso em: out. 2021.

MEIHY, José Carlos S. Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MENDES, Mary Alves. **Mulheres Chefes de Família: a complexidade e ambigüidade da questão**. Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. 2002. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1131> acesso em Jun. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cadernos Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul./set, 1993.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009.

MOURA, TAINÁ NARÔ DA SILVA DE. **Gênero e relações étnico-raciais no mercado de trabalho**: aparência da mulher negra na organização. Monografia Bacharelado em Comunicação Organizacional. Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7447> Acesso em 16 jun. 2021.

MONTEIRO, Edemar Souza. **Construção da identidade no contexto sociocultural dos Sujeitos**. Revista Fórum de Entidades. Itabaiana: Gepiadde, Ano 5, Volume 10. jul-dez de 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1915> Acesso em: 06 jun. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Cadernos Penesb, Niterói, n. 12, p. 169-203, 2010. Disponível em [https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria\\_social\\_relacoes\\_sociais\\_brasil\\_contemporaneo.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf) Acesso em 3 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Negritude: usos e sentidos**. 3.<sup>a</sup> ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2015.

NOREMBERG, Alessandra; ANTONELLO, Isabelle Pinto. **Mulher: uma abordagem sobre a etnia feminina no brasil**. III Colóquio de Ética Filosofia Política e Direito. Universidade de Santa Cruz do Sul. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/efpd/article/view/14999/3621> Acesso em: 16 jun. 2021

Nº DE HOMICÍDIOS cresce 53% em Jequié, no sudoeste da Bahia. **Globo.com**. Salvador, 14 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/12/14/no-de-homicidios-cresce-53percent-em-jequie-no-sudoeste-da-bahia.ghtml> acesso em 19 de dez. 2022

OMS. Organização Mundial de Saude e OPAS. Organização pôs-americana de saúde. **Orientações COVID-19**. Disponível em: <https://www.who.int/pt/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019> acesso em 28 de dez 2022

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 1998. **O Trabalho do Antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp.

PEREIRA, Lília Campos; RAMALHO, Viviane. **A construção da identidade da mulher negra no Brasil**. Revista Comunicação e Humanidade. (2), 34-39, 2012. Disponível em: <http://revistas.umce.cl/index.php/Comunicaciones/article/view/653/632> acesso em 26 jun. 2021.

PERROT, Michelle. **As mulheres, o poder, a história**. In: Perrot, Michelle. *Os excluídos da história*. 3º ed. 1988 (Trad. Denise Bottmann. Les femmes, le pouvoir, l'histoire. In Perrot, Michelle (org.). Rio de Janeiro: paz e terra, 2001.

PETRINI, J.C.; ALCÂNTARA, M.A.R. & MOREIRA, L.V.C. **Família na contemporaneidade**: uma análise conceitual. 2009.

PINTO, Rosa Maria Ferreiro. **Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social.** Comunicação de Pesquisa, Serv. Soc. Soc. (105). Mar, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000100010> Acesso em 10 jul. 2021.

POPINIGS, Fabiane. **Relações de gênero e etnicidade no mercado do trabalho.** Afro-Ásia, n 58. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/aa.v0i58.27956> Acesso em: 04 jul. 2021.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2011.

ROSEMBERG, F. **Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/PRcJxQzSFvnScngFpmcgKGR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 5 out. 2020.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ROWBOTHAM, Sheila. **A conscientização da mulher no mundo do homem.** Porto Alegre: Globo, 1983.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes:** Mito e Realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. **O Poder do Macho.** São Paulo: Moderna, 1986.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANGLETI, Rodrigo R.; LEONELLO, João Carlos; RODRIGUES, Larissa C. **Verticalização da produção:** estudo de caso da produção de vassouras no assentamento roncadour de quinta do sol – PR. Anais do IX EEPA - Encontro de Engenharia de Produção Agroindustrial, 2015. Disponível em: [http://www.fecilcam.br/anais/ix\\_eeпа/data/uploads/7-engenharia-economica/7-02.pdf](http://www.fecilcam.br/anais/ix_eeпа/data/uploads/7-engenharia-economica/7-02.pdf) acesso em 10 jul. 2021

SANTOS, Luís Carlos Borges dos. **A mulher no mundo do trabalho:** uma análise histórica acerca dos paradigmas culturais na sociedade patriarcal. Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar, 2011. Matinhos, Paraná, Brasil. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/diver.v4i1.34147> Acesso em 26 jun. 2021

SARTI, Cyntia Andersen. **A família como espelho:** um estudo sobre a moral dos pobres, 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **A família como ordem moral.** São Paulo, cad pesqui, n. 91, 1994.

\_\_\_\_\_. **A família como ordem simbólica.** Psicologia, USP, 2004, 15(3) 11-28.

SCOTT, Joan. **Usos e abusos do gênero**. Trad. Soares, Ana Carolina E. C. Revista Puc. n. 45, p.327-251. São Paulo, 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018/11212> Acesso em: 18 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Trad. Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott-Gender: a useful category of historical analyses. Gender and politics of history. New York, Columbia University Press, 1989.

SILVA, Thálita Cavalcanti Menezes da; AMAZONAS Maria Cristina Lopes de Almeida; VIEIRA Luciana Leila Fontes. **Família, trabalho, identidades de gênero**. Psicol. Estudo. 15 (1). Mar, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/KyyxdNYcZgpDsXCqRqcq3Wq/?lang=pt#> Acesso em 27 jun. 2021

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

SINGLY, de François. **Uns com os outros: Quando o individualismo cria laços**. Tradução: Magda Bigotte Figueredo. Coleção: Epistemologia e Sociedade, sob a direção de António Oliveira Cruz. Lisboa: Stória Editores, 2003.

SOUTO, Ana Carla Gonçalves. **Das folhas às vassouras: o extrativismo do catolé (Syagrus cearensis Noblick) pela população tradicional de Monte Alegre, Pernambuco, Brasil**. ATTENA, Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12342> Acesso em 16 jun. 2021

VIEIRA, Josenia Antunes. **A identidade da mulher na modernidade**. Delta Especial, 21. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012> Acesso em: 05 jun. 2021.

VIOLENCIA em Jequié: cidade registra 4 homicídios neste final de semana. Blog do EDYY. Jequié, 13 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.blogdoedyy.com.br/violencia-em-jequie-cidade-registra-4-homicidios-neste-final-de-semana/> Acesso em: 29 de nov. 2022.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WESCHENFELDER, Viviane Ines. Silva, Mozart Linhares da. **A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo**. *Análise Social*, 227, liii (2.º), pp. 308-330, 2018. Disponível em: <https://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n227a03.pdf> acesso em dez. 2022

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5ªed. Porto Alegre: Bookman, 2014.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resolução nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubricue as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

#### 1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. **PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Isis Assis Chabi

1.2. **ORIENTADOR/ORIENTANDO:** Profa.ª Doutora Maria de Fátima Araújo Di Gregório

#### 2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

##### 2.1. TÍTULO DA PESQUISA

MULHERES VASSOUREIRAS DO KM 04 EM JEQUIÉ-BA: IDENTIDADES ÉTNICAS ENTRE FAMÍLIA E TRABALHO.

##### 2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

Essa pesquisa busca analisar os processos sociais que envolvem a constituição das identidades étnicas das mulheres vassoureiras do km 04 em Jequié-BA refletindo suas vivências e trajetórias nas relações familiares e de trabalho.

##### 2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

**OBJETIVO GERAL:** Analisar de que maneira as identidades étnicas das mulheres vassoureiras do km 04 em Jequié-BA vem sendo construídas entre as relações familiares e de trabalho.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** compreender a história das mulheres e suas relações de trabalho entre o espaço público e privado;

Identificar na comunidade do km 04 o espaço feminino na produção de vassouras;

Analisar como se constituem as identidades étnicas no trabalho e contexto das vassoureiras

#### 3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

##### 3.1 O QUE SERÁ FEITO:

Instrumentos para coleta de dados a observação participante utilizando a entrevista semi-estruturada

##### 3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

Na casa das vassoureiras que aceitaram participar da pesquisa.

##### 3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

1h cada sessão a critério da entrevistada.

#### 4. Há ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo leve.

#### **4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É:** (detalhamento dos riscos)

Desconforto durante as observações ou constrangimento em participar de entrevista (pela ocorrência de perguntas que toquem aspectos de foro privado ou ensejem memórias/sensações desagradáveis).

#### **4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE:** (meios de evitar/minimizar os riscos):

As entrevistas serão lacradas em envelopes ainda sob as vistas do participante, haverá download e retirada do arquivo de gravação da entrevista do armazenamento em nuvens.

### **5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM?** (Benefícios da pesquisa)

#### **5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS** (aos participantes da pesquisa):

Contribuir para valorização e o conhecimento das identidades étnicas das mulheres vassouzeiras do km04 e com a valorização da cultura de produção de vassouras.

#### **5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS** (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Saber sobre as identidades étnicas das mulheres vassouzeiras e suas contribuições para a comunidade.

### **6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER** (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se acabamos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: O pesquisador responsável precisará ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.

6.9. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

### **7. CONTATOS IMPORTANTES:**

Pesquisador(a) Responsável: Isis Assis Chabi

Endereço: Rua Líder comunitário Antônio Lima nº 17, km 03, Jequié-BA

Fone: (73) 3527-4996 / E-mail: isischabi4@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)  
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional  
Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

**8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

em participar do presente estudo;

com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Jequié-Bahia, 22 de janeiro de 2022.

**9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Jequié Bahia, \_\_\_\_\_ de 2022

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1- ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

#### ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

#### MULHERES VASSOUREIRAS DO KM 04 EM JEQUIÉ-BA: IDENTIDADE ÉTNICA ENTRE FAMÍLIA E TRABALHO



Esta pesquisa tem como objeto de estudo a análise de como se constituem as identidades étnicas das mulheres vassouzeiras do bairro do km 04 no município de Jequié, BA, refletindo suas relações familiares e de trabalho, quando as mesmas exercem ou exerceram em algum momento das suas vidas, a atividade de ser vassouzeira.

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome \_\_\_\_\_

Codinome: \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_/\_\_\_/2022

1. Fale um pouco sobre sua vida como menina e mulher.
2. Em termos de raça/cor/etnia, como a senhora se identifica?
3. Qual o seu vínculo religioso?
4. A senhora frequentou a escola? Até que série?
5. Quantas pessoas residem em sua casa?
6. Como a senhora contribui para a renda familiar?
7. Poderia contar sobre como a senhora aprendeu a fazer vassouras?
8. A quanto tempo você desenvolve essa atividade? Se não faz mais quanto tempo durou?
9. Alguém de sua família já realizava essa atividade? Quem?
10. Atualmente mais alguém na sua família desenvolve essa atividade?
11. Existe algum impedimento nessa atividade?
12. A senhora costuma sair para realizar a venda das vassouras?
13. A senhora está ensinando ou já ensinou a alguém a fazer vassouras?
14. A senhora já sofreu algum tipo de discriminação por desenvolver essa atividade?
15. Como a senhora enxerga a importância dessa atividade na sua vida e de sua família?
16. A senhora considera essa atividade como um trabalho importante?
17. Como é o seu dia a dia nessa atividade e nas demais que desenvolve?